



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

PABLO ROGÉRIO ROSAS COSTA

**A MIGRAÇÃO DO POVO WARAO ATÉ MANAUS: DA RUA AO ABRIGO E A
BUSCA POR UM LUGAR**

MANAUS

2022

PABLO ROGÉRIO ROSAS COSTA

**A MIGRAÇÃO DO POVO WARAO ATÉ MANAUS: DA RUA AO ABRIGO E A
BUSCA POR UM LUGAR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Amazonas, como pré-requisito para obtenção do título de Mestre em Geografia. Área de concentração: Território, Espaço e Cultura na Amazônia.

Orientadora: Profa. Dra. Amélia Regina Batista Nogueira

MANAUS

2022

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

C837m Costa, Pablo Rogério Rosas
A migração do povo Warao até Manaus : da rua ao abrigo e a busca por um lugar / Pablo Rogério Rosas Costa . 2022
129 f.: il. color; 31 cm.

Orientadora: Amélia Regina Batista Nogueira
Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Warao. 2. Migração. 3. Mobilidade cultural. 4. Manaus. 5. Circulação. I. Nogueira, Amélia Regina Batista. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

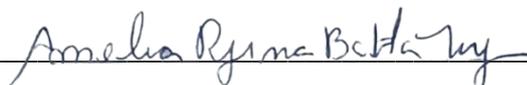
PABLO ROGÉRIO ROSAS COSTA

A MIGRAÇÃO DO POVO WARAO ATÉ MANAUS: DA RUA AO ABRIGO E A
BUSCA POR UM LUGAR

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, do Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais, da Universidade Federal do Amazonas, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Geografia.

Aprovada em: 22/06/2022

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Amélia Regina Batista Nogueira
Universidade Federal do Amazonas
Orientadora



Prof. Dr. Sidney Antônio da Silva
PPGAS – UFAM
Membro Externo



Prof. Dr. Manuel de Jesus Masulo da Cruz
Membro do PPGEQG – UFAM
Universidade Federal do Amazonas

HINO NACIONAL DA VENEZUELA NA LÍNGUA WARAO

CORO

UARAÓ TUMA IORI
KUARE ASAIA
AIDAMO A RIBU
NOME NOKOBUAE (BIS)

I

MOJOJUTANAKA (BIS)
DOKOJOTUBUAE (BIS)
A KOEJOBONA
NOMO EBUBUAE
TANE NOKOKORE (BIS)
A ISANAMO TUMA
DETABUNE UITU (BIS)
NOME JAKANAE.

II

KUANA OKO UARAKI (BIS)
NARUKUNARAHÍ (BIS)
MA WARAO TUMA
KUARIKATE OKO
KA TEJO HISAKA (BIS)
TANE OKO ABAKORE
KA IDAMO TUMA (BIS)
ATAE KARAMATE.

III

KA NOBO OBOJONA (BIS)
KA NONATU TAHÍ (BIS)
AMARIKA A RAO
HISAKA TANE.
KA ISANAMO TUMA (BIS)
ATAE NAOKORE.
KARAKA MONIKA (BIS)
OKO EJOBATE.

HINO NACIONAL DE VENEZUELA

Coro

GLORIA AL BRAVO PUEBLO
QUE EL YUGO LANZÓ
LA LEY RESPETANDO
LA VIRTUD Y HONOR (BIS)

I

!ABAJO CADENAS!(BIS)
GRITABA EL SEÑOR (BIS)
Y EL POBRE EN SU CHOZA
LIBERTAD PIDIÓ
A ESTE SANTO NOMBRE (BIS)
TEMBLÓ DE PAVOR
EL VIL EGOÍSMO
QUE OTRA VEZ TRIUNFÓ.[5] (BIS)

II

GRITEMOS CON BRÍO: (BIS)
"¡MUERA LA OPRESIÓN! (BIS)
COMPATRIOTAS FIELES,
LA FUERZA ES LA UNIÓN;
Y DESDE EL EMPÍREO
EL SUPREMO AUTOR,
UN SUBLIME ALIENTO
AL PUEBLO INFUNDIÓ. (BIS)

III

UNIDA CON LAZOS (BIS)
QUE EL CIELO FORMÓ (BIS)
LA AMÉRICA TODA
EXISTE EN NACIÓN;
Y SI EL DESPOTISMO
LEVANTA LA VOZ,
SEGUID EL EJEMPLO
QUE CARACAS DIO. (BIS)

HINO NACIONAL DE VENEZUELA (Tradução)

Refrão

GLÓRIA AO BRAVO POVO
LANÇOU O JUGO
RESPEITANDO A LEI
VIRTUDE E HONRA.
(REPETE REFRÃO)

I

CADEIAS DE BAIXO!
(REPETIÇÃO)
GRITOU O SENHOR
(REPETIÇÃO)
E OS POBRES EM SUA CABANA
CHAMADA LIBERDADE
NESTE SANTO NOME
(REPITA ND SEGUNDA VEZ)
TREMIA DE MEDO
UM EGOÍSMO VIL
QUE MAIS UMA VEZ TRIUNFOU.
(REPITA QUATRO LINHAS COMO ACIMA)

II

GRITAR COM VIGOR:
(REPETIÇÃO)
MORTE À OPRESSÃO!
(REPETIÇÃO)
AMADOS IRMÃOS,
FORÇA É A UNIÃO;
E DÁ EMPYREAN
(REPITA ND SEGUNDA VEZ)
AUTOR DO SUPREMO,
UM SOPRO SUBLIME
AS PESSOAS RESPIRAVAM.
(REPETIR LINHAS ANTERIORES QUATRO)

III

JUNTAMENTE COM LAÇOS
(REPETIÇÃO)
FORMOU O CÉU
(REPETIÇÃO)
TODA A AMÉRICA
NAÇÃO EXISTE.
E SE Ó DESPOTISMO
(REPITA NA SEGUNDA VEZ)
LEVANTAR A SUA VOZ
SEGUIR O EXEMPLO
CARACAS DEU.
(REPITA QUATRO LINHAS COMO ACIMA)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família por todo incentivo e sempre se fazer presente ao longo desses anos de mestrado: à minha mãe Maria do Livramento, minha irmã Adriana Rosas, minha irmã Janaina Rosas (in memoriam), meu irmão Rigoberto Costa (in memoriam) e meus sobrinhos.

Aos amigos da Escola CPM VIII, Escola Júlia Bittencourt e Escola Antônio Bittencourt, em especial Rafaela Carvalho e Viviane Coelho pela amizade e incentivo.

Agradeço a Márcia Grana na digitalização dos mapas mentais, ao amigo Tércio Maia e Leonardo Salazar pela contribuição na tradução dos mapas mentais

A minha amiga Vilma Brito que me acompanhou durante uma parte do trabalho de campo. Aos funcionários dos abrigos que contribuíram durante as atividades do trabalho de campo.

Ao Alfredo Brelaz sou grato por sua generosidade e suas interlocuções valiosas sobre os Warao.

À Secretaria de Estado de Educação do Amazonas – SEDUC-AM que possibilitou meu afastamento das minhas atividades docentes.

Agradeço aos amigos do mestrado Nildenir, Jéssika, Carol, Zilmar e Nilton (in memoriam), por todas as sugestões e indicações de bibliografia. A Audres, obrigado por seguirmos compartilhando nossas vidas.

Sou imensamente grato à universidade pública, a UFAM, instituição onde estudei, e a todos os professores do Programa de Pós Graduação em Geografia – PPG-GEO, que contribuíram com seus conhecimentos.

Ao Prof. Dr. Sidney Antônio da Silva da Pós-Graduação em Antropologia Social da UFAM que, ao participar da minha qualificação me estimulou a prosseguir e a avançar em temas importantes da pesquisa.

Aos Warao, sou grato pela confiança com que partilham comigo suas experiências, suas histórias e seus saberes e pela maneira gentil com que sempre me receberam. Espero, de coração, que essa dissertação contribua com seus direitos.

Agradeço, e em especial a minha orientadora Profa. Dra. Amélia Regina Batista Nogueira, por conduzir-me a pensar a abordagem que melhor apreendesse o mundo

vivido dos sujeitos e por pensar a Geografia como uma ciência cujos conhecimentos ultrapassam a racionalidade científica, o que possibilitou esta realização.

E, sobretudo, a Deus.

RESUMO

O povo Warao, etnia indígena oriunda da República Bolivariana da Venezuela, proveniente do Delta do rio Orinoco, região nordeste do país, são a segunda maior população indígena desse país, cerca de 49 mil pessoas. O território original são centenas de comunidades no estado de Delta Amacuro e regiões adjacentes dos estados de Monagas e Sucre. A partir de 2016 devido problemas políticos econômicos e sociais em que se encontra a Venezuela, um novo fluxo migratório desse grupo se estabeleceu, os Warao cruzaram a fronteira com o Brasil a partir de Pacaraima/RR porta de entrada no território brasileiro, se deslocaram até chegar a cidade de Manaus (Amazonas). A pesquisa esteve fundamentada na abordagem da Geografia Humanística Cultural numa perspectiva Fenomenológica. O método de investigação teve uma perspectiva qualitativa, alguns dados quantitativos foram coletados a partir de relatórios produzidos por diversos órgãos governamentais que trabalham com ações de acolhimento dos Warao. A proposta teve como tema a análise do povo Warao em Manaus, a partir dos lugares de passagem dessa população indígena, ocupação das ruas e os abrigos de acolhimento na cidade, como migrante indígena se esse grupo cria uma relação de identidade na cidade ou não. Os mapas mentais descrevem como os Warao representam suas vivências e os lugares de seus trajetos, nos auxiliando no acesso ao mundo vivido e os lugares de passagem de sua trajetória. Procuro entender a dinâmica da mobilidade desse povo. Utilizamos as representações gráficas dos sujeitos, as narrativas dos coordenadores dos abrigos em Manaus e os modos de gestão desta população pelos representantes do Estado e Município.

Palavras-chave: Warao. Migração. Mobilidade cultural. Manaus. Circulação.

ABSTRACT

The Warao people, an indigenous ethnic group from the Bolivarian Republic of Venezuela, from the Orinoco River Delta, northeast region of the country, are the second largest indigenous population in that country, around 49,000 people. The original territory is hundreds of communities in the state of Delta Amacuro and adjacent regions of the states of Monagas and Sucre. From 2016, due to political, economic and social problems in which Venezuela is, a new migratory flow of this group was established, the Warao crossed the border with Brazil from Pacaraima/RR, gateway to Brazilian territory, moved to reach the city of Manaus (Amazonas). The research was based on the approach of Cultural Humanistic Geography in a Phenomenological perspective. The investigation method had a qualitative perspective, some quantitative data were collected from reports produced by various government agencies that work with actions to welcome the Warao. The proposal had as its theme the analysis of the Warao people in Manaus, from the places of passage of this indigenous population, occupation of the streets and shelters in the city, as an indigenous migrant whether this group creates an identity relationship in the city or not. The mental maps describe how the Warao represent their experiences and the places on their paths, helping us to access the lived world and the passages of their trajectory. I try to understand the dynamics of the mobility of these people. We used the graphic representations of the subjects, the narratives of the coordinators of the shelters in Manaus and the ways of managing this population by the representatives of the State and Municipality.

Keywords: Warao. Migration. Cultural Mobility. Manaus. Circulation.

RESUMEN

El pueblo Warao, etnia indígena de la República Bolivariana de Venezuela, del Delta del Río Orinoco, región noreste del país, es la segunda población indígena más grande de ese país, alrededor de 49.000 personas. El territorio original son cientos de comunidades en el estado Delta Amacuro y regiones adyacentes de los estados Monagas y Sucre. A partir de 2016, debido a los problemas políticos, económicos y sociales en los que se encuentra Venezuela, se estableció un nuevo flujo migratorio de este grupo, los Warao cruzaron la frontera con Brasil desde Pacaraima/RR, puerta de entrada al territorio brasileño, se trasladaron hasta llegar a la ciudad de Manaus. (Amazonas). La investigación se basó en el enfoque de la Geografía Humanística Cultural en una perspectiva Fenomenológica. El método de investigación tuvo una perspectiva cualitativa, algunos datos cuantitativos fueron recolectados de informes elaborados por diversas dependencias gubernamentales que trabajan con acciones de acogida a los Warao. La propuesta tuvo como tema el análisis del pueblo Warao en Manaus, desde los lugares de paso de esta población indígena, ocupación de las calles y albergues en la ciudad, como indígena migrante si este grupo crea una relación identitaria en la ciudad o no. Los mapas mentales describen cómo los Warao representan sus experiencias y los lugares de sus caminos, ayudándonos a acceder al mundo vivido y los pasajes de su trayectoria. Trato de entender la dinámica de la movilidad de estas personas. Utilizamos las representaciones gráficas de los sujetos, las narrativas de los coordinadores de los albergues en Manaus y las formas de gestión de esta población por parte de los representantes del Estado y Municipio.

Palabras-clave: Warao. Migración. Movilidad Cultural. Manaos. Circulación.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa da Venezuela com os territórios tradicionais dos Warao	22
Figura 2: Território original no delta do Orinoco	23
Figura 3: Casa tradicional do povo Warao (hanoko)	24
Figura 4: Mapa do trajeto dos Warao de Tucupita até Manaus	26
Figura 6: Warao no abrigo Janokoida em Pacaraima.....	32
Figura 7: Mulher Warao fazendo a coleta nas ruas de Manaus	39
Figura 8: Mapa da trajetória Warao até Manaus	45
Figura 9: Grupo de família Warao em casa alugada no centro de Manaus	47
Figura 10: Indígenas Warao acampados no entorno da rodoviária em Manaus.....	48
Figura 11: Fachada do abrigo Alfredo Nascimento	52
Figura 12: Fachada dos abrigos Tarumã-Açu 1 e 2	54
Figura 13: Abrigo Warao localizado no bairro do Coroado	56
Figura 14: Mulher Warao carregando bebê no abrigo Alfredo Nascimento	58
Figura 15: Parte interna do abrigo Alfredo Nascimento.....	60
Figura 16: Fachada do abrigo Tarumã-Açu 1.....	67
Figura 17: Abrigo Tarumã-Açu alojamento e redário.....	67
Figura 18: Família Warao vivendo do aluguel social recebendo cesta básica	70
Figura 19: Colaboradores da OIM no abrigo Tarumã-Açu.....	72
Figura 20: Colaborador da instituição estadual no abrigo Warao	73
Figura 21: Grupo participante da oficina de mapas mentais.....	77
Figura 22: Oficina de mapas mentais no abrigo Tarumã-Açu.....	78
Figura 23: Mapa mental do trajeto e lugares de passagem da Família Jesus Antonio Borges	79
Figura 24: Trajetória e lugares de passagem da Família de Eudismary Moriane	80
Figura 25: Mapa mental do trajeto e lugares de passagem da Família Valbuena	83
Figura 26: Mapa mental da trajetória e lugares de passagem da Família de José Luís Rivero Borges	85
Figura 27: Trajetória e lugares de passagem da Família Cardona.....	86
Figura 28: Trajetória e lugares de passagem da Família de David Sanchez.....	89
Figura 29: Mapa mental da trajetória e lugares de passagem da família de Yimi Mendoza .	90
Figura 30: Mapa mental das trajetórias e lugares de passagem da família de Benigno Rivera	92
Figura 31: Trajetória e lugares de passagem da família de Alejandro Ramirez Lopez	94
Figura 32: Mapa mental da trajetória e Lugares de passagem da família de Yeliamy Zapata	96
Figura 33: Entrevistas com grupo Warao no Abrigo Tarumã-Açu 1.....	98
Figura 34: Relatos da história oral com os sujeitos mais velhos do abrigo.....	99
Figura 35: Mulher Warao preparando alimento no abrigo Alfredo Nascimento.....	103
Figura 36: Chegada de marmitas no abrigo Tarumã-Açu.....	104
Figura 37: Mulher Warao no centro de Manaus	114
Figura 38: Índios Warao retornando com a coleta para a Venezuela.....	116

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Mapeamento do povo Warao em vários lugares de Manaus.....	49
Quadro 2: Escala de atendimento médico no abrigo do Coroadó	57
Quadro 3: Circulação e deslocamento Warao.....	57
Quadro 4: Quantidade de indígenas Warao residentes no abrigo Alfredo Nascimento	59
Quadro 5: Faixa etária do grupo Warao residente no Abrigo Tarumã-Açu 2	68
Quadro 6: Quantidade de menores no abrigo Tarumã-Açu.....	69
Quadro 7: Tradução do mapa mental da família de Jesus Antonio Borges	79
Quadro 8: Tradução do mapa mental da família de Eudismary Moriane	81
Quadro 9: Tradução do mapa mental da família de Nilson Valbuena.....	83
Quadro 10: Tradução do mapa mental da família de José Luís Rivero Borges	85
Quadro 11: Tradução do mapa mental da família Cardona.....	87
Quadro 12: Tradução do mapa da família de David Sanchez	89
Quadro 13: Tradução do mapa da família de Yimi Mendoza.....	91
Quadro 14: Tradução do mapa mental da família Rivera	92
Quadro 15: Tradução do mapa da família de José Luís Rivero Borges	94
Quadro 16: Tradução do mapa da família de Yeliamy Zapata	96

LISTA DE SIGLAS

ACNUR – Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados

DPU – Defensoria Pública da União

DSEI – Distrito Sanitário Especial Indígena

FUNAI – Fundação Nacional do Índio

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MPE/AM – Ministério Público Estadual do Amazonas

MPF – Ministério Público Federal

OIM – Organização Internacional para Migrações

OIT – Organização Internacional do Trabalho

ONGs – Organizações Não Governamentais

ONU – Organização das Nações Unidas

SEAS – Secretaria de Estado de Assistência Social

SEJUSC – Secretaria de Estado de Justiça, Direitos Humanos e Cidadania

SEMASC – Secretaria da Mulher, Assistência Social e Cidadania

SEMASDH – Secretaria da Mulher e Direitos Humanos

SESAI – Secretaria Especial de Saúde Indígena

TI – Terra Indígena

UFAM – Universidade Federal do Amazonas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	17
1. A TRAJETÓRIA DO POVO WARAO: UMA MOBILIDADE CULTURAL	21
1.1. Povo Warao, originários do Delta do Orinoco na Venezuela.....	21
1.2. Os fluxos migratórios e a mobilidade cultural do povo Warao: a longa caminhada em direção ao território brasileiro	25
1.3. Warao no Brasil uma tentativa de construir uma identidade territorial.....	31
1.4. Mobilidade étnica e mobilidade urbana: novas práticas cotidianas de reterritorialização dos Warao nas cidades.....	35
1.5. Circulação dos Warao por meio das redes de parentesco.....	40
2. WARAO NA CIDADE DE MANAUS E OS LUGARES DE PASSAGEM.....	43
2.1. A chegada em Manaus: das ruas ao abrigo.....	43
2.2. Os modelos de abrigo para os Warao em Manaus	52
2.3. Coroadó: O primeiro abrigo Warao em Manaus.....	55
2.4. Abrigo Alfredo Nascimento, um lugar de passagem	58
2.5.A desmobilização para os abrigos provisórios, por conta da pandemia do coronavírus	65
2.6. Abrigo Tarumã-Açu, o isolamento na pandemia	66
2.7. Abrigos como instituições de espaços demarcados e segregados	71
3. A REPRESENTAÇÃO DOS CAMINHOS PERCORRIDOS PELO POVO WARAO: EM BUSCA DO LUGAR E O OLHAR DO OUTRO.....	75
3.1. Mapas Mentais dos Warao do abrigo Tarumã-Açu: representando os caminhos da Migração	75
3.2. A história oral contada pelos mais velhos do abrigo Tarumã-Açu	98
3.3. Os Warao, sob o olhar do outro: quando o lugar é um não lugar, alimentação uma resistência cultural nos abrigos	101
3.4. O ritual do curandeirismo no abrigo Alfredo Nascimento	105
3.5. Alcoolismo e a relação com o ritual fúnebre no abrigo Alfredo Nascimento	110
3.6. A coleta: uma tradição cultural do povo Warao.....	114
CONSIDERAÇÕES FINAIS	119
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	122
ANEXO.....	128

INTRODUÇÃO

A dissertação que apresentamos com o tema a migração do povo Warao até Manaus: da rua ao abrigo e a busca por um lugar traz uma análise da migração do povo Warao até Manaus e os diferentes lugares de passagem dessa população indígena, que ocuparam ruas e casas alugadas na cidade antes de serem remanejados para os abrigos de acolhimento. Essa população indígena migrou para o Brasil, a partir da crise econômica e política na República Bolivariana da Venezuela, após uma longa trajetória e vários lugares de passagem, nossa pesquisa se propõe a verificar quais as estratégias de territorialização e de identidade que esse grupo vem construindo nos lugares e as consequências deste fenômeno para esse povo.

O tema nos chamou atenção por inúmeros motivos, inicialmente da observação do fenômeno da migração dos venezuelanos que se tornava muito presente na cidade de Manaus, encontrávamos os Warao nas ruas e próximo de sinais de trânsito. Para consolidar essa proposta realizamos uma visita em junho de 2019 no Terminal Rodoviário de Manaus, onde se encontrava um grupo de venezuelanos acampados no entorno da rodoviária, foi quando me deparei com um grupo bem menor de pessoas, separadas e diferenciadas, na verdade era um grupo indígena da etnia Warao nos chamou bastante atenção, pois pretendíamos pesquisar migração venezuelana, independente de identificarmos os sujeitos que estavam vindo.

Foram vários questionamentos que surgiram naquele momento: qual a etnia desse grupo? De que lugar eles vêm? Como estão se territorializando na cidade e como é que essa etnia se coloca numa outra nação que não é a venezuelana?

A partir daí começamos a observá-los com um olhar mais atento nos semáforos e outros pontos de circulação de gente, identifiquei em vários pontos da cidade principalmente as mulheres com roupas coloridas fazendo a coleta e com crianças de colo. De todas as indagações e questionamentos que norteia essa pesquisa, as principais são: eles querem manter a sua cultura, as suas tradições ou eles vão se inserir junto com a população, ou ainda estão somente de passagem.

Diante disso, surgiu a inquietação para realizar o estudo do povo Warao, da sua resistência física e cultural diante de um mundo tão diferenciado do seu. Esse trabalho se justifica pela importância em compreender e apontar reflexões sobre a temática indígena na cidade, e como essa pesquisa pode contribuir para o

entendimento acerca dos processos de migração desses povos em ambientes tão diferentes dos deles.

O primeiro contato com os indígenas Warao, aconteceu em julho de 2019, através da Senhora Vilma Brito da Secretaria de Estado de Justiça, Direitos Humanos e Cidadania – SEJUSC, que trabalhava no posto de acolhida ao imigrante venezuelano e ao indígena Warao, dentro do Terminal Rodoviário de Manaus, e que nos apresentou a um grupo Warao que estavam acampados no entorno do Terminal Rodoviário.

Em outro momento a Senhora Vilma nos acompanhou ao abrigo Alfredo Nascimento, nos apresentou ao Senhor Alfredo Brelaz na época coordenador do abrigo, que passou informações iniciais sobre o funcionamento do lugar, nos orientou sobre a necessidade de declaração da UFAM como instituição do pesquisador, para que a Secretaria Municipal da Mulher, Assistência Social e Cidadania – SEMASC, autorizasse nossa entrada o que levou algum tempo, somente depois dos trâmites conseguimos iniciar o trabalho de campo e a pesquisa dentro do abrigo.

No ano seguinte em março de 2020 quando nos preparávamos para dá continuidade ao trabalho de campo, foi interrompido devido a pandemia de Covid-19, no mês de abril a prefeitura de Manaus desativa o abrigo Alfredo Nascimento, como forma de diminuir a aglomeração e evitar a contaminação. Toda a população do abrigo foi remanejada para cinco abrigos provisórios. No final do ano conseguimos autorização com restrições para visita e coleta de dados, agora no abrigo permanente do Tarumã-Açu.

Para o embasamento teórico da pesquisa sobre o povo Warao, recorreu-se a informações do Diagnóstico e Avaliação da Migração Indígena da Venezuela para Manaus, Amazonas da Organização Internacional para Migração – OIM e do Parecer Técnico acerca da situação dos indígenas da etnia Warao na cidade de Manaus, provenientes da região do delta do Orinoco, na Venezuela, solicitado pela PR-AM de Manaus elaborado pelos antropólogos do MPF/AM.

Houve mudanças na metodologia prevista em virtude da pandemia por covid 19 devido às restrições de entrada nos abrigos, a metodologia foi reconduzida, foram pensadas novas estratégias para obtermos outros dados. A coleta de informações foi obtida com os coordenadores do abrigo, através de entrevistas abertas e na visão das

narrativas desses gestores públicos em relação ao grupo étnico. O relato dos coordenadores dos abrigos em Manaus, foram fontes importantes para que o trabalho fosse possível. O entrevistado fundamental foi o coordenador do abrigo Alfredo Nascimento, Senhor Alfredo Brelaz.

Nosso trabalho de campo não se configurou como um deslocamento para um lugar exótico, distante ou de longos períodos de permanência no campo. Ele foi realizado em Manaus/AM com idas aos lócus da pesquisa de forma alternada. Realizamos visitas e pesquisa de campo na rodoviária e nos três abrigos Alfredo Nascimento, Tarumã-Açu 1 e Tarumã-Açu 2. O trabalho se configura numa metodologia qualitativa, no entanto utilizamos dados quantitativos secundários coletados de diversos relatórios que tivemos acesso sobre os Warao. O recorte temporal da pesquisa compreende o período de 2019 até 2021.

Para organizar melhor esse trabalho foi realizado visitas nas ocupações de rua e nos abrigos para conhecer o povo Warao, as conversas e depoimentos dos sujeitos e dos gestores dos abrigos foram de muita importância para o desenvolvimento da pesquisa.

Em novembro 2020, no período pandêmico conseguimos autorização, com os devidos cuidados, para iniciar a pesquisa no abrigo Tarumã-Açu, na segunda visita ao abrigo fui acompanhado da minha orientadora, nesse dia organizamos um lanche para o grupo participante, o procedimento tomado nessa etapa foi de história oral, priorizadas as pessoas mais velhas para colher história de vida.

Em março de 2021 quando nos preparávamos para realizar atividade com um grupo de Warao, para confeccionar mapas mentais no abrigo Tarumã-açu1, não foi permitido a nossa entrada no abrigo devido às restrições por conta do aumento de casos de transmissão da Covid-19 em Manaus, a estratégia foi pedir ajuda dos colaboradores que atuavam no abrigo para tornar possível realizar essa atividade.

A coordenação do abrigo nos autorizou para levar o material, cartolinas e lápis de cor, para ser utilizado na oficina de mapas, e que deixasse na entrada do abrigo, solicitamos o apoio dos colaboradores do abrigo, entre eles a indígena Warao a senhora Yuri Mendoza Blanco, que participou como apoio na comunicação e tradução na língua Warao e a Senhora Aderita Zany que tem a função de cuidadora social no abrigo com a formação em psicologia.

Esta dissertação se dedica a compreender a partir do deslocamento dos Warao para o Brasil, a dinâmica cultura desse povo, a circulação e os lugares de passagem a partir da experiência de Manaus, faço uso do termo mobilidade cultural no sentido de demonstrar que esse movimento envolve “pessoas, habilidades, saberes e sobretudo a ancestralidade desse povo”. A intenção é refletir não somente nos abrigos de acolhimento, mas nas etapas dessa jornada ou sobre os pontos de partida e de chegada, e de que forma os Warao estão se resignificando na cidade de Manaus.

A estrutura da dissertação está construída em três capítulos: o primeiro capítulo trata da caminhada dos Warao em direção ao Brasil até a chegada na cidade de Manaus, onde tivemos como base para a escrita os relatórios da OIM e da ACNUR, os quais nos deram embasamento para conhecer o contexto e a razão desse fluxo migratório. No segundo capítulo relatamos a chegada do povo Warao até Manaus e os lugares de passagem: nas ruas, as casas alugadas no centro da cidade e os abrigos de acolhimento. Essa pesquisa foi através dos relatos, das observações, documentos e autores que nos serviram de base para entendimento desta diáspora.

No terceiro capítulo, foi realizado um estudo etnográfico sobre os costumes dessa população nos espaços urbanos, foi utilizado também como recurso para compreender essa migração os mapas mentais, através dos mapas os sujeitos representam o máximo de detalhes possíveis dos lugares percorridos, a trajetória percorrida do seu território até Manaus, os mapas foram realizados através de oficinas no próprio abrigo Tarumã-açu com grupos familiares, cada família confeccionou seu mapa mental.

Segundo Nogueira (2014) os mapas mentais são mais do que uma imagem de “sobrevôo”, isso porque, eles são representações de quem habita e vive no lugar, nos demonstram o que neles vem representado e expressa realmente o lugar como ele é. Nesse caso a trajetória dos Warao até Manaus, para perceber como os lugares de passagem são representados pelo grupo, ainda utilizamos o procedimento de história oral desses sujeitos, para compreender melhor esse grupo em um lugar, que não é o seu lugar.

1. A TRAJETÓRIA DO POVO WARAO: UMA MOBILIDADE CULTURAL

Por inúmeras razões povos indígenas de diferentes etnias ao longo da história deixam suas terras em busca de melhores condições de vida. Neste estudo trazemos a experiência vivenciada pelo Warao, que a partir de 2014 inicia uma diáspora para o Brasil por motivos políticos e socioeconômicos, que lhes afetou drasticamente sua subsistência. O seu lugar de origem passa a ser um lugar de lutas e resistência.

1.1. Povo Warao, originários do Delta do Orinoco na Venezuela

A Venezuela, oficialmente República Bolivariana da Venezuela, é um país da América localizado na parte norte da América do Sul, constituída por uma parte continental e um grande número de pequenas ilhas no Mar do Caribe, cuja capital e maior aglomeração urbana é a cidade de Caracas. Possui uma área de 916.445 km², sendo o 32º maior país no mundo em território. Suas fronteiras são delimitadas a norte com o Mar do Caribe, a oeste com a Colômbia, ao sul com o Brasil e ao leste com a Guiana, em 2018 a estimativa de sua população era de 28.067 mil habitantes e a capital nacional é Caracas.

Em maio de 2018, Maduro foi reeleito em uma eleição controversa, não reconhecida pela oposição e por grande parte da comunidade internacional. Atualmente, o país enfrenta uma grave crise socioeconômica e política que afeta grande parte da população. Após a morte de Hugo Chávez, o desenvolvimento do país apresentou diversas baixas. O agravamento da situação se dá pela queda do preço dos barris de petróleo, a maior riqueza venezuelana. Uma das principais consequências do déficit da economia é a escassez de itens essenciais como alimentos, utensílios de cuidado pessoal e até medicamentos. Devido ao momento turbulento que a nação comandada por Nicolás Maduro vive, alguns venezuelanos pedem refúgio ao Brasil como opção para escapar das dificuldades atuais (VASCONCELOS, 2018).

Figura 1: Mapa da Venezuela com os territórios tradicionais dos Warao



Elaboração: Ednaldo Severo (2022).

De acordo com Vasconcelos (2018), a atual crise político-econômica vivida na Venezuela atualmente é um reflexo de uma série de episódios que vem ocorrendo no país desde a transição do governo de Hugo Chávez para Nicolás Maduro. A partir da queda do valor comercial do principal expoente da economia nacional, o barril do petróleo, a estabilidade do plano de governo chavista foi abalada e os efeitos acabaram atingindo alguns serviços essenciais para a população. Com todo cenário delicado enfrentado na Venezuela, muitos habitantes vieram para o Brasil com o objetivo de se estabelecerem junto com sua família, e entre o contingente populacional que migrou para o Brasil está o povo Warao.

Segundo Silva e Torelly (2018), os Warao são um povo originário do Delta do Orinoco no Estado Delta Amacuro, estão presentes também em três estados da Venezuela: Monagas, Bolívar e Sucre. Eles se auto definem como Warao, etnônimo comumente atribuído à expressão Wa Arao “povo das canoas” ou “navegantes”, referência aos habitantes do litoral caribenho tidos como hábeis canoeiros e pescadores (GASSÓN e HEINEN, 2012). São dedicados à pesca e à coleta de

produtos para complementar a alimentação. A palmeira de buriti ou morichi, na língua Warao, vegetal abundante nos canais do delta, é recurso fundamental para sua economia e cultura, fornecendo matéria-prima para casas, embarcações e alimento. A agricultura foi introduzida tardiamente por missionários oriundos da Guiana, no fim da década de 1920, particularmente com o cultivo do ocumo chino, um tubérculo rico em amido.

Figura 2: Território original no delta do Orinoco



Fonte: Amazônia Real (2017).

Conforme estudos de Rosa e Quintero (2020) a sociedade Warao representa um grupo étnico plural. Segundo as investigações arqueológicas, suas origens podem ser datadas há mais de oito mil anos na região do Delta do rio Orinoco (AYALA LAFÉE-WILBERT e WILBERT, 2008), o que atualmente corresponde ao nordeste da Venezuela, mais especificamente ao estado Delta Amacuro e as suas adjacências com os estados Sucre, Monagas e Bolívar. A presença antrópica na região com a qual está aparentada a sociedade Warao denomina-se na literatura histórica e arqueológica como “tradição Barrancas”. Tal tradição não está aparentada com as duas grandes matrizes culturais da região pertencentes aos troncos linguísticos Arawak e Karib, de modo que, os Warao pertencem a uma família linguística independente das duas anteriores, os quais correspondem a padrões de assentamento e processos de territorialização internos de longa data.

O padrão de assentamento tradicional dos Warao é formado a partir de comunidades ribeirinhas, constituindo assim pequenas comunidades ou “rancherías” habitadas até por 200 pessoas. A casa tradicional Warao (hanoko) está construída

sobre as águas para aproveitar a geografia dos diversos rios e riachos que compõem o território do Delta do Orinoco (HEINEN e GASSÓN, 2016; WILBERT, 1993).

Figura 3: Casa tradicional do povo Warao (hanoko)



Fonte: Amazônia Real (2017).

Moreira (2018) afirma que o povo Warao que vive na região do Delta Orinoco, conta com uma população de quase 50.000 pessoas, sendo a segunda maior etnia da Venezuela. Apesar de uma história de contato de cinco séculos, eles mantiveram sua língua materna. Desde os anos 1960, seu território, embora protegido pela legislação ambiental da Venezuela, sofreu intervenções externas de exploração de petróleo e construção de barragem, com impactos ambientais diretos nos canais do delta, onde a salinização da água e do solo trouxeram consequências para as atividades tradicionais de subsistência, limitando o uso de recursos naturais, entre elas, a pesca, além da agricultura.

Em se tratando dos Warao, diversos fatores, tais como a tragédia ambiental do represamento do rio Manamo (GARCIA,1999) a deterioração das condições de subsistência e a invasão progressiva de suas terras por agricultores e pecuaristas causaram, desde a década de 1970, o êxodo territorial dessa etnia para os centros urbanos da Venezuela, intensificado nos últimos anos. Interessante notar, porém, que mesmo vivendo no ambiente urbano, os indígenas Warao tentam manter muitos aspectos de sua cultura e a coesão do grupo, retornando quando conveniente ao lugar de origem (GARCIA CASTRO, 2019).

Além disso, o povo Warao conviveu por décadas com a exploração externa dos recursos madeireiros, em seus territórios tradicionais. Nos anos 90, após forte diminuição da presença dos madeireiros, e da dispersão de parte da população Warao que foram empregadas no trabalho das empresas madeireiras, os Warao enfrentaram uma epidemia do cólera, com um impacto junto a esta população. Todas estas perdas ainda estão bem presentes na memória deste povo, o medo da perda de suas crianças vem sendo registrado ainda hoje nas conversas com os Warao envolvidos no deslocamento ao Brasil.

De acordo com Ribeiro (2019) a etnia Warao é a maior e mais antiga população indígena venezuelana, povo tradicional originário da Venezuela habitantes de regiões ribeirinhas, tradicionalmente sobrevivem da pesca e da venda de artesanatos. Com a crise atual na Venezuela estes indígenas passaram a migrar inicialmente para diversas cidades da região norte do Brasil, acarretando muitos desafios a serem enfrentados, pela experiência nunca vivenciada pelos municípios e a especificidade dos indivíduos em trânsito.

Fazer algo para enfrentar a penúria de alimentos e a escassez de medicamentos, hoje registrada na Venezuela, para os Warao, pode ser entendido como uma continuidade de suas estratégias de resistência, busca de alternativas e soluções, que marcaram sua ação nos tempos do cólera, onde mais de quinhentos Warao perderam suas vidas.

1.2. Os fluxos migratórios e a mobilidade cultural do povo Warao: a longa caminhada em direção ao território brasileiro

Por meio do relatório da Organização Internacional para Migração – OIM, que é um Diagnóstico e Avaliação da Migração Indígena da Venezuela para Manaus, Amazonas, é possível fazer uma análise da imigração venezuelana na cidade de Manaus desde as políticas sociais e as recomendações de políticas públicas de acolhimento, saúde e educação para os Warao.

A trajetória de um fluxo migratório é definida segundo sua origem e destino. Os desequilíbrios econômicos regionais são os principais fatores que levam ao surgimento das trajetórias migratórias. Uma grande parte da população indígena, ultimamente encontra-se vivendo em áreas urbanas, esse processo é resultante da migração, ou seja, do deslocamento de sujeitos dentro de um espaço geográfico,

estabelecendo assim relações frequentes com a sociedade que os circundam, recebendo os impactos diretos e indiretos dessas inclusões.

Para Santos (2019), motivados pela crise política e econômica de seu país de origem, os Warao se deslocaram de sua região de origem, do Delta do Orinoco, na República Bolivariana da Venezuela, para o Brasil, entrando pelo município de Pacaraima, cidade fronteiriça com a cidade venezuelana de Santa Elena do Uairén. A chegada dos índios da etnia Warao no Brasil foi um fenômeno considerado novo, pelo fato desse grupo étnico não viver na região fronteiriça com o estado brasileiro.

Figura 4: Mapa do trajeto dos Warao de Tucupita até Manaus



Elaboração: Ednaldo Severo (2022).

Os Warao conforme o mapa (figura 4) seguiram uma rota de cerca de 930 km, muitos partindo da cidade de Tucupita no Estado de Delta Amacuro, na Venezuela, passando pelas cidades de Ciudad Guayana, San Felix, Puerto Ordaz chegando à cidade fronteiriça de Santa Elena do Uairén. Daí eles atravessam a fronteira para o lado brasileiro, passando ou se fixando na cidade de Pacaraima em Roraima. (SANTOS, 2019).

De acordo com Santos (2019) eles chegaram em Boa Vista, capital do estado de Roraima, por via terrestre através da BR-174, uma parte dessa população seguiu para a cidade de Manaus capital do estado do Amazonas, seguindo a mesma rota. A viagem de aproximadamente 800 Km entre as cidades de Boa Vista e Manaus de ônibus, têm a duração de dez a doze horas, com o custo de passagem aproximado de R\$ 160,00(cento e sessenta reais).

Assim, consolida-se a migração desse povo para o Brasil, mais precisamente para a cidade de Manaus, no Amazonas. A diversidade e as razões pelas quais acontecem os fluxos migratórios fazem com que, praticamente todos os países que já tenham vivenciado esses processos de migração, procurem medidas de acolhimento e implantação e implementação de políticas públicas que venham amenizar as consequências socioeconômica estabelecidas nos diferentes contextos da história e das grandes transformações de cada época, que imprimem e atribuem diferentes características a este fenômeno.

O ato de migrar está intrinsecamente ligado ao movimento espacial de uma determinada população ou de indivíduos, durante certo período de tempo. Nesse sentido, migrar é movimentar-se, ter

[...] mobilidade espacial, ou seja, ter habilidade de mover-se no espaço, é o fenômeno que pode envolver não apenas a migração, considerada como mudança de lugar de residência, mas também os movimentos diários dos quais os mais conhecidos são os pendulares (LOBO e CUNHA 2011, p. 7).

Neste dialogo não podemos deixar de pensar no lugar de chegada do migrante, como lugar de morada, assim como as mudanças na estrutura e na dinâmica da população que recebe esse contingente.

Deslocamentos de todos os tipos fazem parte habitual do caráter da normalidade econômica e social, como nos fala Heidmann (2003). Migração e mobilidade se tornaram duas das mais utilizadas palavras chave das sociedades contemporâneas. A situação demográfica atual do mundo inteiro, é fortemente influenciada por deslocamentos populacionais volumosos (idas, voltas e circulações) de uma ordem numérica nunca vista antes. Para o autor existem diversas tentativas de descrever e interpretar o fenômeno não somente estatístico, mas de uma forma ontológica ou culturalmente.

Migração não é um processo possível de ser explicado, a partir de si mesmo; não é um fenômeno de uma mudança meramente cultural, na qual se demonstra um novo caráter “nômade” ou até aquela “essência humana” propriamente nômade, como alguns filósofos pós-modernos afirmam. Portanto a migração pode ser explicada apenas como fenômeno da história social concreta (HEIDMANN, 2003, p. 18).

Para entender o fenômeno das migrações maciças, pela ótica de Heidmann, (2003), é necessário analisar este fenômeno na dependência do desenvolvimento do capitalismo global, do seu fluxo de dinheiro e mercadorias, como também da sua capacidade maior ou menor de aplicação de força de trabalho. Só a partir desses fatores poderá ser compreendido o fenômeno das migrações.

Silva e Torelly (2018, p.15) confirmam que o primeiro levantamento sobre este grupo no Brasil já havia sido apontado por Moreira e Camargo (2017), que constataram que as motivações dos deslocamentos Warao para o Brasil são diversas, entre elas, as precárias condições de permanência em seus territórios tradicionais na Venezuela; A difícil situação econômica dos indígenas no contexto urbano daquele país, deteriorada ainda mais pela crise nacional venezuelana. A falta de segurança alimentar e a ausência de assistência médica e educacional, situações que os fazem ter expectativas diferentes quanto à sua permanência no Brasil; além desses fatores de ordem estrutural, a proximidade geográfica e a facilidade de acesso à fronteira brasileira via transporte rodoviário, contribuíram para direcionar o fluxo migratório dos Warao para o território brasileiro.

Os impactos ambientais e socioeconômicos descritos nos ajudam a entender a vinda dos Warao para o Brasil. Ventura (2018, p. 20) expõe que a retração das políticas públicas nos últimos anos, nas áreas de saúde e educação “nas comunidades implementadas pelo Estado venezuelano, sobretudo na década de 2000 ampliou o campo de dificuldades, e uma parte do povo Warao optou por novas estratégias de mobilidade que os conduziram, neste caso, para o Brasil”.

Silva e Torelly (2018, p. 15) nos faz refletir também sobre os deslocamentos dos Warao no contexto venezuelano para outros países vizinhos, como Trinidad e Tobago, não são uma novidade, assim a migração para o Brasil se apresenta como um fato novo e, como tal, deve ser analisado num contexto mais amplo das migrações internacionais.

Nesse sentido Silva e Torelly (2018, p. 15) apresentam três conceitos podem nos ajudar a entender as dimensões destes deslocamentos. O primeiro é o conceito

de “migração de crise”, o segundo é o de “migração forçada” e o terceiro é o de “redes migratórias”.

O primeiro pressupõe que a crise “é socialmente construída na origem [...], mas também anuncia a crise migratória no destino, por meio dos regimes de controle migratório e das restrições à imigração” (BAENINGER e PERES, 2017 apud SILVA e TORELLY, 2018).

E nos chamam atenção para o uso da expressão “ideia de crise” pelos Estados nacionais envolvidos na migração como subterfúgio para suas ações ou omissões em relação aos problemas enfrentados pelos imigrantes, já que estes passam a ser responsabilizados pelo “caos” que o fluxo migratório pode ensejar.

Assim, Silva e Torelly (2018, p. 15) salientam que,

[...] a “migração de crise” pode ser usada pelo país receptor como discurso político e ideológico para criminalizar os migrantes e, por outro, para justificar o possível “caos” gerado por eles e a ausência de políticas públicas de acolhimento, já que o “problema” sempre vem do outro lado da fronteira, portanto justifica, inclusive, o fechamento desta aos imigrantes.

Já o conceito de migração “forçada”, Jarochinski (2017 apud SILVA e TORELLY, 2018, p. 15) pressupõe que os fatores estruturais de ordem sociopolítica e econômica têm um peso determinante na decisão de emigrar, pois, em alguns casos, a vida do migrante pode estar em perigo por situações de violência e ameaças. Sendo assim, o problema não está somente para onde ir, visto que os países fecham suas fronteiras para determinados grupos de imigrantes.

Silva e Torelly (2018, p. 15) ainda enfatizam que tanto o conceito de “migração de crise” e de “migração forçada”, quando aplicados de forma generalizada, correm o risco de vitimizar os sujeitos migrantes, transformando-os em meros “objetos” de políticas de acolhimento emergenciais, como é o caso dos campos de refugiados. Realmente, como enfatizam os autores, generaliza-se os sujeitos migrantes sem se ater as diferenças entre eles, seja de classe, gênero, cultura, raça e faixa etária e engloba-los numa única categoria jurídica nem sempre pode ser um ato de emigrar

No caso dos Warao, em se tratando de uma trajetória de verdadeiro fluxo migratório apoiado nas redes familiares, concordamos que conceito de redes migratórias e sociais (TRUZZI, 2008 apud SILVA e TORELLY, 2018, p. 15) possa contribuir mais do que os citados anteriormente para entender a dinâmica desta

imigração, pois essas redes são decisivas tanto nos locais de partida quanto nos de chegada ou passagem e, como tais, são fundamentais para manter o fluxo migratório ativo.

De acordo com Silva e Torelly (2018, p. 15) as redes migratórias são aquelas que se formam em função de um fluxo específico, as redes sociais podem anteceder os fluxos migratórios e, em geral, estão ancoradas em laços de consanguinidade e amizade. Nesse caso, o protagonismo dos migrantes é ressaltado, já que as decisões de partir são tomadas com base nas informações que a rede faz circular. Contudo, tais redes podem ser também manipuladas por indivíduos inescrupulosos para atender outros interesses, como é o caso do tráfico de pessoas. Nesse caso, elas se transformam em formas de controle e de exploração.

Santos (2019) também afirma quanto aos Warao, não se dispõe de elementos para inferir as razões da não garantia dos direitos constitucionais desse povo que pode ter culminado com a mobilidade que ora se analisa. Os Warao saíram de seus territórios, atravessaram a fronteira física, cultural e social, até chegar ao território brasileiro. Fronteira física determinada por uma linha imaginária, muitas vezes demarcadas por marcos fronteiro, cujos estados, nações utilizam para demarcarem seus territórios, fronteiras culturais e sociais, onde as culturas se chocam e os indivíduos reconhecem seus semelhantes e excluem seus diferentes, fortalecendo assim suas identidades étnicas.

Uma grande parte da população indígena, ultimamente encontra-se vivendo em áreas urbanas, esse processo é resultante da migração, ou seja, do deslocamento de sujeitos dentro de um espaço geográfico, estabelecendo assim relações frequentes com a sociedade que os circundam, recebendo os impactos diretos e indiretos dessas inclusões.

Para Soneghetti (2017, p. 8) a crise foi marcada pela queda nos preços do petróleo, conseqüentemente:

[...] baixa produção econômica, altos níveis de desemprego, desvalorização da moeda e hiperinflação, ocasionou perdas de programas sociais e redução de seus valores, bem como a escassez de bens alimentícios e a dificuldade de acesso a eles, potencializando os fluxos migratórios dos Warao para as zonas urbanas de países vizinhos, como é o caso do Brasil. Na atual conjuntura econômica venezuelana, o deslocamento de indígenas Warao para as cidades brasileiras é motivado fundamentalmente pela busca de alimentos, trabalho fixo ou temporário e dinheiro, além de acesso a saúde.

Neste entendimento tenta-se compreender o fenômeno da migração do povo Warao para o território brasileiro. Tradicionalmente, habitantes do delta do rio Orinoco na Venezuela, como um grupo étnico bastante diverso na sua forma de organização social e costumes, compartilham uma língua comum, também chamada Warao e totalizando atualmente, cerca de quarenta e nove mil indivíduos (DURAZZO, 2020).

Voltando a falar sobre as redes migratórias, podemos perceber através de Castiglione (2009, p. 48) que, entre os vários estudos sobre o tema, muitos preconizam que os “migrantes não devem ser considerados individualmente, mas como integrantes de estruturas sociais mais amplas, cujos atores realizam conjuntamente as várias etapas do empreendimento migratório”. A decisão de partir não é individual, mas uma estratégia que envolve outros grupos sociais, como a família, ou grupos mais extensos, conclui a autora. Assim, compreendemos o fluxo migratório dos Warao enquanto redes de solidariedade, amizade subjacentes às redes de parentesco e de pertencimento ao local de origem, em que se fortalecem nessa saga ao longo do território brasileiro.

1.3. Warao no Brasil uma tentativa de construir uma identidade territorial

No Brasil, há registros de presença do povo Warao desde 2014, tendo se intensificado a cada ano. Pela localização geográfica da Venezuela, situada ao norte da América do Sul, os primeiros lugares dessa migração em terras brasileiras, deu-se inicialmente através da região norte do Brasil, especificamente a região de fronteira terrestre entre Brasil e Venezuela, passando pelas cidades de Pacaraima e Boa Vista no estado de Roraima, e Manaus no estado do Amazonas. Mas há relatos dos Warao de que eles intensificam essa mobilidade viajando para outros estados brasileiros.

Como podemos perceber, devido à proximidade geográfica com a Venezuela, as primeiras terras brasileiras ocupadas pelos Warao foi a região Norte do Brasil, os estados de Roraima, Amazonas, e depois se expandindo para outros estados. Como o custo dos deslocamentos é alto, nem todos os membros de uma família nuclear conseguem se deslocar ao mesmo tempo para o Brasil. É comum a vinda gradual de familiares que acabam se encontrando em Pacaraima, Boa Vista ou Manaus. Nesses locais também há o encontro de famílias que já se conheciam anteriormente e estabeleciam relações nos *caños* ou nas cidades venezuelanas.

No entanto, há também famílias Warao que só passaram a se conhecer em território brasileiro. Muitos Warao relataram ter chegado em Boa Vista entre o final de 2016 e o início de 2017, onde permaneceram abrigados no terminal rodoviário ou no Centro de Referência ao Imigrante (CRI), inaugurado em dezembro de 2017. Por meio das leituras e documentos, reportagens, registros fotográficos é possível observar que a forma como estes sujeitos chegavam, abrigavam-se e de qualquer modo organizavam seu alimento, o lugar para dormir e fazer o (re)conhecimento do lugar onde estão se estabelecendo.

Figura 5: Warao no abrigo Janokoida em Pacaraima



Fonte: Marcelo Camargo/Agência Brasil.

Dessa forma, o novo habitat nos centros urbanos constitui-se nas ruas, praças, terminais rodoviários e ou nos locais de grande fluxo e passagens das pessoas neste novo lugar. Neste sentido, observamos que surge um espaço territorial do migrante, onde o processo de relações sociais, econômicas, políticas e culturais acontecem.

Este processo, para Saquet e Briskievicz (2009) corresponde a territorialidade, que é o resultado do processo de produção de cada território, sendo fundamental para a construção da identidade e para a reorganização da vida cotidiana de um indivíduo ou de um grupo social. Rodriguez (2006), observou que o espaço em movimento, binômio de território e mobilidade, foi crescendo dentro de uma cartografia relacional insinuada pela mobilidade dos Warao. Sua territorialidade incessante trouxe as implicações de seu ethos migratório com novas conotações culturais em situação de

contato. Essa territorialização nos dá uma dimensão do processo de desterritorialização, de expulsão, de situações político econômicas que acabaram produzindo fugas, para evitar o desaparecimento étnico.

A reterritorialização, isto é a ocupação de outros territórios é uma prática que os Warao estão legitimando devido à demora de políticas públicas, pela Venezuela, voltada para atender as necessidades do povo Warao. Nesse entendimento, Moreira (2019) afirma que a novidade colocada pela chegada dos Warao no lado brasileiro é o fato deles não terem relações de parentesco ou outro tipo de aliança com os indígenas no Brasil. De certa forma, o que podemos ver é que as relações de parentesco entre populações que falam a mesma língua e que vivenciaram na história recente mobilidades nas fronteiras nacionais, contam com outras alternativas em suas estratégias de acolhida nos países vizinhos.

Concordamos com Santos (2007) que a territorialidade não provém do simples fato de viver num lugar, mas da comunhão que com ele mantemos. No modo de ver deste autor “o território em que vivemos é mais que um simples conjunto de objetos, mediante os quais trabalhamos, moramos, mas também um dado simbólico, sem o qual não se pode falar de territorialidade”.

Dialogamos com Saquet e Briskievicz (2009), ao ver que o resultado do processo de produção de cada território, é fundamental para a construção da identidade e para a reorganização da vida cotidiana. O território, portanto, se efetiva quando os indivíduos estão em relação com os outros indivíduos, essa relação social, deve ser recíproca, e o território é concebido como territorialidade.

Atualmente tem-se buscado compreender os aspectos identitários privilegiando o contraste, a multiplicidade e a diferença, expressando a diversidade das relações e dos papéis sociais, que são os modos de auto percepção. No entendimento sobre o processo de construção de identidades deve-se considerar caráter contextual e relacional da mesma, tendo em vista que toda e qualquer identidade é construída. Buscando-se compreender como, por que, por quem e para que isso acontece, para Castells (2018, p. 22), a identidade é definida como

[...] o processo de construção de significados com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significados, podendo haver múltiplas identidades para determinado indivíduo ou ator coletivo.

O caráter dinâmico da identidade também é mencionado por Haesbaert (2007), utilizando-se do termo “processos de identificação” que traduz melhor a ideia de dinamismo e o caráter relacional da mesma. Destaca-se, contudo que o caráter dinâmico e relacional da identidade, não significa necessariamente fragilidade frente ao dinamismo imposto pelas relações estabelecidas no território.

Toda identidade territorial é uma identidade social definida fundamentalmente através do território, ou seja, dentro de uma relação de apropriação que se dá tanto no campo das ideias quanto no da realidade concreta, o espaço geográfico constituindo assim parte fundamental dos processos de identificação social (...) trata-se de uma identidade em que um dos aspectos fundamentais para sua estruturação está na alusão ou referência a um território, tanto no sentido simbólico quanto concreto. As considerações [...] apontam uma estreita relação entre o território e os processos de construção identitária (HAESBAERT, 1999, p. 172).

Desta forma, se toda identidade territorial é uma identidade social, o contrário pode não ocorrer. A identidade territorial tem como referencial obrigatório o território, a fração mais restrita do espaço, podemos afirmar que não há território sem não houver identificação e valorização simbólica do espaço pelos habitantes.

A identidade social é também uma identidade territorial quando o referente simbólico central para a construção desta identidade parte do ou transpassa o território” (178). A identidade territorial por apresentar como aspecto definidor a referência a um território deve também considerar essa identificação no âmbito humano-social. Identificar-se é sempre uma relação social, um processo reflexivo, relacional e dialógico, pois: (...) trata-se sempre de uma identificação em curso, e por estar sempre em processo/relação, ela nunca é una, mas múltipla. Toda identidade só se define em relação a outras identidades, numa relação complexa de escalas territoriais e valorizações negativas e positivas (HAESBAERT, 1999, p. 174-175).

A compreensão que se tem ao ler esses autores acima citados é que a territorialidade ao se apoiar sobre uma relação interna e sobre uma relação externa, oscila continuamente entre o que a pessoa é, e o que deverá ser, limitando esse sujeito as características inerentes a esse novo território.

Além disso, a afirmação das identidades em se tratando de migrantes, enquanto processo de significação construída, também por suas representações, posicionam os sujeitos dentro de um grupo, dando sentido aquilo que são e o que podem ser. Ao reafirmar o sentido de pertencer a algo, ou no qual o sujeito está inserido, a identidade cria as condições para a continuidade de uma trajetória e serve para orientar seus comportamentos e inventar estratégias de sobrevivência.

1.4. Mobilidade étnica e mobilidade urbana: novas práticas cotidianas de reterritorialização dos Warao nas cidades

Ventura (2018) também registra que as primeiras famílias Warao chegaram ao Brasil em 2014 e que hoje se estima que 3 mil indígenas chegaram ao Brasil em grupos familiares. A autora afirma que em decorrência dessa dinâmica dos Warao de ir e vir entre seus territórios originários na Venezuela, o mesmo estaria acontecendo no Brasil, ou seja, mantendo essa característica de mobilidade entre o país de origem e de destino.

Rosa e Quintero (2020) destacam que a dinâmica das migrações estacionais parece ter estabelecido, no caso dos Warao, um novo tipo de atividade econômica, que reatualiza as práticas tradicionais de coleta, mas desta vez em um contexto urbano, colocando as estruturas de subsistência e as formas de reprodução social Warao dentro do chamado polo marginal da economia. Para a população que as recebe os vê como pedintes, mas que para eles é uma alternativa a coleta como recurso para suas necessidades básicas.

Então a prática de pedir dinheiro nas ruas, equivocadamente tipificada como coleta por alguns autores. Não é algo indigno do mesmo modo que não é indigno adentrarem as florestas em busca de frutas e pequenos animais, mas também não vemos como algo normal. Essa dinâmica implicou tanto na realização de novas tarefas cotidianas quanto na reorganização do sistema socioeconômico das unidades domésticas Warao dentro de um novo processo de territorialização (DURAZZO, 2020).

Estas e outras pressões que se acumularam ao longo do último século se refletem nas condições de vida dos Warao na atualidade, em suas localidades de origem, jogando as famílias e pessoas da etnia para fora da espacialidade da região do Delta do Orinoco e as obrigando a criarem alternativas que passam pelos contextos urbanos da Venezuela e, mais recentemente, também por outros países.

Foi somente a partir da década de 1960 que os Warao foram descritos como dependentes dos recursos e empregos externos para complementar a sua subsistência, incluindo as cidades na sua territorialidade, um movimento para as cidades próximas do delta também foi identificado na década de 1950, o que se dá

logo após a inserção do cultivo do *ocumo chino* (cará), em substituição da *palma de moriche* (buritizal) (BRASIL, 2017).

A presença de indígenas Warao no contexto urbano não é nenhuma novidade, contudo os dados atuais pela sua amplitude, demonstram a necessidade de uma maior atenção a essa questão. Essa presença indígena é em grande parte decorrente da invasão das terras indígenas e da inclusão do sistema de mercado e das necessidades de vender a força de trabalho para satisfazer velhas e novas necessidades.

A imigração venezuelana indígena para o Brasil é composta, principalmente, pela etnia Warao, povo que ocupa, tradicionalmente, o litoral venezuelano, do Delta do Rio Orinoco, e cidades ao entorno do Delta, que se localizam no estado de Delta Amacuro e em zonas dos estados de Monaguas e Sucre, na Venezuela (BRASIL, 2017, p. 8).

Nesta descrição é notável que há diferenças culturais, a mobilidade própria dos Warao, a recepção destes imigrantes tem apresentado desafios diferentes daqueles decorrentes da recepção dos imigrantes venezuelanos não-indígenas. Portanto, as soluções devem ser, necessariamente, diferentes. Porém, devido à ausência, na legislação brasileira, de regulamentação específica sobre a mobilidade indígena entre fronteiras na legislação brasileira, os Warao são recepcionados pelos agentes públicos brasileiros da mesma forma que os demais imigrantes, desconsiderando as peculiaridades do seu modo de vida.

Em todos os casos observamos também, como destaca Lima (2010) que somente depois de estabelecer residência e resolver em parte os problemas da sobrevivência, os grupos indígenas urbanos procuram colocar em prática os saberes e evidenciar a identidade, ainda que em condições desfavoráveis devido às dificuldades de reproduzir a cultura no contexto urbano e a necessidade de superar o estigma de ser diferente em um espaço que penaliza as marcas explícitas da pertença étnico-cultural, tais como língua, pinturas corporais, hábitos e vestuário. A invisibilidade desses povos no contexto urbano é decorrente principalmente dessas dificuldades.

Sendo assim não podemos conceitua-los do ponto de vista ecológico, como faz Barth (1998, p. 192), ao contestar o conceito de grupo étnico que fora geralmente

entendido pela Antropologia até então, como sendo aquele que se perpetua biologicamente de maneira abrangente, que compartilha valores culturais, dentre outros traços distintivos.

Para esse autor, os traços característicos de um determinado grupo étnico são influenciados pela ecologia. Isso não quer dizer, por sua vez, que a vivência em ambientes diversos mude os traços culturais, pois “é inadequado encarar formas institucionais manifestas como constituintes de traços culturais que em qualquer tempo distinguem um grupo étnico, estas formas manifestas são determinadas tanto pela ecologia quanto pela cultura transmitida”.

Pensamos que cada povo seus hábitos, costumes, tradições e políticas que são natos de cada um, e essas relações em um grupo em movimento no espaço geográfico pode sofrer influências, ou não, mas são distintos.

Dessa forma, a tradição se torna um lócus privilegiado em que passado, presente e a projeção do futuro se inter-relacionam de maneira que o sentido se constrói e que através deles os indivíduos se orientam no mundo. A partir dessa visão, a situação de contato entre duas cosmovisões distintas se torna o elemento central a ser discutido, levando-se em consideração aspectos múltiplos, tais como o econômico, o político e o sociológico.

Ao discutir esse assunto, a autora nos traz um levantamento sobre estudos realizados anteriormente, que contemplaram o tema numa perspectiva da aculturação ou da assimilação, os quais, por sua vez, apresentavam uma visão limitada sobre os desdobramentos do contato existente entre os grupos em questão. Visão, em que o contato interétnico não é integrador, pelo contrário, é um campo de força em que um dos grupos, menos forte, mantém suas características identitárias mesmo diante das investidas do grupo mais forte. A elaboração desse conceito é, sem dúvida, um trabalho pioneiro para a antropologia mundial.

Pensar nesta perspectiva no movimento de deslocamento dos Warao na cidade de Manaus, nos remete a dar atenção as suas características étnicas, sociais, econômicas e culturais, pois a entrada destes grupos no Brasil se dá de forma contínua, o que no parecer técnico da SEAP é apontada como uma preocupação, principalmente no que diz respeito no direito de ir e vir (BRASIL, 2017)

Esse deslocamento contínuo entre os dois países é propiciado por diversos fatores, como já apontamos e destacamos como as principais causas 1) a necessidade de levar alimentos e recursos para os parentes que ficaram na Venezuela; 2) o intuito de coletar materiais para a produção de artesanato que são mais facilmente obtidos em território venezuelano; 3) trazer os parentes que ainda permanecem na Venezuela para o Brasil.

São fatores que observamos tanto no Brasil como na Venezuela, pois verifica-se entre os Warao que já estão no Brasil uma grande mobilidade entre os centros urbanos brasileiros. Vale a pena ressaltar a extrema vulnerabilidade na qual se encontram os Warao nas cidades brasileiras, expostos tanto à violência das instituições quanto da sociedade civil. Costumam acampar em terrenos próximos a rodoviárias ou alugam casas ou quartos em pensões com localização central, estando sujeitos a preços abusivos por parte dos proprietários que tiram vantagem da situação na qual se encontram os indígenas (ROSA, 2020).

Para resolver os fluxos migratórios dos indígenas venezuelanos, o governo brasileiro realizou uma série de deportações em massa entre os anos 2014 e 2016 (RAMOS; TARRAGO; BOTELHO, 2017, p. 23). Essa política de deportação foi uma resposta à demanda de certo setor da sociedade civil que se incomodou com a presença de venezuelanos no território nacional, ao ser abordada por pedintes, indígenas e outras pessoas que tem origem nos países de fronteira, e que segundo os agentes públicos não apresentam documentação legal para permanência em solo brasileiro.

Silva e a Torelly (2018, p. 23) afirmam que:

A complexidade da imigração Warao está justamente em reconhecer estes limites, o que significaria o Estado brasileiro ter que assumir o descompasso histórico de sua fundamentação ideológica em reconhecer a cidadania diferenciada desses povos somente quando estão vinculados às terras regularizadas como tradicionalmente indígenas - uma distorção histórica relacionada à concepção de índios aldeados.

É importante considerar a mobilidade Warao como característica cultural da etnia enquanto estratégia social e econômica, que promove a circulação não apenas de mercadoria, mas sobretudo de suas relações pessoais fundamentais na definição de papéis sociais e políticos na sociedade.

A tática dos Warao de pedir dinheiro é uma tentativa de vencer os obstáculos enfrentados no contexto urbano, melhorar sua condição de vida, conseguir alimento para a família, alugar uma casa e conseguir um trabalho para ter uma renda fixa. Eles se deslocam até pontos estratégicos na cidade, como: estação de ônibus, próximo de semáforos, portões de supermercados, e próximo de bancos para exercitar a prática de pedir dinheiro

Figura 6: Mulher Warao fazendo a coleta nas ruas de Manaus



Foto: Pablo Rogério Rosas Costa (2021).

Torelly (2020) afirma que, a prática de *pedir* como uma forma particular de adaptação dos Warao no contexto urbano, em função das dificuldades que se impõem nesse ambiente para a reprodução de suas práticas tradicionais de produção, tem como estratégia a permanência dos homens Warao no abrigo, não acompanham as mulheres, isso se explica pelo fato de que a sua presença desestimulava as doações em dinheiro, sendo vistos com desconfiança pelos transeuntes.

No Parecer Técnico nº208/2017 elaborado pelo Ministério Público Federal “o ato de “pedir dinheiro”, chama a atenção embora não possa ser alinhado ao conceito de coleta perante a percepção dos próprios Warao, não pode ser banalizado e equiparado a uma atividade tradicional. Ainda que observado no país de origem há mais tempo, o fato não significa que “os Warao são tradicionalmente pedintes e sempre serão”.

As formas escolhidas de inserção produtiva e sócio reprodutiva nos contextos urbanos, faz com que sejam vistos onde se encontram como “mendicantes”, termo que evitamos por compreender que com estas formas os Warao visam

garantir a sua autonomia no sentido de que foram soluções construídas por eles próprios, não sendo o ato pedir, para eles, depreciativo (BRASIL, 2017, p. 20).

Portanto, a tática de pedir dinheiro nas ruas pode ser compreendida como uma reelaboração adaptativa dos Warao no contexto urbano, não sendo percebido por todos os indígenas como uma prática depreciativa.

Os Warao, mulheres e homens, consideram "trabalho" o ato de sair às ruas para pedir dinheiro. Logo, do ponto de vista Warao, são as mulheres, de variadas idades, que trabalham para a sobrevivência de crianças, adultos e idosos. Foi possível perceber também que existe circulação de crianças entre diferentes adultos de uma mesma família tendo em vista acompanhar as mulheres em suas atividades de rua. As mulheres Warao comentam que os doadores de dinheiro nos sinais de trânsito são muito mais generosos quando as mulheres estão acompanhadas de crianças. Se por um lado, este procedimento causa diversos problemas quanto à legislação brasileira de proteção às crianças e adolescentes, por outro lado, indica que os Warao possuem outro entendimento cultural sobre a infância.

É comum maridos, pais e irmãos ficarem marcando posição enquanto suas mulheres, irmãs e filhas desbravam novas oportunidades e fontes de renda. É importante considerar as práticas de geração de renda, tais como a venda de artesanato e a arrecadação de dinheiro através da tática da coleta, podemos chamar de habilidades econômicas dos Warao consolidada no processo de inserção de povos indígenas na lógica mercadológica do sistema capitalista.

1.5. Circulação dos Warao por meio das redes de parentesco

O conceito de rede de parentesco foi pensado, como um tipo de sistema de inter-relação social, a capacidade de articulação e rearticulação permanente. De acordo com Soares e Rodrigues (2005), uma rede consiste num conjunto de atores ligados por um tipo específico de relação, essas redes precedem a migração e são adaptadas a um fim específico, a ação de migrar.

Quando suas singularidades dependem da natureza dos contextos sociais que ela articula, uma rede migratória é também, um tipo específico de rede social. Assim, uma "rede migratória" implica origem e destino, isto é, recortes territoriais, países, estados, microrregiões, municípios, cidades, que se articulam por intermédio de fluxos migratórios.

Importante lembrar que os Warao não viajam sozinhos, Almeida Santos diz que eles usam as chamadas redes migratórias que podem ser montadas por parentesco ou por grupos formados ao longo do caminho. Tanto as redes de parentesco como os grupos formados ao longo do caminho, são de fundamental importância para suas estratégias de fixação e mobilidade, enquanto população indígena transeunte em busca de sustentabilidade num novo contexto.

Segundo Truzzi (2008), redes migratórias são aquelas que se formam em função de um fluxo específico, já as redes sociais podem anteceder os fluxos migratórios e, em geral, estão ancoradas em laços de consanguinidade, de parentesco e amizade. Nesse caso, o protagonismo dos migrantes é ressaltado, já que as decisões de partir são tomadas com base às informações que a rede faz circular.

Essas redes podem ser também manipuladas por indivíduos inescrupulosos para atender outros interesses, como é o caso do tráfico de pessoas. Nesse caso, elas se transformam em formas de controle e de exploração. Ressaltar o conceito de redes migratórias e sociais não significa desconsiderar a gravidade dos desajustes econômicos e políticos que mobilizaram famílias Warao para o Brasil, ainda mais diante do numeroso contingente populacional deslocado no fluxo migratório aqui analisado.

Este deslocamento coletivo de mulheres, geralmente, tem sido realizado com o acompanhamento de alguns homens Warao da família extensa ou do grupo, que se sobressaem enquanto lideranças ao longo do fluxo migratório, viajam na companhia de grupos numerosos de mulheres. Para se ter uma melhor compreensão do atual fluxo migratório para o Brasil, deve ser considerada a grande capacidade dos Warao na circulação de informações sobre as possibilidades de gerar renda em outros territórios que não os de sua comunidade.

A importância social da circulação de informações na constituição da rede migratória Warao pode ser materialmente constatada na valorização da aquisição de aparelhos e linhas de celular no Brasil. Os membros dos grupos migratórios que os possuem se afirmam como referência social para estabelecer contatos com as agências e agentes do acolhimento no Brasil e viabilizar o atendimento de suas demandas.

Souza (2018) afirma que o perfil dos migrantes Warao, que se deslocam sozinhos ou com a família, vivem em comunidades nas zonas rurais e viviam sempre como famílias extensas ou com os pais da mulher ou pais do marido, não viviam em famílias nucleares, eram sempre famílias extensas, eles viviam sempre em proximidades uns com outros. Eles possuem uma relação muito forte com as famílias, tanto que aqui dentro eles fortalecem essas relações sociais, fortalecem uns com os outros, sempre pensando nos que ficaram na Venezuela.

Os vínculos familiares entre eles são grandes, mesmo estando longe dos demais familiares, procuram sempre manter contato e quando conseguem juntar um quantitativo não pensam duas vezes em trazê-los. Os Warao ainda sustentam o mesmo hábito de deslocamentos pendulares. Um Senhor Warao do abrigo Tarumã-Açu 1 nos relatou que sua filha estava em Brasília, e que estava tentando conseguir uma casa nessa cidade, na sua fala ele manifestou o desejo de ir para Brasília para se juntar a filha, esse Senhor reclamou ainda do fato de terem colocado em diferentes abrigos pessoas de uma mesma família.

Normalmente, o indígena Warao retorna algumas vezes ao país de origem, e volta para o Brasil por não existir condições para sua permanência na Venezuela. Este tipo de deslocamento é comum entre eles, tanto para venda de artesanatos, quanto para coleta. Pode-se observar que a mobilidade é recorrente dentro dos costumes Warao e ao longo de sua trajetória a coleta de recursos se faz necessária para possibilitar seu deslocamento. Então a coleta, não deixa de ser um trabalho, além do que percebemos por meio da pesquisa a dificuldade desse grupo de se estabelecer num lugar e conquistar um emprego fixo.

No segundo capítulo iremos descrever a chegada do povo Warao em Manaus registrando os diversos lugares de passagem desse grupo na cidade, ou seja, nas ruas, no entorno da rodoviária, em casas alugadas e os diversos modelos de abrigo oferecido pelo Estado, trazendo também as narrativas importante das falas dos coordenadores dos abrigos que observaram a chegada e a saída desses sujeitos, e como esses sujeitos mantiveram suas tradições e dinâmicas culturais.

2. WARAO NA CIDADE DE MANAUS E OS LUGARES DE PASSAGEM

Nos últimos anos é comum encontrarmos muitos venezuelanos nos sinais, nas esquinas das ruas como pedintes, no olhar de quem passa pelos trajetos principais vias de Manaus. Através da nossa percepção verificamos que alguns já conseguiram se inserir no mercado de trabalho, nos supermercados, bares, salões de beleza, e outros segmentos da sociedade.

Observamos no período que na medida estes sujeitos vão se inserindo na sociedade, vai diminuindo o número de pedintes nas ruas. Distinguir os indígenas Warao dos demais sujeitos venezuelanos tornou-se fácil para nós, pois fazíamos por meio das características físicas, o modo de se vestir e a forma como sempre estavam reunidos.

2.1. A chegada em Manaus: das ruas ao abrigo

A maior parte das informações sobre a situação dos indígenas Warao em Manaus foram obtidas através do levantamento bibliográfico de Parecer Técnico periciais na área da antropologia elaborados por peritos antropólogos do Ministério Público Federal (MPF) de Roraima e do Amazonas.

Segundo o relatório do Parecer Técnico Nº 10/2017 do MPF do Amazonas:

O trabalho pericial foi solicitado pelo Procurador do Ministério Público Federal (MPF) Fernando Merloto Soave, titular do 5º Ofício Cível da Procuradoria da República no Amazonas (PRAM), e está vinculado ao inquérito Civil nº 1.13.000.000541/2017-81, que busca, “busca acompanhar as medidas de apoio indígena Warao em Manaus, imigrantes da Venezuela (BRASIL, 2017, p. 3).

O parecer técnico, segundo o autor do relatório o perito em antropologia do órgão, antropólogo Pedro Moutinho, esclarece no relatório as principais características culturais dos Warao e o que levou à onda migratória das famílias para o Brasil, no contexto a crise enfrentada pela Venezuela, tendo como principal destinos desse fluxo migratório as cidades de Boa Vista e Manaus.

É importante ressaltar que já foram elaborados dois documentos periciais na área de antropologia sobre a situação dos Warao na cidade de Boa Vista e Pacaraima, no estado de Roraima, um parecer concluído em março de 2017 por Luciana Ramos, Emília Botelho e Eduardo Tarragó, peritos em antropologia do Ministério Público Federal (MPF); e uma peça pericial finalizada em maio de 2017, pelo perito Eduardo

Tarragó, que aborda especificamente a questão da configuração familiar dos indígenas Warao e seu acolhimento na cidade de Boa Vista (BRASIL, 2017).

A partir da conclusão do parecer técnico do Ministério Público Federal (MPF), diante da situação de vulnerabilidade que foi evidenciada durante a visita do MPF aos Warao que naquela data (09/05/2017) ocupavam área próxima ao Terminal Rodoviário e aos casarões do centro da cidade. A Procuradoria da República no Amazonas resolve recomendar:

A Casa Civil da Presidência da República, ao Ministério da Justiça, ao Ministério das Relações Exteriores e ao Ministério do Desenvolvimento Social e Agrário que, de modo articulado com os entes estadual, municipal e organização da sociedade civil/religiosa envolvidas, com participação de representantes dos indígenas/imigrantes, implemente as ações de assistência humanitária aos imigrantes venezuelanos que se encontram em Manaus, prestando-lhes, com a colaboração dos entes competentes, no prazo de 10(dez) dias; abrigos adequados; alimentação adequada; água potável; vestuário e materiais de higiene; assistência médica; serviços com tratamento digno à pessoa humana (BRASIL, 2017, p. 6).

A partir da elaboração desses documentos periciais podemos perceber que o estado brasileiro não estava efetivamente acolhendo os indígenas Warao na condição de imigrante, respeitando sua identidade social e cultural, os seus costumes e suas tradições, de acordo com o que estabelece a Convenção nº 169 da Organização Internacional do Trabalho – OIT dos direitos plenos aos povos indígenas e da realização de cooperação entre governos para contatos e cooperação entre povos indígenas nas fronteiras.

No Parecer Técnico Nº 10/2017-SP/MANAUS/SEAP consta que a trajetória seguida pelos Warao entre a região do delta do Orinoco e a cidade de Manaus envolve cerca de 1700 km de estradas a partir de Tucupita, principal centro de irradiação dos deslocamentos até o Brasil. Também há trechos que são realizados por via fluvial, no caso dos indígenas que habitam as diversas comunidades localizadas nos caños.

Um Warao que vive na comunidade de Koberuna (caño Winikina), por exemplo, afirmava gastar no mínimo seis horas de lancha sem carga até Tucupita. No entanto, o tempo de deslocamento pode ser bem maior, dependendo da localização da comunidade (BRASIL, 2017).

No mapa abaixo o percurso dos indígenas Warao, dos territórios originários até Manaus.

Figura 7: Mapa da trajetória Warao até Manaus



Elaboração: Ednaldo Severo (2022).

De um modo geral, gasta-se cerca de dois dias e uma noite de deslocamento entre Tucupita e Manaus, conforme o mapa (figura 7) embora muitas vezes o percurso seja permeado por estadias prolongadas em algumas cidades ao longo do trajeto. Saindo de Tucupita, os indígenas viajam de ônibus por duas horas até a cidade de San Félix, cerca de 130 km de estrada, onde pegam outro ônibus até Santa Elena do Uairén, na fronteira com o Brasil distante cerca de 590/km (BRASIL, 2017).

O percurso de Santa Elena do Uairén até a cidade de Pacaraima na fronteira com a Venezuela, costuma ser feito a pé durante longas caminhadas, com o objetivo de evitar que sejam barrados pela Polícia Federal. Em Pacaraima, os Warao costumam se estabelecer em um terreno baldio nas proximidades do terminal rodoviário, onde permanecem por períodos variáveis de tempo. De lá se deslocam até Boa Vista, onde geralmente ficam por um período maior. Da capital roraimense até Manaus são 781 km de estrada, percorridos normalmente de ônibus (BRASIL, 2017).

De acordo com o Parecer Técnico Nº10/2017-SP/MAMAUS/SEAP, embora o ônibus seja normalmente o principal meio de locomoção por terra, há indígenas que apontam também para a possibilidade de pegar “colas” que são as caronas ou então por meio de táxis, sobretudo dentro do território brasileiro. A chegada dos índios da etnia Warao ao Brasil está sendo um fenômeno considerado novo, pelo fato desse grupo étnico não viver na região fronteira com o estado brasileiro. A presença dos Warao em Manaus começou a ser visualizada apenas no final de 2016, embora, segundo relatos dos próprios indígenas, tal presença já fosse notada na fronteira desde 2014.

Dentre as várias razões alegadas para a mudança de uma cidade para a outra é possível citar: 1) discurso que desestimulava os cidadãos de Boa Vista a dar dinheiro para os indígenas, o qual era reproduzido pelos administradores do CRI-Centro de Referência ao Imigrante em Boa Vista, era apontado pelos Warao como a proibição de pedirem dinheiro nas ruas; 2) as condições de abrigo no CRI, sobretudo no que diz respeito à convivência, os conflitos com os criollos (não indígenas) e à alimentação disponível, a qual era vista como insuficiente e incompleta (serviam apenas arroz e macarrão, sem nenhuma carne); 3) a grande dificuldade por parte dos homens Warao em obter trabalho; 4) a concorrência para venda de artesanato, gerada pela grande quantidade de indígenas Warao na cidade (BRASIL, 2017).

Silva e Torelly (2018) afirmam que as famílias Warao que chegaram até Manaus são provenientes das comunidades de Mariusa, Arawabisi, Winikina, España, Araguamujo, Punta Pescador, Hanakahamã, Nabasanuka, Atoibo, Janokosebe e Barra Cocuina, todas situadas nos chamados caños, que formam o delta do Rio Orinoco. Os Warao indicaram várias cidades na Venezuela que fazem parte dos seus deslocamentos, como Tucupita, Curiapó, Pedernales (estado Delta Amacuro), San Felix e Puerto Ordaz (estado Bolívar), Maturín (estado Monagas), Valência (estado Carabobo), Caracas (Distrito Federal) e Barquisimeto (estado Lara), além das regiões de garimpo, como Las Claritas e Km 88 (Bolívar).

O deslocamento dos indígenas venezuelanos da etnia Warao para a capital amazonense começou de maneira mais evidente em dezembro de 2016. Ao chegar à cidade de Manaus famílias Warao, se instalaram inicialmente em hotéis no centro da cidade, outras famílias optaram por alugar casas ou quartos em imóveis na região central de Manaus e em outros bairros, como Educandos e Cidade Nova.

Figura 8: Grupo de família Warao em casa alugada no centro de Manaus



Fonte: Amazônia Real (2017).

Segundo informações do relatório pericial em um primeiro momento do fluxo migratório para Manaus, um grupo de Warao instalou-se em duas casas alugadas no centro de Manaus, pelas quais pagava por pessoa, o valor de R\$ 10,00 (dez reais) por dia para habitar em condições insalubres, além de inseguras. Essa situação

afetava de maneira particular as crianças, que adoeciam com frequência. Por outro lado, a localização destas moradias era estratégica para os Warao poderem gerar renda para suas famílias, por meio da venda de artesanatos, alguns procedentes da Venezuela e outros fabricados localmente, bem como da arrecadação de dinheiro pelas mulheres que pediam nas ruas com as crianças.

Silva e Torelly (2018) apontam que, apesar deste grupo Warao ter permanecido em condições de vida bastante precárias, nas casas alugadas no centro, outro grupo que conseguiu maior visibilidade diante da população local e das autoridades governamentais, o grupo que montou acampamento ao lado do terminal rodoviário da cidade de Manaus no início de 2017.

No final de janeiro de 2017, uma quantidade crescente de famílias Warao passou a chegar de Boa Vista, por meio das empresas de ônibus que fazem comercialmente a linha entre as capitais de Roraima e Amazonas. Alguns indígenas recém chegados à Manaus, aglomerados, montaram um acampamento com lonas provisórias no entorno do Terminal Rodoviário de Manaus, no bairro de Flores, circulando nos espaços públicos da rodoviária com crianças e pessoas mais idosas, se arriscando entre o tráfego de ônibus e carros, criou o impacto público que exigiu das autoridades governamentais tomada de decisões para solucionar o problema da forma mais rápida possível (SILVA E TORELLY, 2018).

Figura 9: Indígenas Warao acampados no entorno da rodoviária em Manaus



Fonte: Ministério Público Federal/AM (2017).

Com um número cada vez maior desses grupos em situação de refúgio e vulnerabilidade, foi exigido das autoridades governamentais uma tomada de decisões para tentar solucionar os problemas mais urgentes de abrigo e o provimento de alimento para esses sujeitos. A Procuradoria da República no Amazonas, unidade do Ministério Público Federal no Amazonas, desempenhou um papel fundamental cobrando ações tanto do governo estadual e municipal, como foi citado anteriormente.

Desde 2017 podemos verificar a cidade de Manaus têm sido o lugar de passagem, para um grande número de indígenas da etnia Warao oriundos da região do Delta Venezuelano, famílias e grupos de indígenas passaram a chegar vindos da cidade de Boa Vista, por meio das empresas de ônibus que fazem comercialmente a linha entre as capitais de Roraima e do Amazonas.

O Documento Pericial do MPF nos informa também que entre os dias 14 e 16 de fevereiro de 2017, a Secretaria Municipal da Mulher, Assistência Social e Direitos Humanos (SEMMASDH) realizou um primeiro recenseamento e mapeamento dos Warao, identificando 117 indígenas na cidade, sendo que 35 estavam acampados na rodoviária, 43 estavam hospedados em duas casas germinadas no bairro Educandos, na Zona Sul, e 39 se encontravam em casas e hotéis no centro da cidade. Desse total, foram contabilizados 62 adultos, 48 crianças, 4 adolescentes e 3 idosos.

Quadro 1: Mapeamento do povo Warao em vários lugares de Manaus

Lugares de Passagem	Quantidade	Criança	Adolescente	Adulto	Idoso
Rodoviária	35	48	4	62	3
Casas Educandos	43				
Casas/Hotéis centro	39				
Total	117				

Fonte: SEMMASDH (2017).

Segundo Santos (2019), as famílias, sobretudo aquelas que chegaram a partir de março de 2017, afirmaram ter se deslocado diretamente da Venezuela para a capital amazonense. E os indígenas que haviam permanecido por algum tempo em Boa Vista relataram a interlocutores que as condições de permanência ali não eram tão favoráveis, o que estimulou seu deslocamento para Manaus e que os grupos que chegaram, expressaram o desejo de não retornar tão cedo, outros nem cogitaram essa possibilidade.

Durante o mês de abril foi notificado um aumento na quantidade de indígenas venezuelanos na cidade de Manaus, bem como a presença de novas famílias Warao que se instalaram em três casas e um hotel nas imediações da Rua Quintino Bocaiúva, no centro de Manaus. Segundo nos mostra o Parecer Técnico, as informações obtidas durante a perícia apontam para um rápido aumento na quantidade de indígenas Warao que chegam à Manaus, embora também indiquem um fluxo constante de indígenas que retornam para a Venezuela, tornando difícil precisar seu número e a localização exata das famílias. Há relatos que apontam para novos locais de hospedagem na cidade, além dos já mapeados, o que foi necessário um acompanhamento constante e articulado de identificação (BRASIL, 2017).

Santos, Ortolan e Silva (2018) confirmam que a partir de então, surgiram várias propostas, entre elas a de transferência dos Warao para um local onde já viviam indígenas brasileiros em área mais periférica de Manaus, conhecido como Parque das Tribos. Esta proposta acabou não sendo aceita pelos Warao, embora eles não tenham comentado muito sobre esta decisão durante a pesquisa, provavelmente em razão da grande distância da localidade em relação às áreas mais centrais da cidade e à inserção na territorialidade de grupos indígenas diferentes de sua etnia.

Mediante um esforço entre órgãos do governo federal, estadual e municipal, com atuação de entidades civis envolvidas com imigração e direitos humanos, entre elas a Pastoral dos Migrantes e Cáritas que é ligada à Igreja católica, as famílias Warao fixadas em Manaus passaram a ser encaminhadas para o acolhimento.

Em maio de 2017, o Ministério Público Federal/AM e a Defensoria Pública da União em Manaus, emitiram em conjunto uma recomendação em que estabeleciam o prazo de 10 dias para que o estado do Amazonas, por meio da SEJUSC, SEAS, Casa Civil do Governo, articulassem com o município e entidades competentes do governo federal, sob o regime de urgência, para que fossem tomadas medidas de abrigo aos refugiados venezuelanos, em especial aqueles que se encontravam em situação de rua e de vulnerabilidade.

Na mesma recomendação, determinaram ao município de Manaus, por meio da SEMMASDH, que dentro do prazo de cinco dias indicasse o local para o abrigo desses refugiados. Esse espaço deveria dispor de uma área ou ala específica e adequada aos Warao, tendo em vista suas especificidades culturais.

No dia 16 de maio de 2017, o governador interino, David Almeida, realizou uma visita ao acampamento instalado sob um viaduto nas proximidades do terminal rodoviário, e anunciou um Plano Emergencial de Ajuda Humanitária para os indígenas Warao, disponibilizando verba para custear as ações de apoio. O plano previa que os indígenas que viviam nesse acampamento seriam abrigados provisoriamente em um prédio localizado na Avenida Alameda Cosme Ferreira, bairro Coroado, zona leste de Manaus, anteriormente funcionava o Núcleo do Projeto Jovem Cidadão.

O local conforme documento da SEJUSC que foi enviado ao MPF, dispunha de sete salas, banheiros masculino e feminino, sala para refeições, área para entretenimento, quadra coberta, espaço adaptado para cozinha e salas para técnico e administração e que passaria por reformas e adaptações para receber as famílias Warao, de modo a comportar 300 pessoas (AMAZONAS, 2017, p. 1-2). Ainda na data de 16 de maio DE 2017 a SEMMASDH, por meio de documento, informou ao MPF que estavam realizando o processo de identificação de espaços adequados para o abrigo dos refugiados venezuelanos, e assim que definissem as opções, estabeleceriam um diálogo com os representantes Warao para que, em conjunto, escolhessem o local.

Em junho de 2017, os Warao acampados na rodoviária de Manaus foram alojados no abrigo do Serviço de Acolhimento Institucional de Adultos e Família, situado no Bairro do Coroado, sob a responsabilidade do governo estadual, por meio da Secretaria de Estado e Assistência Social - SEAS e da Secretaria de Estado de Justiça, Direitos Humanos e Cidadania - SEJUSC. Já as famílias Warao que estavam subalugando casas no Centro de Manaus foram transferidas, sob responsabilidade do governo municipal, por meio da Secretaria Municipal de Assistência Social e Direitos Humanos - SEMMASDH, com apoio das entidades civis citadas, para casas alugadas em diferentes bairros da cidade: Centro, Redenção (Zona Oeste), Monte Sinai (Zona Norte), Educandos (Zona Sul), Zumbi (Zona Leste).

Vale ressaltar que os indígenas Warao receberam acolhimento em abrigos diferenciados, a partir da elaboração do Parecer Técnico dos antropólogos do Ministério Público. Esse relatório recomendava que os indígenas da etnia Warao recebessem refúgio e abrigo separados dos não indígenas, respeitando suas especificidades étnicas e culturais.

2.2. Os modelos de abrigo para os Warao em Manaus

Os modelos implantados em Manaus, conforme nossas observações têm o propósito de fechar o cerco institucional em torno dos Warao. Os abrigos são compostos por um conjunto de regras que regulam a permanência dos indígenas nesses espaços, definem as condutas próprias e impróprias, os horários das refeições, de entrada e saída e também quem pode entrar e sair, é aqui entendido como um dispositivo político e administrativo empregado na gestão dessa população.

Rosa (2020) afirma que, o cotidiano nesses espaços, pode ser pensando por meio da tríade: controle-colaboração-subversão. Em relação ao controle existente por parte da coordenação e dos diferentes profissionais que atuam no local, foi observado em campo, que alguns indígenas, por diferentes motivos adotam uma conduta colaborativa para com esses funcionários, e passam a reproduzir as mesmas práticas de controle em relação aos demais abrigados. Não só monitoram as ações uns dos outros, mas delatam aqueles que infringem as regras.

Figura 10: Fachada do abrigo Alfredo Nascimento



Fonte: Amazônia Real (2017).

O abrigo Alfredo Nascimento estava localizado na zona leste, a estrutura desse abrigo era composta de vários blocos de apartamentos residenciais, cada bloco tinha entrada e saída independentes, talvez por esse motivo não houvesse um controle rigoroso de entrada e saída de pessoas. Vale ressaltar que o abrigo Alfredo

Nascimento foi desativado pela prefeitura de Manaus em abril de 2020, como medidas preventivas para evitar o contágio da Covid-19. Em outro momento iremos detalhar a pesquisa realizada nesse abrigo

Rosa (2020) destaca ainda que, outros indígenas, no entanto, não somente infringem as regras, mas assumem posturas evidentemente subversivas, questionando aspectos que consideram impróprios, realizando denúncias ao MPF e se desligando, por iniciativa própria, do serviço institucional, ou ainda sendo desligados pela coordenação do abrigo. Essas diferentes percepções e reações dos indígenas ao modelo de abrigamento são úteis para pensarmos sobre como os Warao, apesar do cerco institucional, elaboram estratégias de modo a garantir seus interesses e suas visões de mundo. Isso nos mostra, conforme destaca Ferreira (2013), que os povos indígenas não podem ser tratados como meros objetos de ações de agências externas, mas sim, devem ser considerados os sujeitos dessas ações políticas. Para construir essa análise foram utilizados os inquéritos civis público instaurados pelo MPF na cidade de Manaus, as entrevistas com os agentes do Estado e as anotações do caderno de campo. A estrutura e a forma de direção dos abrigos instalados em Manaus são compartilhadas, a administração se divide entre o estado e o município, em ambos os casos recebem verba do governo federal.

A partir das opiniões dos indígenas que foram coletadas durante a pesquisa de campo e dos dados apresentados em um parecer elaborado pelos antropólogos do MPF, buscaram apresentar a percepção dos Warao sobre os espaços e as relações que neles estabelecem. Sobre a estrutura dos abrigos, as suas regras e as estratégias de controle, é possível estabelecer uma relação entre as pacificações indígenas e as ações de abrigamento, entendendo que a passagem por esses espaços, vai muito além de suprir as necessidades básicas desses sujeitos em termos de moradia, saúde e alimentação, teria sim a função de domesticá-los para a vida em sociedade no Brasil.

Dessa forma Goffman (2001), no seu estudo salienta que as instituições totais se caracterizam por serem estabelecimentos fechados que funcionam em regime de internação, onde um grupo relativamente numeroso de internados vive em tempo integral.

Figura 11: Fachada dos abrigos Tarumã-Açu 1 e 2



Foto: Pablo Rogério Rosas Costa (2021).

No abrigo Tarumã-Açu 1 e abrigo Tarumã-Açu 2 (Figura 12), ambos localizados um ao lado do outro no bairro Tarumã na zona oeste de Manaus, no limite urbano da cidade, percebemos que existe um controle de segurança total de entrada e saída, com uma única guarita de segurança, utilizada como entrada e saída. Nesse abrigo foi realizada nosso trabalho de campo, coleta de dados e entrevista com coordenadores que iremos comentar em outro momento.

Há que se ter em mente que os abrigos são uma solução paliativa e transitória, pois se não existe expectativas de mudanças no cenário venezuelano a curto e médio prazo, os Warao vieram para Brasil com a ideia definitiva de ficar, assim há que se pensar numa alocação que lhes facilite a reprodução física e cultural.

Há muita resistência dos indígenas ao modelo dos abrigos, que força a convivência de grupos que não possuem nenhuma relação de afinidade. Isso se explica pelo fato da heterogeneidade nos “modos de ser Warao”, sobre esse aspecto além das diferenciações culturais, atribuídas à comunidade de origem, encontram-se as acusações de feitiçaria, que implica em um risco não só espiritual, mas também físico para essas pessoas. À feitiçaria (brujería) praticada por um feiticeiro de outro

grupo, os Warao atribuem a responsabilidade pelo adoecimento e, geralmente, pela morte de seus parentes.

2.3. Coroadó: O primeiro abrigo Warao em Manaus

Na primeira semana de junho de 2017, após a conclusão das reformas e adaptações no local, os indígenas que viviam em situação de rua nas proximidades do terminal rodoviário foram remanejados para o Serviço de Acolhimento Institucional de Imigrantes, no bairro do Coroadó. A SEAS assumiu a gestão desse abrigo, comprometendo-se com a manutenção do espaço pelo período de seis meses.

A equipe de atendimento era composta por administração geral, auxiliar administrativo, assistentes sociais, psicólogos, tradutor. A coordenadora de nacionalidade venezuelana, à época, cursava graduação em serviço social em uma universidade privada e fora contratada, sobretudo, pelo domínio do espanhol. A tradutora, também de nacionalidade venezuelana, vivia há alguns anos no Brasil sob a condição de refugiada, afirmava que sua mãe era Warao e, por isso, além de ser do próprio país, teria conhecimentos sobre práticas, costumes e crenças da etnia.

O Serviço de Acolhimento ficava localizado em uma movimentada avenida no bairro do Coroadó na zona leste, distante cerca de 10 km do Centro de Manaus. O abrigo tinha capacidade para receber até trezentas pessoas. Tratando-se na verdade de um ginásio esportivo adaptado, no qual foram instalados um redário, estrutura de ferro para pendurar redes e outras facilidades. Nas arquibancadas, as famílias Warao guardavam seus pertences. Na lateral do ginásio, quatro salas foram transformadas em dormitórios individuais para as famílias nucleares dos líderes indígenas (SILVA e TORELLY, 2018)

Figura 12: Abrigo Warao localizado no bairro do Coroadó



Fonte: Amazônia Real (2017).

Também foi instalada uma cozinha industrial, um refeitório, banheiros masculino e feminino e uma área destinada à secretaria. Estes locais estão identificados em três idiomas: Warao, português e espanhol. Havia um regramento acordado com os Warao e planejamento de atividades. No local, eram servidas três refeições diárias: café da manhã (pão e suco), almoço (feijão e arroz, frango ou salsicha, e banana frita) e jantar, com o mesmo cardápio.

O preparo era realizado por cozinheiras brasileiras, segundo o padrão de cozinha industrial, o que gerava reclamações por parte dos Warao. Na medida do possível, os Warao procuraram guardar seus pertences em espaços delimitados por família, sobretudo para resguardar os materiais que adquiriam para enviar aos seus parentes na Venezuela.

O funcionamento do abrigo contava com colaboradores de diversos órgãos estaduais e municipais além de empresas terceirizadas, a SEJUSC disponibilizou um funcionário para a realização do preenchimento dos formulários de solicitação de refúgio e organização da agenda de atendimento pela Polícia Federal. Uma enfermeira e dois técnicos em enfermagem, disponibilizados pela SEMSA, realizavam atendimentos ambulatoriais no local e, duas vezes por semanas profissionais da Unidade Básica de Saúde (UBS) realizavam consultas médicas.

Quadro 2: Escala de atendimento médico no abrigo do Coroadó

PROFISSIONAL	QTD	ATENDIMENTO	HORÁRIO
Clinico Geral	2	3 ^a e 5 ^a	14hs-17hs
Enfermeiro	1	2 ^a a 6 ^a	8hs-12hs
	1	2 ^a a 6 ^a	13hs-17hs
Técnico em Enfermagem	1	2 ^a a 6 ^a	8hs-12hs
	1	2 ^a a 6 ^a	13hs-17hs

Fonte: SEMSA, 2017.

Os casos de maior complexidade eram encaminhados para a UBS ou para as unidades da SUSAM. O espaço também contava com o reforço de dois agentes de segurança patrimonial, que controlavam a entrada e a saída de pessoas, inclusive, dos próprios indígenas. O portão era fechado às 20:30 horas e, depois disso, a entrada só era permitida mediante a autorização da coordenação. Havia, ainda, uma equipe terceirizada responsável pela limpeza, porém, os indígenas, sobretudo os homens, que ajudavam na lavagem da área do redário, colocavam e retiravam as mesas e cadeiras no horário de cada refeição e mantinham o espaço limpo.

Dados do Serviço de Acolhimento Institucional de adultos e famílias do Coroadó de 25 de janeiro de 2018, mostram que entre os 551 Warao atendidos em Manaus, 319 retornaram à Venezuela, ou seja, mais da metade. Outra parte significativa, 175, foi para o Pará. Já o número dos que permaneceram na cidade à época foi considerado baixo, em torno de 139, sempre oscilando, para cima ou para baixo. No final de outubro de 2018 os Warao contavam novamente mais de 331 pessoas, daí pode-se perceber a intensa circulação em menos de um ano.

Quadro 3: Circulação e deslocamento Warao

Total Abridados	551
Retornaram Venezuela	319
Deslocaram Pará	175
Permaneceram Manaus	139

Fonte: Serviço de Acolhimento do Coroadó (Jan/2018).

Vale observar através da (Quadro 3) que houve um esvaziamento do abrigo no final de 2017, com o deslocamento sobretudo de mulheres para Belém e Santarém. As pessoas que permaneceram continuaram abrigadas conforme o protocolo inicial. As atividades no Abrigo do Coroadó, foram encerradas no dia 3 de janeiro de 2018. As famílias remanescentes, totalizando 47 (quarenta e sete) indígenas, foram

redistribuídas entre as casas gerenciadas pela prefeitura em diversos bairros de Manaus (SILVA e TORELLY, 2018).

2.4. Abrigo Alfredo Nascimento, um lugar de passagem

Em julho de 2018 o número de indígenas acolhidos aumentou para 258 em Manaus, subdivididos em 4 imóveis, uma casa da avenida Tarumã no centro de Manaus e três blocos de quitinetes no bairro Alfredo Nascimento, nesses blocos funcionava antes o Residencial São José, que foi alugado pela Prefeitura de Manaus para alojar os refugiados indígenas venezuelanos.

O abrigo Alfredo Nascimento ficava localizado na Rua Serra do Mar, Bairro Alfredo Nascimento na zona Leste de Manaus, existiu até meados de abril de 2020, serviu para abrigar exclusivamente os indígenas venezuelanos da etnia Warao, as instalações eram constituídas de um prédio com cinco blocos de apartamentos do tipo quitinetes, as entradas de cada bloco independentes. Cada apartamento era ocupado por um núcleo familiar constituído por pais, filhos e demais parentes.

Figura 13: Mulher Warao carregando bebê no abrigo Alfredo Nascimento



Foto: Pablo Rogério Rosas Costa (jul/2019).

Nossa primeira visita no abrigo Alfredo Nascimento foi realizada em um sábado no dia 7 de julho de 2019, estávamos acompanhados da senhora Vilma Brito, Assistente Social, representante da SEJUSC que atua em um posto de acolhida na rodoviária de Manaus, fazendo um trabalho inicial de acolhimento institucional aos indígenas Warao e também aos imigrantes venezuelanos não indígenas. A Senhora

Vilma intermediou, nossa primeira entrevista com o coordenador do abrigo Senhor Alfredo Brelaz, que têm formação em psicologia e teologia.

O Senhor Brelaz nos repassou as primeiras informações sobre o grupo Warao que estava residindo no abrigo, assim como tivemos a oportunidade de conhecer as instalações. O Abrigo Alfredo Nascimento em julho de 2019 contava com um grupo de 507 Warao distribuídos por faixa etária entre homens, mulheres, adolescentes e crianças, distribuídos conforme o Quadro abaixo.

Quadro 4: Quantidade de indígenas Warao residentes no abrigo Alfredo Nascimento

SEXO	IDADE	QUANTIDADE	FREQUÊNCIA
Masculino	Adulto (18 anos ou mais)	126	24,8%
Feminino	Adulto (18 anos ou mais)	131	25,8%
Masculino	Adolescente (13-17 anos)	24	4,7%
Feminino	Adolescente (13-17 anos)	24	4,7%
Masculino	Criança (6-12 anos)	50	9,8%
Feminino	Criança (6-12 anos)	40	7,8%
Masculino	Criança (0-5 anos)	63	12,4%
Feminino	Criança (0-5 anos)	49	9,6%
	Total	507	100%

Fonte: Coordenação do Abrigo Alfredo Nascimento (julho/2019).

Elaboração: Pablo Rogério Rosas Costa (2021).

Em outro momento da pesquisa ouvimos o relato do Senhor Marcelino Moraleda, cacique Warao apesar de terem um lugar para ficar, costumam ficar sem água e comida, convivem com mau cheiro em um banheiro sem vaso sanitário, as acomodações são precárias. Na sua fala, descreve a precariedade do banheiro, sem vaso sanitário, de onde, porém esse mal cheiro vem direto da fossa, que ao mesmo tempo traz vulnerabilidade à saúde das crianças e dos demais abrigados no local.

O cacique sentiu-se grato com o lugar de moradia, porém, esses problemas relacionados a comida, que não chega, a falta de luz, falta de água e as condições do banheiro que atende os moradores do abrigo a deia preocupado e triste. Então para ele "não estamos bem", nos falta o essencial para viver uma vida com dignidade.

Sobre as tais reivindicações, a Secretaria informou que o espaço de acolhimento Alfredo Nascimento, foi entregue com todos os banheiros funcionando. A Secretaria alega que os próprios indígenas danificaram os vasos sanitários. Um levantamento feito pela SEMASC, afirmou estar estudando como irá reparar o dano, já que o recurso do Governo Federal para manutenção dos espaços encerrou.

Figura 14: Parte interna do abrigo Alfredo Nascimento



Foto: Pablo Rogério Rosas Costa (jul/2019).

No abrigo Alfredo Nascimento cada família Warao recebia uma cesta básica de alimentos com arroz, feijão, macarrão, café, além de salsicha, frango, carne, ovos, margarina e calabresa. No entanto, o cacique afirmou que houve uma redução na quantidade de alimentos.

Devido a pandemia da Covid-19, nosso cronograma da pesquisa de campo foi adiado por vários meses no ano de 2020. É importante salientar que, devido ao período pandêmico, muitos lugares foram fechados, sem autorização de acesso, sendo assim não foi possível continuar a pesquisa no abrigo Alfredo Nascimento. Voltamos a solicitar a entrada do abrigo no final do ano no mês de dezembro, devido a diminuição nos números da pandemia na cidade de Manaus, foi quando fomos informados que o abrigo Alfredo Nascimento havia sido desativado e os Warao foram remanejados para outros abrigos.

Enquanto aguardávamos autorização para entrada, agora, no abrigo Tarumã-Açu, resolvemos continuar o trabalho de campo em outro lugar, procurando novamente o coordenador do Abrigo Alfredo Nascimento o Senhor Brelaz, para outra entrevista, que nesse momento não respondia mais pelo abrigo, mas achamos que poderia contribuir com outras informações devido a sua experiência e vivência como coordenador durante mais de um ano, a entrevista aconteceu no dia 16 de dezembro de 2020.

Quando o coordenador do Abrigo Alfredo Nascimento, Senhor Brelaz conviveu com os Warao no período de 2019 até março de 2020, ele nos explicou quais eram as atribuições do cacique que era o líder do grupo no abrigo. Como os Warao estavam divididos nos cinco blocos do abrigo, havia a necessidade de ter um representante em cada bloco, para facilitar a comunicação entre a coordenação e os moradores. Para tanto realizavam-se eleições, de forma democrática para a escolha do cacique de cada bloco.

O abrigo Alfredo Nascimento foi projetado para tender 300 pessoas, mas com a pandemia chegamos a atender 720 indígenas, nos informou o ex-coordenador, e como o abrigo era formado por cinco blocos, como o total de setenta quitinetes (divididas em dois cômodos compostos de sala, um quarto e um banheiro), espaços pequenos para abrigar essa população migrante indígena venezuelana, que chegaram em Manaus, numa quantidade cada vez maior.

Cada bloco tinha o seu cacique eleito por eles mesmo, nos só organizávamos a eleição, eleição democrática, então por exemplo estava faltando um cacique do bloco 1, ia lá e pedia que eles apresentassem no mínimo dois candidatos, eles me apresentavam eu marcava o dia da eleição reunia as pessoas daquele bloco, as pessoas de outro bloco não participavam da eleição do cacique do bloco fulano de tal, então era feita uma eleição democrática e o mais votado assumia o comando do bloco (ALFREDO BRELAZ, COORDENADOR DO ABRIGO ALFREDO NASCIMENTO, 2020).

Apesar das medidas já tomadas pelas autoridades local, observamos nesta entrevista que o problema para acomodar e atender toda a população que chegava, só aumentava.

Diante do momento vivenciado pela população da cidade de Manaus (AM), no ano de 2020 com a pandemia da Covid-19, com o avanço da doença, foi necessário traçar uma política de atendimento a este povo que continuava chegando na cidade, tornando-se um desafio. Pois as medidas que foram tomadas pelo poder público municipal para atender os imigrantes Warao que se encontravam nos abrigos acabou sendo um incentivo para a vinda de parentes destes que estavam no seu território de origem na Venezuela. O problema foi se agravando cada vez mais, quando foi relatado pelo ex-coordenador do abrigo, que a vinda destes grupos para Manaus, estava sendo realizada até de forma clandestina, e que a maioria desses sujeitos não passavam mais pela triagem na rodoviária, pois o transporte rodoviário se dirigia direto para o abrigo.

Algumas vezes os ônibus deixavam os Warao proveniente da Venezuela, próximo do abrigo ou passavam de um ônibus para outro, que já os esperavam nessa ação clandestina, e no amanhecer, a coordenação do abrigo se deparava com um aglomerado de pessoas, e a entrada nos blocos do abrigo se dava também de forma clandestina, pois os parentes dos sujeitos que chegavam viabilizavam essa entrada sem o consentimento da equipe de coordenação. Observamos também, no relato do ex-coordenador que as famílias mais numerosas se destacavam na quantidade em que chegavam, dando destaque as famílias Perez e Zapata. Tornou-se difícil fazer o controle e atender o quantitativo de pessoas que entravam, assim como fazer o registro de entrada.

Esta situação era notada ao se ver novos rostos e os próprios abrigados faziam a denúncia e relata como se dava a clandestinidade, desde a saída de Pacaraima (RR) até Manaus (AM), com empresas de ônibus que em nossa análise se aproveitaram da situação para lucrar com as passagens clandestinas. Percebe-se que há uma rede de parentesco utilizando o celular como forma de comunicação entre os Warao, e que eles já vinham direto da Venezuela para o abrigo Alfredo Nascimento, há a percepção também que nesse abrigo devido a estrutura de condomínio de um portão em cada bloco, não há um controle rígido como em outros abrigos.

O cacique (no papel de líder) tinha a função de zelar pelo bloco dele, a coordenação do abrigo formava um comitê de limpeza em cada bloco, e o cacique tinha a responsabilidade de cobrar desse comitê a limpeza, para manter o ambiente limpo, zelar pela boa convivência dentro abrigo, nesse propósito a figura do cacique, se fazia importante, para controlar o povo que ficava alterado quando queriam beber e brigar. Então ajudavam a coordenação no levantamento estatístico das famílias dentro do bloco, preenchendo uma tabela com a relação dos nomes das pessoas e sua faixa etária. Dados que eram entregues ao coordenador, e faziam parte do relatório para entregar à SEMASC.

O ex-coordenador relata também que eles recebiam alimentação e faziam a entrega para as famílias em uma reunião toda segunda-feira:

O dia que reuníamos com todos os caciques para ouvir as demandas e as queixas, passar os comandos do que teríamos que fazer durante a semana e de que forma podiam nos ajudar, eles eram parceiros estavam ali para nos ajudar no andamento e no bom funcionamento do abrigo e no que fosse preciso, se tivesse alguém bebendo eles tomavam a bebida ou chamavam alguém da coordenação para pegar a bebida dentro dos abrigos, quando

acontecia brigas ou alguém adoecesse e eu não estava, eles me ligavam para chamar o SAMU (SENHOR BRELAZ, COORDENADOR DO ABRIGO ALFREDO NASCIMENTO, 2020).

O ano de 2020, foi um ano que a população brasileira enfrentou inúmeros desafios, podemos notar que a vinda de imigrantes para Manaus, consideramos um problema social que se juntou aos inúmeros problemas já existentes em Manaus (AM). No abrigo além da preocupação com a superlotação, havia o desafio de lidar com uma população indígena com hábitos e costumes próprios de sua etnia.

Depois que foi decretada a pandemia do coronavírus pela OMS (Organização Mundial de Saúde) no mês de março de 2020, antes do início da desmobilização para abrigos provisórios, foi observado pela coordenação, que havia pessoas doentes, com sintomas de gripe, casos assim eram repassados pelos caciques para que se fosse tomada providências em combate ao Covid-19. Esta ação, sempre era realizada em parceria com o cacique de cada bloco, pois quando necessário, os doentes eram levados em ônibus para atendimento médico. Os caciques eram os interpretes e responsáveis pelo grupo que coordenava por um período de um ano, ou até o momento que deixasse de cumprir as regras de bom convívio estipulados pela gestão do abrigo.

Atualmente não tem mais a figura dos caciques como lideranças no abrigo Tarumã-Açu, a pedidos dos próprios Warao foram extintos porque segundo nossos entrevistados, haviam muitas queixas dos próprios indígenas em relação a esses líderes: Uma delas era de que os caciques beneficiavam a sua família na distribuição da alimentação. No trabalho de campo realizado no Abrigo Tarumã-Açu identificamos ex-caciques que foram destituídos por má conduta, segundo o coordenador, todos perderam a liderança por conta de bebida alcóolica.

Quando havia a figura do cacique no abrigo Alfredo Nascimento, observava-se sempre uma confusão, pois continuamente queriam trocar o cacique, devido problemas de relacionamento entre os sujeitos do mesmo bloco, principalmente pelo interesse em administrar uma verba de R\$ 730,00(setecentos reais) que os caciques recebiam para emergências como a compra de remédios, botija de gás, táxi para transporte de doentes, quando necessário para levar ao hospital, e no final prestar conta dessa verba com o gestor do abrigo.

Então lidar com os interesses e necessidades pessoais de cada membro, era também lidar com a questão de interesses e confiança dos responsáveis por cada grupo. Pois cada cacique tinha uma conta aberta pela SEMASC no Banco do Brasil, e por meio desta conta recebia a verba para as necessidades emergenciais. Dentre as reclamações dos abrigados nos blocos, estava essa questão do uso da maior parte da verba em benefício próprio do cacique ou enviavam para seus parentes na Venezuela. Este fato contribuiu para a extinção deste benefício, e também como a liderança do cacique foi substituída por um comitê, com o objetivo de comandar o abrigo, respondendo assim as regras do usufruto do lugar sob a orientação da coordenação.

O coordenador relatou também que na época foram feitos registros de vídeos e fotos das situações de bebedeira dentro do abrigo, confirmou que esses registros eram para se respaldar das suas decisões diante do Ministério Público, os vídeos serviam para justificar quando ele era obrigado a desligar alguém do abrigo ou ainda ter que dá uma advertência para algum deles.

Eles reclamavam ao ministério público, telefonavam para o Procurador do Ministério Público Senhor Fernando, que solicitava uma resposta porque alguém havia sido desabrigado. Um documento do Ministério Público era enviado à SEMASC pedindo que a Secretaria se explicasse, porque aquele indígena havia sido desabrigado, "aí tínhamos que ter os vídeos e as fotos, fazíamos o relatório, explicávamos o regramento e enviávamos os registros para o Ministério Público dos Warao bebendo, caídos pelo chão, cheio de vômitos, brigando (SENHOR BRELAZ, COORDENADOR DO ABRIGO ALFREDO NASCIMENTO, 2020).

Observamos que administrar o abrigo Alfredo Nascimento, não era uma tarefa fácil, no dia a dia o que acontecia e que fugiam às regras do bom convívio social no abrigo, alguns sujeitos abrigados entravam com bebidas alcólicas, se exaltavam terminava sempre com discussões e conflitos entre eles.

Tantos homens e mulheres tinham o hábito de beber, costume que se observa também entre os jovens. Os registros em fotos e vídeos que a coordenação fazia ajudavam a identificar os sujeitos que transgrediam o regramento, e ajudavam na defesa dos gestores do lugar, quando as denúncias chegavam até o Ministério Público, sempre por um deles que morava no abrigo.

2.5. A desmobilização para os abrigos provisórios, por conta da pandemia do coronavírus

Quando a pandemia do novo coronavírus foi decretada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) no dia 11 março de 2020, umas das normas da OMS para se evitar o contágio era cumprir o distanciamento social, no abrigo o esforço para cumprir essa norma ficou inviável num abrigo superlotado. Tendo em vista o avanço da Covid-19 e o aumento do número de casos na cidade Manaus, a solução encontrada pela Secretaria Municipal foi a de desmembrar o abrigo e realocar todos os desabrigados em abrigos provisórios.

De acordo com a SEMASC o abrigo foi desmembrado em cinco novos abrigos provisórios, a divisão permaneceu por blocos como estavam divididos no abrigo Alfredo Nascimento, esta ação foi iniciada em abril de 2020, com a desativação dos dois primeiros blocos, e no final de maio o abrigo foi totalmente desativado.

Inicialmente a Secretaria Municipal coordenação realocou os Warao em abrigos provisórios em várias zonas da cidade de Manaus, ficando da seguinte forma:

- Os abrigados do primeiro bloco foram transferidos para o Ginásio Ninimberg Faria, localizado no bairro de São Jorge na zona oeste.
- Os abrigados do segundo bloco foram transferidos para a Escola Municipal Carlos Gomes, localizado no bairro da compensa na zona oeste.
- Os abrigados do terceiro bloco foram transferidos para o bairro de Santa Etelvina.
- Os abrigados do quarto bloco foram transferidos para o bairro do Japiim na zona centro-sul
- Os abrigados do quinto bloco foram para o Ginásio Zezão, na avenida Grande Circular na zona leste

Nesse desmembramento, a regra é que não podia sair, era um isolamento, nós estávamos obedecendo as determinações das autoridades competentes, então eles tinham que ficar dentro, não podiam sair pra rua não, aí nós tínhamos que providenciar tudo o que eles precisavam pra que eles se mantivessem aqui, foi quando a gente começou a fornecer o alimento pronto, quando começou a pandemia. Até hoje é dessa forma, cada abrigado nosso, recebem as refeições diárias que consiste em café da manhã, depois eles recebem o almoço e recebem a janta, bem parecido com a dinâmica daqui,

aí começou o problema em relação à alimentação, pois eles não estavam mais preparando (SENHOR BRELAZ, COORDENADOR DO ABRIGO ALFREDO NASCIMENTO, 2020).

Quando começou a pandemia, havia mais de 500 indígenas no Abrigo Alfredo Nascimento, conforme os relatos do senhor Brelaz, o abrigo foi desmembrado para ginásios e escolas para que não houvesse contaminação. A mudança fez parte do plano de desmobilização gradativa do período emergencial da pandemia de Covid-19, coordenado pela Secretaria Municipal da Mulher, Assistência Social e Cidadania (SEMASC), onde cinco espaços de acolhimento provisórios e uma área de isolamento para indígenas Warao foram implantados como medida emergencial, no intuito de conter o avanço da doença na população vulnerável de refugiados indígenas da etnia Warao.

Após a descentralização do abrigo principal, os Warao foram direcionados para cinco abrigos provisórios como já foi mencionado, essa política de desmobilização segundo a Prefeitura e a Secretaria Municipal de Manaus, foi para evitar a contaminação por coronavírus. Nessa transição algumas medidas foram tomadas para que as normas de isolamento fossem cumpridas, a alimentação, por exemplo passou a ser distribuídas em marmitas.

2.6. Abrigo Tarumã-Açu, o isolamento na pandemia

O Abrigo Tarumã-Açu localizado em um sítio no bairro Tarumã-Açu na Zona Oeste de Manaus, foi dividido em dois abrigos o Tarumã-Açu 1 que iniciou suas atividades em julho de 2020 e o abrigo Tarumã-Açu 2 que teve início em setembro de 2020. A Prefeitura de Manaus, a partir do dia 14 de julho de 2020, deu início ao processo de desmobilização gradativa de trinta e cinco famílias, cerca de cento e setenta e dois indígenas Warao, transferidas para o novo abrigo Tarumã-Açu 1, que estavam nos dois espaços de acolhimento provisório na escola municipal Carlos Gomes no bairro da Compensa e no Ginásio Ninimberg Faria no bairro de São Jorge.

Figura 15: Fachada do abrigo Tarumã-Açu 1



Foto: Pablo Rogério Rosas Costa (mar/2021).

O Abrigo Tarumã-Açu1 possui uma área de seis mil metros quadrados, com redários, 22 banheiros, refeitório para 120 pessoas, quadra de esporte, cisterna, salão de reunião e área administrativa, existe ainda uma sala de escuta qualificada, atendimento psicossocial, o espaço está localizado em uma área verde com local para organização comunitária das mulheres Warao artesãs.

Figura 16: Abrigo Tarumã-Açu alojamento e redário



Fonte: Trabalho de campo (mar/2021). Foto: Pablo Rogério Rosas Costa (mar/2021).

O abrigo Tarumã-Açu é coordenado pela Senhora Janete Oliveira, que possui a função de Assistente Social. Dentre as atividades que desempenha neste abrigo, nos informou:

Quando começou a pandemia do coronavírus em março de 2020 havia mais de quinhentos Warao no abrigo Alfredo Nascimento, o abrigo foi desmembrado e a prefeitura de Manaus realocou os indígenas para ginásios e escolas para que não houvesse contaminação. Nesse período a prefeitura conseguiu dois abrigos definitivos e após a liberação viemos para o abrigo Tarumã-Açu 1 a partir do dia 14 de julho e o Tarumã-Açu 2 a partir do dia 3 de setembro. No abrigo Alfredo Nascimento havia bastante gente naqueles blocos. Teve aquele primeiro momento em março que foi decretada oficialmente a pandemia e o estado de emergência em todo o país. O prefeito tomou a decisão de descentralizar os indígenas seguindo as recomendações das agências de saúde para não haver aglomeração e evitar o contágio (SENHORA JANETE, COORDENADORA DO ABRIGO TARUMÃ-AÇU1, 2020).

Até o final deste estudo o abrigo Tarumã-Açu 1, Tarumã-Açu 2 estavam em funcionamento, já o abrigo Tarumã-centro na Pça 14 tem uma programação de desativação em breve. Nos foi informado que vinte e cinco famílias estão alojadas no Tarumã-Açu 2 totalizando cento e dez indígenas, onde se observa um número expressivo de crianças e jovens, conforme nos relatou a coordenadora do abrigo, como nos mostra a tabela abaixo:

Quadro 5: Faixa etária do grupo Warao residente no Abrigo Tarumã-Açu 2

Masculino/Idade(anos)	Quantidade	Feminino/Idade(anos)	Quantidade
0 a 5	09	0 a 5	14
6 a 11	10	6 a 11	10
12 a 17	08	12 a 17	06
18 a 21	04	18 a 21	01
22 a 30	06	22 a 30	08
31 a 40	05	31 a 40	07
41 a 50	04	41 a 50	04
51 a 75	03	51 a 75	02
Subtotal	49	Subtotal	52
Total	101		

Fonte: Coordenação do Abrigo Taruma-Açu2 (novembro/2020).

Elaboração: Pablo Rogério Rosas Costa (2020).

De acordo com os dados da tabela, nos chama atenção a pequena quantidade de idosos que se encontram instalados no abrigo, pois se levarmos em consideração quantidade de Warao que se deslocam em direção ao Brasil, é visível o baixo número de idosos que chegam. São esses que no fluxo migratório ficam para traz.

A coordenadora do abrigo nos informou que no abrigo Tarumã-Açu 1 e 2 não existe mais a figura do cacique, portanto não há, mas a escolha do cacique através de eleição do grupo, como havia nos abrigos anteriores. Ainda existem conflitos, mas procuram resolver entre eles. Destaca ainda que os maiores problemas foram as doenças, como o sarampo, a catapora e a gripe, além de crianças desnutridas e debilitadas. São doenças que em estudos sobre epidemias já assolam não só indígenas, mas populações que residem também nas cidades.

Os Warao partem do local de origem em grupos familiares, os que não seguem e ficam para trás são os idosos, o quadro número 5, confirma essa percepção que poucos velhos se encontram abrigados, essa observação foi ressaltada pela coordenadora, essa situação nos leva a pensar no futuro das redes sociais estabelecidas com os familiares que ficaram no local de origem.

Quadro 6: Quantidade de menores no abrigo Tarumã-Açu

Menores de idade (0 a 17 anos)	Quantidade
Meninos	27
Meninas	30
Total	57

Fonte: Coordenação do Abrigo Taruma-Açu2 (Nov/2020).

Elaboração: Pablo Rogério Rosas Costa (2020).

Outro dado importante que nos chama atenção é o número de menores no abrigo, que representam em torno de 57% como demonstramos no quadro 6. Os quadros 5 e 6 permitem deduzir que mesmo considerando um processo de migração, existe uma grande quantidade de crianças e adolescentes, ou seja, são deslocamentos de grupos familiares que revelam as especificidades da mobilidade do povo Warao.

No abrigo são oferecidas em torno de três refeições por dia que são fornecidas pela prefeitura, distribuídas em marmitas, o almoço é composto de arroz, frango ou carne. No cardápio não entrava feijão e nem café porque não fazem parte dos hábitos ou costumes alimentares do povo Warao.

O abrigo Tarumã-Açu 1 e 2 possuem regras e horários para a entrada e saída dos abrigados, a coordenadora nos relata que eles podem sair durante o dia, mas às 19hs os portões são fechados e não é permitida a entrada de qualquer pessoa.

No abrigo, a coordenadora nos informou que existe o fluxo de saída da família abrigada para o aluguel social com ajuda da prefeitura, justifica-se a saída do abrigo

2.7. Abrigos como instituições de espaços demarcados e segregados

O abrigo Tarumã-Açu, localizado na zona Oeste da cidade distante da região central de Manaus, em uma área limite entre a zona urbana e zona rural da cidade. A entrada do abrigo possui muros bastante altos, com seguranças que fazem o controle da entrada e saída de pessoas através de um portão elétrico.

Segundo Agier (2006, p. 199), o modelo desses abrigos, é uma forma obcecada de controle, o autor vai além ao afirmar que o dispositivo humanitário mundial é o isolamento, os chamados sítios humanitários situados nas margens, afastados dos locais de vida comuns e continua: “com a constituição dos terrenos do humanitário como espaços de exceção, como os não lugares, a história política recente fez nascer uma categoria mundial de sem-lugar e sem-direitos mais ampla que a soma dos refugiados propriamente ditos.

Nossa experiência ao longo da pesquisa nos permite pactuar com as afirmativas trazidas por Agier (2006) sobre o controle das agências de acolhimento. Há um impedimento rígido do acesso de pesquisadores aos abrigos no estado do Amazonas, a restrição de acesso foi acentuada mais ainda nos anos de 2020 e 2021 devido a pandemia do coronavírus.

No abrigo, a prefeitura de Manaus recebia também ajuda de colaboradores de outras instituições, a Súper Panas e Aldeias Infantis que estão juntas com a UNICEF para colaborar na área da educação de crianças e adolescentes abrigadas, a ACNUR (Alto Comissariado das Nações unidas para os Refugiados) convida ONG's que trabalham com grupos indígenas, para auxilia-los na retirada de documentação, na educação das crianças e a OIM (Organização Internacional para Migrações) que chega ao abrigo para realizar suas atividades assistenciais.

Figura 18: Colaboradores da OIM no abrigo Tarumã-Açu



Foto: Pablo Rogério Rosas Costa (mar/2021).

O isolamento que essas agências promovem por essas agências podem caracterizar o que os próprios Warao estão vivenciando nos abrigos em Manaus. O controle na forma empregada e o confinamento espacial são estranhos à cultura Warao. Muitos Warao tentam sair dos abrigos para perambular pelas ruas para fazer a coleta, exceção dos que estão morando em casa alugadas pela Secretaria Municipal da Mulher, Assistência Social e Direitos Humanos – SEMMASDH.

Os gestores dos abrigos não levam em consideração as dinâmicas culturais de deslocamentos dos Warao, dessa forma é pertinente Ventura (2018, p. 24) quando diz que:

Desde o início, a gestão dos abrigos ou desconsiderou ou teve dificuldades para reconhecer as dinâmicas próprias e as formas de organização social destes grupos, suas relações internas e forma de tomada de decisões ou da resolução de conflitos. A perspectiva adotada foi a do disciplinamento da vida nos abrigos e o estabelecimento de normas sem a participação e consulta devida aos indígenas. Houve, inclusive, interferência nos modelos de organização – atribuindo-se, em alguns momentos, às entidades gestores o poder de indicar os representantes legítimos das famílias indígenas – e a estruturação rigorosa de horários e funções.

Figura 19: Colaborador da instituição estadual no abrigo Warao



Foto: Pablo Rogério Rosas Costa (mar/2021).

Analisando as agências governamentais estaduais e municipais, que atuam nos abrigos em Manaus, a percepção é que essas agências tomaram para si a tutela dos Warao. Os migrantes indígenas “tutelados” perderam o direito de voz e essas entidades os tratam como uma categoria “relativamente incapaz”. Essa política tem provocado a evasão desses sujeitos dos abrigos. Entendemos ainda que por questões culturais, eles têm resistido a essa imposição, procurando uma maior autonomia e se recusam a serem sujeitos desse controle e isolamento.

O povo Warao têm feito deslocamentos a partir das suas comunidades tradicionais, essa mobilidade conforme nosso estudo é cultural, mas a cada chegada em um novo lugar, existe a dicotomia de solicitar refúgio se tornando sedentário para (re) territorializar, ou manter sua dinâmica cultural entre ir e vir do delta do Orinoco na Venezuela para os abrigos no Brasil, não se estabelecendo provavelmente ocorra a perda dos territórios tradicionais.

Nossa proposta está voltada para as experiências dos lugares de passagem dos Warao, como representar esses lugares vividos por esse povo, como trazê-los

para o presente. Para descrever esses lugares apresentamos no terceiro capítulo os mapas mentais dos sujeitos e a narrativas também desse grupo.

3. A REPRESENTAÇÃO DOS CAMINHOS PERCORRIDOS PELO POVO WARAO: EM BUSCA DO LUGAR E O OLHAR DO OUTRO

3.1. Mapas Mentais dos Warao do abrigo Tarumã-Açu: representando os caminhos da Migração

Quando pensamos em representar os lugares dos trajetos e o vivido do Warao migrante, nos deparamos com uma questão, como representa-los? Pensamos em fazer um estudo com o povo Warao em Manaus, com a ideia de apresentar a trajetória migracional, que demonstrassem, se possível o lugar de origem na Venezuela, o trajeto e o destino atual. Conseguimos analisar a sua trajetória, os motivos e as causas do seu deslocamento. Ao refletirmos sobre a capacidade dessa análise de apreender o mundo vivido por cada sujeito, houve a necessidade de repensarmos nossa abordagem, reconhecendo as limitações idiomáticas e as limitações da racionalidade científica.

Nosso desafio foi buscar bases científica que nos possibilitasse uma melhor compreensão do vivido, por cada sujeito da pesquisa, primeiramente através da abordagem fenomenológica da Geografia, que nos deu a sustentação teórica nos argumentos, pois a fenomenologia tem a intenção de se aprofundar diretamente nas vivências dos sujeitos, ressaltando a importância e a legitimidade desse estudo.

A abordagem fenomenológica na Geografia nos possibilita pensar a representação do vivido imediato, entretanto para definir os procedimentos partimos da seguinte questão: como ter acesso ao lugar experienciado, lugar esse carregado de significados, com experiências agradáveis e desagradáveis.

Ao pensar o mapa mental como uma forma de linguagem, Kozel (2007) afirma que os mesmos permitem ir além da referência ao lugar, e ao mundo vivido cujas bases se encerram na fenomenologia. A autora apresenta a discussão concebendo-os como uma forma de linguagem que reflete o espaço vivido representado em todas as suas nuances, cujos signos são construções sociais. A ideia de que as representações são fundamentalmente de natureza social, não despreza o espaço vivido, mas enfatiza que os signos das imagens construídas pelos indivíduos são oriundos de uma construção social.

Os mapas mentais, conforme Nogueira (2001), são abordados como representações gráficas que demonstram o vivido imediato, sendo construídos com

informações subjetivas do espaço vivido, tratando-se, portanto, de uma interpretação fenomenológica da realidade de cada indivíduo.

Mapa cognitivo, mapa mental, modelos cognitivos e modelos mentais são tipos de processamento mental. Um mapa cognitivo é um mapa mental aprendido de um ambiente espacial, geralmente sem estar consciente do fato de que você tenha aprendido. Por exemplo, um homem que descreve detalhadamente como chegar ao seu trabalho. É comum que as pessoas representem lugares que tem significado especial, seja prático ou emocional, assim como detalhem melhor lugares com os quais tem mais familiaridade. O mapa mental, traz a possibilidade de fazermos uma leitura das recordações de cada indivíduo, possibilitando ter o resultado das experiências do lugar de origem, dos lugares de passagem e as narrativas dos sujeitos.

A partir da elaboração do mapa mental e da obtenção das próprias narrativas, observamos que os sujeitos percebem os lugares de forma diferenciada, dessa forma podemos afirmar que cada pessoa é única em ver, sentir, reagir e, portanto, perceber e representar o mundo, conforme os elementos mais significativos que fazem parte de suas vivências. Cada indivíduo é único e a percepção do lugar vivido também é único, como afirma Tuan (1980, p. 6), quando diz que “[...] duas pessoas não veem a mesma realidade. Nem dois grupos sociais fazem exatamente a mesma avaliação do meio ambiente [...]”. Mesmo diante de toda a diversidade de percepções do mundo, o autor acrescenta que “[...] todos os seres humanos compartilham percepções comuns, um mundo comum, em virtude de possuírem órgãos similares.

Nesse sentido, Tuan (1980) comprova que os indivíduos percebem o mundo através dos órgãos dos sentidos: visão, audição, olfato, paladar e tato. A percepção é fruto da combinação de todos os sentidos em sua totalidade, apesar de que um possa se sobressair aos demais, dependendo de nossas experiências. É dessa forma que “cada sentido reforça o outro, de modo que juntos esclarecem a estrutura e a substância do edifício todo, revelando o seu caráter essencial (TUAN, 1980. 14)”.

A intenção dos mapas mentais é descrever e compreender como o povo indígena Warao representam seus lugares de origem, seus trajetos e os lugares de passagem. Então faremos um retorno ao vivido por esses sujeitos, a partir de suas experiências no mundo e do mundo, que será possível obter através das suas

representações dos lugares (mapas mentais), partimos assim para os fenômenos existentes na consciência de cada indivíduo como resultado de suas experiências.

O contato com os sujeitos no abrigo foi muito importante no desenvolvimento da pesquisa, em nenhum momento houve objeção por parte dos Warao que estão abrigados no Tarumã-Açu para a realização deste trabalho. Os únicos problemas que impediram a realização das etapas como havia sido programado, foi em decorrência da pandemia da Covid-19. Repassamos as orientações para os procedimentos assim como a metodologia para a conclusão dessa etapa da pesquisa através de áudio e mensagem de texto. A atividade somente foi possível com a ajuda desses colaboradores do abrigo foi possível realizar a oficina de mapas. Tendo em vista que nossa entrada não foi permitida em março de 2021, devido às restrições impostas pela pandemia de Covid-19.

A oficina de mapas mentais no abrigo Tarumã-Açu, foi realizada para compreender as representações sociais e cognitivas dos sujeitos, os detalhes possíveis e a trajetória percorrida do seu território originário na Venezuela até Manaus, assim como seus lugares de passagem na cidade.

Figura 20: Grupo participante da oficina de mapas mentais



Fonte: colaboradores abrigo Tarumã-Açu (2021).

O grupo participante foi reunido no salão do abrigo Tarumã-Açu 1, que foi utilizado para realizar essa etapa do trabalho de campo, as atividades iniciaram no dia 4 de março de 2021 e finalizada no dia 09 de março de 2021.

O material que foi utilizado para a execução da oficina de mapas mentais foram cartolinas, papel A4, lápis, lápis de cor, borracha e apontador. Participaram da atividade dez grupos de famílias Warao que foram identificadas com o nome completo dos participantes.

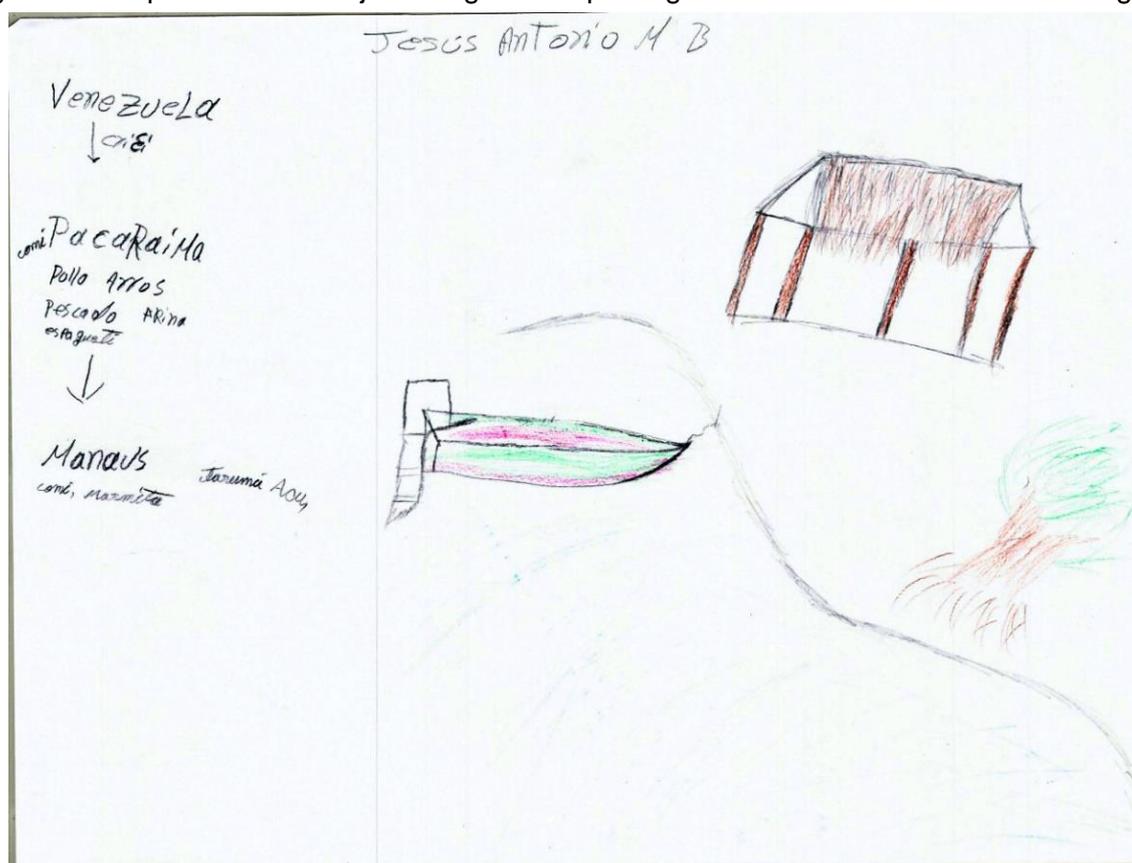
Figura 21: Oficina de mapas mentais no abrigo Tarumã-Açu



Fonte: Colaboradores abrigo (2021).

Como forma de facilitar a compreensão que os sujeitos escreveram na língua espanhola, resolvemos fazer um quadro com a tradução para o português dos dez mapas mentais. O migrante venezuelano Leonardo Salazar Quijada, da cidade de San Félix foi o tradutor de muitas palavras e frases idiomáticas que não conseguimos traduzir. Os mapas trouxeram as narrativas dos Warao que foram obtidas através dessas representações.

Figura 22: Mapa mental do trajeto e lugares de passagem da Família Jesus Antonio Borges



Fonte: Trabalho de campo (março/2021).

Quadro 7: Tradução do mapa mental da família de Jesus Antonio Borges

Espanhol	Português
<i>Venezuela crisi</i>	Venezuela crise
<i>comi Paracaraima, pollo, arroz, pescado, arina, espagueti</i>	Pacaraima comi frango, arroz, peixe, farinha e macarrão
<i>Manaus comi, marmita, Tarumã Acu</i>	Manaus comi, marmita, Tarumã-açu

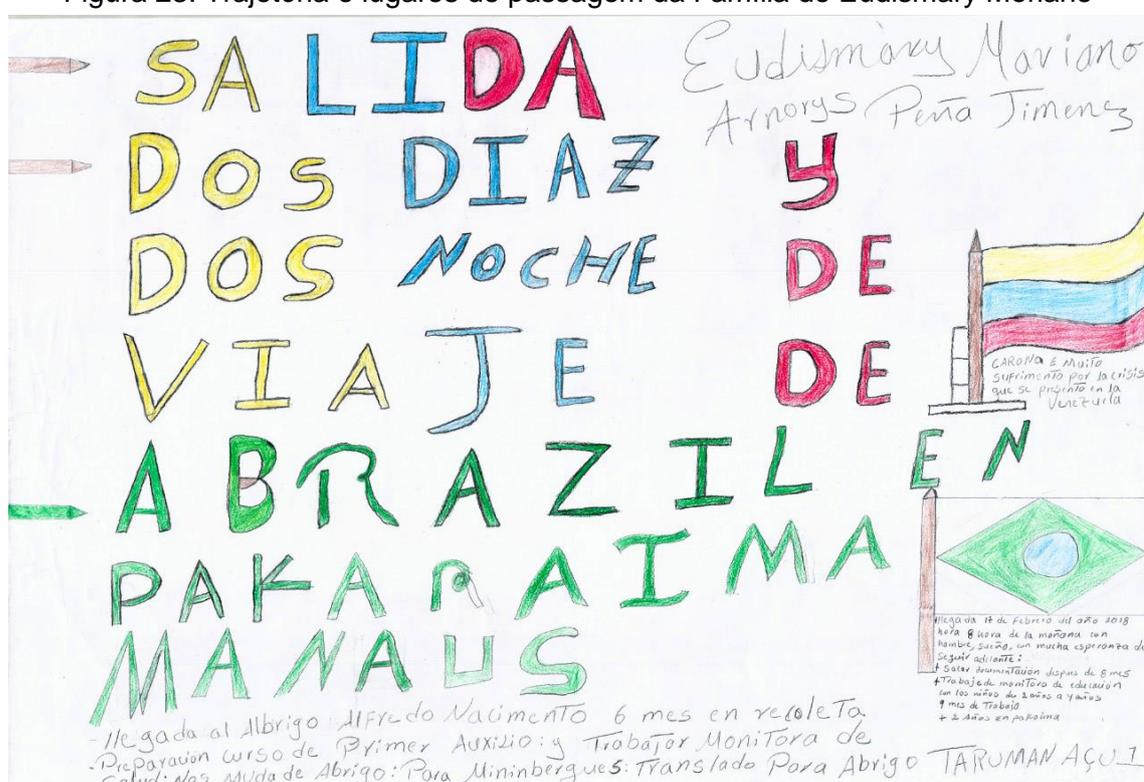
Fonte: Trabalho de campo (março/2021).

Elaboração: Pablo Rogério Rosas Costa (2021).

No mapa mental acima (Figura 23) a família do Senhor Jesus Antonio M. Borges inicia a trajetória registrando a saída da “Venezuela” que o país está em “crise”, na outra etapa menciona a entrada no Brasil pela cidade de Pacaraima/RR, onde receberam alimentos, “frango, arroz, peixe, farinha e macarrão” sendo provavelmente a primeira refeição feita na cidade. Na próxima etapa, chegando à cidade de Manaus também lembram da “comida em marmita no abrigo Tarumã-Açu”, recebem as refeições que são servidas prontas, em relação à questão alimentar há uma resistência em relação a comida servida em marmita, conforme nossa pesquisa eles

se queixam bastante da refeição em marmitta e preferem preparar seu próprio alimento. No mapa são representados ainda desenhos e pinturas de uma região ribeirinha com vários elementos significativos que podemos perceber se tratar do território original da família, que faz parte do mundo vivido e das memórias afetivas da família nesse lugar, são representações do rio, de uma casa de palafitas com telhado coberto de palha, vegetação e árvore próxima a casa, uma canoa amarrada que deve ser o principal meio de locomoção. De acordo com a análise do mapa mental a família tem muita recordação do lugar de origem, e a principal motivação da saída desses sujeitos para o Brasil foi a falta de alimento, por esse motivo entendemos que sua migração se deu por uma questão de sobrevivência.

Figura 23: Trajetória e lugares de passagem da Família de Eudismary Moriane



Fonte: Trabalho de campo (março/2021).

Quadro 8: Tradução do mapa mental da família de Eudismary Moriane

Espanhol	Português
<p><i>“Salida dos días y Dos noche de viaje de A brazilian em pakaraima Manaus Llegada al abrigo Alfredo Nacimiento 6 mês en recoleta - preparacion curso de primer auxilio: y trabajo monitora de Salud: Nos muda de Abrigo: Para Mininbergs: Traslado para abrigo Taruman Açú. Carona e muito Sofrimento por la crisis que se presento em la Venezuela Hlegada 17 de Febrero del año 2018 Hambre, Sueño, com mucha esperanza de Seguir adelante: + Sacar documentacion despues de 8mes +Trabaje de monitora de educacion Com los niños de 2 años a 4 años 9 mês de trabajo + 2 Años em pakaima. “Llegada al abrigo Alfredo Nacimiento 6 meses en recoleta; Preparacion curso de primer auxilio y Trabajo monitora de salud; Nos muda de abrigo: Para Mininbergues; Traslado para abrigo Taruma Açú”</i></p>	<p><i>“Partida dois dias e duas noites de viagem de brasileiro em pakaraima Manaus Chegada ao abrigo Alfredo Nacimiento 6 meses na Recoleta - preparação do curso de primeiros socorros: e monitor do trabalho Saúde: Mudamos de abrigo: Para Mininbergs: Transferência para o abrigo Taruman Açú. carona e muito Sofrendo com a crise que ocorreu na Venezuela</i></p> <p><i>Chegada em 17 de fevereiro de 2018</i></p> <p><i>Fome, Sonho, com muita esperança de seguir em frente:</i></p> <p><i>+ Obter documentação após 8 meses</i></p> <p><i>+Trabalhar como monitora educacional</i></p> <p><i>Com crianças de 2 anos a 4 anos 9 meses de trabalho + 2 anos em pakaima</i></p> <p><i>Chegada ao abrigo Alfredo Nacimiento 6 meses no abrigo; Preparação do curso de primeiros socorros e trabalho de monitor de saúde; Mudamos a nossa pelagem: Para Mininbergues; Traslado para o abrigo Taruma Açú”</i></p>

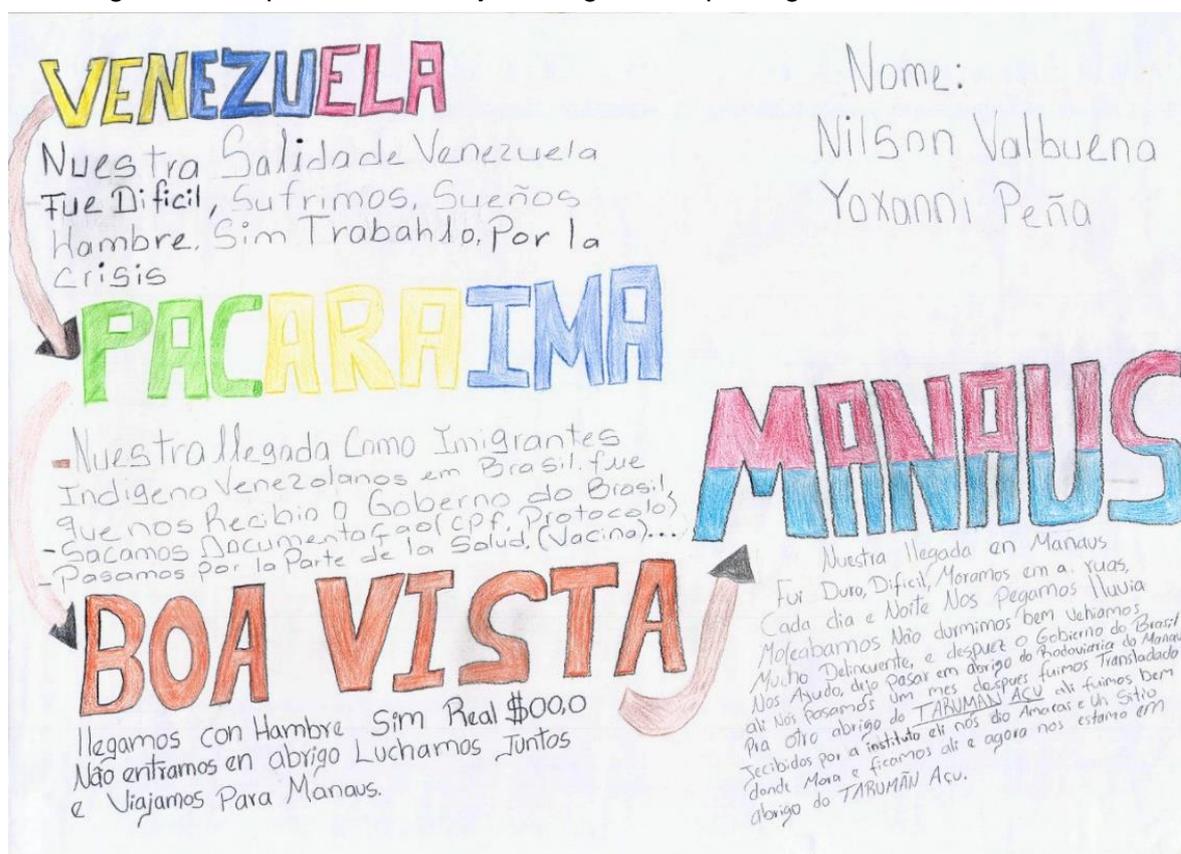
Fonte: Trabalho de campo (março/2021).

Elaboração: Pablo Rogério Rosas Costa (2021).

A família do Senhor Arnorys Mariana Jimenez e Senhora Eudismary Moriane representou no mapa mental acima (Figura 24) a sua trajetória, A família começa o mapa mental descrevendo a trajetória da saída do seu país, “foi um período de dois dias e duas noites da viagem até chegar ao Brasil”, a “primeira cidade que chegaram foi Pacaraima de lá eles continuam sua trajetória até a chegada em Manaus”. Durante esse percurso relata muita dificuldade, “carona e muito sofrimento devido à crise que

ocorre na Venezuela”. Foi representada a bandeira do Brasil e abaixo eles comentam sobre a chegada ao território brasileiro, a falta de alimento e o trabalho no abrigo em Pacaraima “Chegada 17 de fevereiro de 2018 às 8 da manhã com fome, com sono, com muita esperança de seguir em frente: obteve documentação após 8 meses; Trabalhou como monitora educacional com crianças de 2 anos a 4 anos 9 meses de trabalho; 2 anos em pacaraima”. Em Manaus é mencionado os lugares de passagem e o abrigo que se encontram atualmente: “Permaneceram 6 meses no abrigo Alfredo Nascimento”; “Preparação do curso de primeiros socorros e trabalhou de monitor de saúde”; “Mudança para o abrigo provisório, Ginásio Nininbergue Faria depois foram realocados transferido no abrigo Taruma Açú”. No mapa a família revela o sofrimento que passou durante o percurso da Venezuela até a chegada ao Brasil, viajaram de carona e saída por conta da crise que se apresenta no país. Eles registram a data da chegada ao território Brasileiro, com muita fome, cansados e com muita vontade de seguir em frente, de não perder a esperança. Passaram um período de dois anos em Pacaraima, adquiriu documentos, teve a oportunidade de trabalhar com na educação infantil no abrigo em Roraima. Em Manaus passaram pelo abrigo Alfredo Nascimento permaneceram por seis meses, foram transferidos para o abrigo provisório, depois transferidos novamente para o abrigo Tarumã-Açu. Percebe-se que a família está em busca de melhores condições de vida, já conseguiram uma oportunidade de trabalho dentro do abrigo. No mapa não foi representado o seu lugar de origem na Venezuela. Concluímos que essa família pretende ficar e se estabelecer no Brasil.

Figura 24: Mapa mental do trajeto e lugares de passagem da Família Valbueno



Fonte: Trabalho de campo (março/2021).

Quadro 9: Tradução do mapa mental da família de Nilson Valbueno

<p>VENEZUELA Nuestra Salidade Venezuela Fue Difícil, Sufrimos, Sueños Hambre, Sin Trabajo, Por la crisis</p> <p>PACARAÍMA Nuestra llegada Como Inmigrantes Indigenas Venezolanos em Brasil fue Que nos Recibio o Gobierno do Brasil, Sacamos Documentação (cpf, protocolo) passamos por la Parte de la Salud, (vacina)...</p> <p>BOA VISTA Llegamos con hambre Sin real \$00,0 Não entramos em abrigo</p> <p>Luchamos Juntos E Viajamos Para Manaus.</p>	<p>VENEZUELA Nossa saída da Venezuela, foi difícil, sofremos, passando sono, fome, sem trabalho e tudo pela crise</p> <p>PACARAÍMA Nossa chegada como imigrante indígena venezuelanos no Brasil, o Governo Brasileiro nos recebeu. Retiramos documentos (cpf, documento de refugiado). Passamos pela inspeção de Saúde (vacina).</p> <p>BOA VISTA Chegamos com fome sem dinheiro Não entramos no abrigo lutamos juntos e viajamos para Manaus</p>
--	---

<p><i>MANAUS Nuestra llegada em Manaus</i></p> <p><i>Fui Duro, Dificil, Moramos em a ruas</i></p> <p><i>Cada dia e Noite Nos pegamos huvia moleabamos havia Mucho Delinquente, e despuez o Gobierno do Brasil. Nos Ayuda, dejo passar em abrigo do Rodoviaria do Manaus. Ali Nós passamos um mês despues fuimos Transladado Pra otro abrigo do <u>TARUMAN AÇU</u> ali fuimos bem jecibidos por a instituto eli nós dio Amaca e Un Sitío donde mora e ficamos ali e agora nos estamos em abrigo do <u>TARUMÃN Açu</u>.</i></p>	<p>MANAUS Nossa chegada em Manaus foi dura, difícil, moramos nas ruas vários dias</p> <p>e noites pegamos chuva dormíamos pegando chuva, víamos muitos delinquentes e depois o governo do Brasil ajudou a gente, deixou passar no abrigo da rodoviária de Manaus. Ali nós passamos um mês, depois foram transferidos para o abrigo Tarumã-açu1. Ali fomos bem recebidos recebemos redes, lugar para dormir e agora estamos no abrigo Tarumã- Açu</p>
---	--

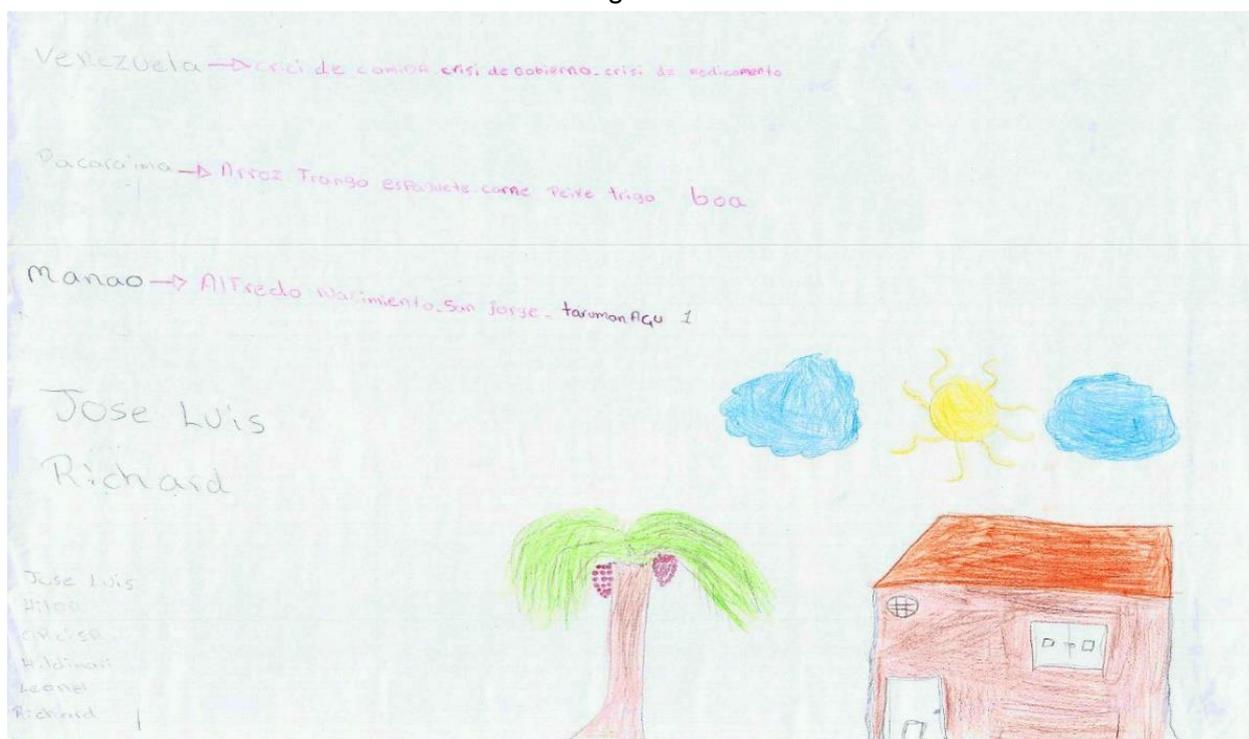
Fonte: Trabalho de campo (março/2021).

Elaboração: Pablo Rogério Rosas Costa (2021).

A família do Senhor Nilson Valbueno, representou no mapa mental acima (Figura 25) o seu deslocamento: “Venezuela: nossa saída da Venezuela, foi difícil, sofremos, passando sono, fome, sem trabalho e tudo devido à crise. “Pacaraima: Nossa chegada como imigrante indígena venezuelanos no Brasil, o Governo Brasileiro nos recebeu, retiramos documentos (CPF, documento de refugiado), passamos pela inspeção de Saúde (vacina).” “Boa Vista: chegamos com fome sem dinheiro, não entramos no abrigo lutamos juntos e viajamos para Manaus”. “Manaus: nossa chegada em Manaus foi dura, difícil, moramos nas ruas vários dias, muitas noites pegamos chuva em razão disso muitas noites sem dormir, víamos muitos delinquentes e depois o governo do Brasil ajudou a gente, deixou passar no abrigo da rodoviária de Manaus. Ali eles permaneceram um mês, depois foram transferidos para o abrigo Tarumã-Açu 1. Ali fomos bem acolhidos recebemos redes, lugar para dormir e agora estamos no abrigo Tarumã-Açu. No mapa mental a família destaca a saída da Venezuela que foi difícil, sofreram, passaram dias sem dormir, passaram fome, sem trabalho, sem dinheiro, por causa da crise no seu país. Ao chegar foram bem recebidos pelo governo brasileiro, conseguiram tirar documentos e tomar vacinas, em Boa Vista não ficaram em abrigo, permaneceram juntos e viajaram para Manaus. Em Manaus dormiram na rua, foram agredidos, molestados. Ficaram morando no entorno

da Rodoviária de Manaus onde passaram um mês, depois foram transferidos para o abrigo Tarumã-Açu lá foram bem recebidos ganharam redes e um lugar para morar. Após muito sofrimento durante o deslocamento, a família agradece por estar segura em um abrigo em Manaus. Eles mencionam a importância de retirar os documentos, um indício de que querem almejam trabalhar. O mapa tem uma caligrafia muito boa, nos leva a crê que tiveram oportunidade de estudar, não mencionam nenhuma localidade de origem, provavelmente moram em centro urbano.

Figura 25: Mapa mental da trajetória e lugares de passagem da Família de José Luís Rivero Borges



Fonte: Trabalho de campo (março/2021).

Quadro 10: Tradução do mapa mental da família de José Luís Rivero Borges

Espanhol	Português
<i>Venezuela crisi de comida crisi de gobierno crisi de medicamento</i>	Venezuela crise alimentar crise do governo crise de medicamento
<i>Pacaraima Arroz, Frango, espaguete, carne, peie, trigo boa</i>	Pacaraima Arroz, Frango, Espaguete, Carne, Peie, Boa Trigo
<i>Manao Alfredo Nascimento. San Jorge. Taruman Açu1</i>	Manaus Alfredo Nascimento. São Jorge. Taruman Açu1

Fonte: Trabalho de campo (março/2021).

Elaboração: Pablo Rogério Rosas Costa (2021).

No mapa mental acima (Figura 26) da família do Senhor José Luís Rivero Borges, representaram e escreveram sobre seu trajeto. Primeiramente “Venezuela:

crise de alimento, crise de governo e crise de medicamentos, na análise do mapa a família faz uma crítica em relação aos problemas políticos, econômicos e sociais no país, quando escreve sobre a falta de alimento, a crise no governo e a falta de medicamentos. Na próxima etapa é mencionada a primeira cidade brasileira que fica na fronteira entre os dois países com a frase, “Pacaraima: em Pacaraima a família se alimentou de arroz, frango, macarrão, carne, peixe, trigo, comida boa. Na última frase eles descrevem sobre a cidade de Manaus e os lugares de passagem. “Manaus, Alfredo Nascimento, São Jorge, Tarumã-Açu. Na ilustração a família representou as recordações vividas e memória afetiva do lugar de origem. Nossa percepção mostra que é uma paisagem rural, uma casa colorida, palmeira que é matéria-prima do artesanato e com frutos, um dia com sol com nuvens.

Figura 26: Trajetória e lugares de passagem da Família Cardona



Fonte: Trabalho de campo (março/2021).

Quadro 11: Tradução do mapa mental da família Cardona

Português	Espanhol
<p><i>Venezuela Aya venezula vibí Con mifamiria Passando anbres porezo</i></p> <p><i>Mebine A Brasil de nesezidade alimentoiropa</i></p> <p><i>Brasil Entre Pacanaima aimeiso midokumento pase 3 dia ai comi mamita</i></p> <p><i>Frago y cone</i></p> <p><i>Wabista Vibí um mes comi mamita</i></p> <p><i>Arro macaron Alino de trigo Ai entendiero</i></p> <p><i>ros medisco ami amiposa i mifamilia</i></p> <p><i>no sentifermo nada</i></p> <p><i>Manao VIVI Alfredo na simiento um mês</i></p> <p><i>Con mi família bien nada fermedade</i></p> <p><i>Ain em ter cabas conbo Alina trigo</i></p> <p><i>Arro macaron I azuco Frago</i></p> <p><i>Comi mo bien</i></p> <p><i>São Jorge 3 MÊS AI VIVI c com mifamilia bien Pero sucedio fermedade coronavilu</i></p> <p><i>I yo mimujer mifamilia nada sucedio</i></p> <p><i>Comimobien mamita Do tole bakunabo em la semana</i></p> <p><i>CALUMAN 6 MÊS Tabien toda Família comiendo mamita Crasia dios Fermedad nada I yo meposa mifamilia todo miamigo Familiare Todo bien Crasia todo escrito Mi nombre Fabian Cardona</i></p>	<p>Na Venezuela vivi minha familia passando fome por isso eu vim para o Brasil por necessidade de comida e roupa</p> <p>Em Pacaraima almocei tirei meu documento passei 3 dias, comi marmita de frango e carne</p> <p>Boa Vista: fiquei um mês comi de marmita, arroz, macarrão, bolinho de trigo, fomos atendidos pelos médicos eu minha esposa e minha familia, não ficamos doentes</p> <p>Manaus morei no abrigo Alfredo Nascimento um mês. Com a minha família passei bem não ficamos doentes. La entregavam verduras farinha, trigo, arroz, macarrão, açúcar, frango, comemos bem</p> <p>No abrigo em São Jorge morei 3 meses com minha família, não ficamos doente de coronavírus, eu, minha esposa e minha família não ficamos doentes. Comemos bem marmita e médico vacinando toda a semana. No abrigo Tarumã estou ha 6 meses, toda a minha família está bem, comendo de marmita, Graças a Deus ninguem adoeceu. Eu e minha esposa, minha família e todos meus amigos e familiares todos bem, obrigado a todos. Escrevo meu nome, Fabian Cardona.</p>

Fonte: Trabalho de campo (março/2021).

Elaboração: Pablo Rogério Rosas Costa (2021).

A família descreve no mapa mental acima (Figura 27) a sua trajetória da Venezuela até a chegada em Manaus, a representação da bandeira da Venezuela com suas cores e o nome do país com as seguintes frases: “Na Venezuela vivi com minha família passando fome por isso eu vim para o Brasil por necessidade de comida e roupas”. Dando continuidade na próxima etapa representa a bandeira do Brasil com suas cores, e o nome do país “Brasil” e as frases descritas no mapa: “Em Pacaraima almocei tirei meu documento passei 3 dias, comi marmita com frango e carne”. Na

próxima etapa a família chega na cidade de Boa Vista. “Boa Vista: fiquei um mês comi de marmita, arroz, macarrão, bolinho de trigo, fomos atendidos pelos médicos eu minha esposa e minha família, não ficamos doentes. Na próxima etapa eles descrevem os lugares de passagem em Manaus. “Em Manaus morei no abrigo Alfredo Nascimento um mês. Passei bem com a minha família não ficamos doentes. La entregavam verduras farinha, trigo, arroz, macarrão, açúcar, frango, comemos bem”. Na próxima etapa descreve o abrigo provisório. “No abrigo em São Jorge morei 3 meses com minha família, não ficamos doente de coronavírus, eu minha esposa e minha família não ficamos doentes. Comemos bem marmita e médico vacinando toda a semana”. No próximo texto temos: “No abrigo Tarumã estou há 6 meses, toda a minha família está bem, comendo de marmita, Graças a Deus ninguém adoeceu. Eu e minha esposa, minha família e todos meus amigos e familiares todos bem, obrigado a todos. Escrevo meu nome, Fabian Cardona. Fazendo uma análise desse mapa mental a principal motivação para a migração dessa família foi a escassez de alimentos e a fome na Venezuela. Após entrar no Brasil ele descreve a sua trajetória em cada cidade e os alimentos que consumiram. A percepção que o chefe de família, tem uma grande preocupação com a saúde de todos os familiares, sempre agradecendo e afirmando que todos ficaram bem e não adoeceram de coronavírus. Em relação a alimentação, no Abrigo Alfredo Nascimento eles recebiam cesta básica e preparavam seu alimento. Nos outros lugares de passagem serviam comida em marmita, observou-se muita resistência e reclamação por parte dos Warao na comida que distribuía.

Figura 27: Trajetória e lugares de passagem da Família de David Sanchez



Fonte: Trabalho de campo (março/2021).

Quadro 12: Tradução do mapa da família de David Sanchez

Espanhol	Português
Venezuela	Venezuela
Pacaraima pollo peskad arinas arroz	Pacaraima frango peixe farinha arroz
Boa Vista – en rodoviária mal mitas	Boa Vista nas rodoviárias marmitas
Manaus San Jorge Taruman	Manaus São Jorge Tarumã-açu

Fonte: Trabalho de campo (março/2021).

Elaboração: Pablo Rogério Rosas Costa (2021).

No mapa mental acima (Figura 28) que o Senhor David Sanchez representou com a família, está o caminho percorrido da Venezuela até a cidade de Manaus: Inicialmente ele registra a saída com o nome do país “Venezuela”, e uma seta indicando a próxima etapa da migração que é a cidade de Pacaraima/RR. “Em Pacaraima a família se alimentou de frango, peixe, farinha e arroz”, na próxima frase seguindo a trajetória é mencionada a chegada em Boa Vista e o lugar de passagem. “Na rodoviária de Boa Vista se alimentaram de marmitas. A próxima etapa da família a chegada na cidade Manaus, são mencionados os lugares de passagem. “Manaus, São Jorge e Tarumã”, ou seja, na chegada à cidade de Manaus a família foi realocada

no abrigo provisório do bairro de São Jorge depois foi transferida para o abrigo do Tarumã-Açu. A família menciona os lugares de passagem em Pacaraima e Boa Vista, e detalham o que comeram sugerindo que passaram muita fome durante o percurso até a chegada ao Brasil. Em Manaus é citado os abrigos provisórios do bairro de São Jorge e o Tarumã-Açu. São representados no mapa o lugar de origem, as memórias afetivas da família, com vários elementos de uma região ribeirinha que estão ilustrados no mapa, uma casa na beira de um rio, árvores frutíferas, o céu com sol, nuvens e estrela. E o carro que aparece no mapa, supõe-se ser das cidades e lugares de passagem.

Figura 28: Mapa mental da trajetória e lugares de passagem da família de Yimi Mendoza



Fonte: Trabalho de campo (março/2021).

Quadro 13: Tradução do mapa da família de Yimi Mendoza

Português	Espanhol
<i>Venezuela Bus – 24h hambre</i>	Venezuela Ônibus-24h fome
<i>Santa Elena Terminal Caminando a pies</i>	Santa Elena Terminal Caminhando a pé
<i>Pacaraima refugio – 7 meses uso personal</i>	Pacaraima abrigo – 7 meses uso pessoal
<i>arroz-Harina pollo-carnesmucho apoyo “fraternidade”</i>	arroz-farinha frango-carnes muito apoio fraternal da família. Boa Vista 9 meses no abrigo Pintolândia cama-rede alimentos preparar comida.
<i>Boa Vista 9 meses refugiado abrigo</i>	Manaus pedir na rua- real cesta básica.
<i>Pintolândia cama-hamaca comida cruda</i>	abrigo Santa Etelvina – marmita abrigo
<i>Manaus Alfredo Nacimiento pedir em la calle-real bolsa comida Santa Etelvina – malmita Tarumã Açú 1 Malmita- uso personal -café -pan</i>	Tarumã Açú1 Marmita – higiene pessoal-café e pão

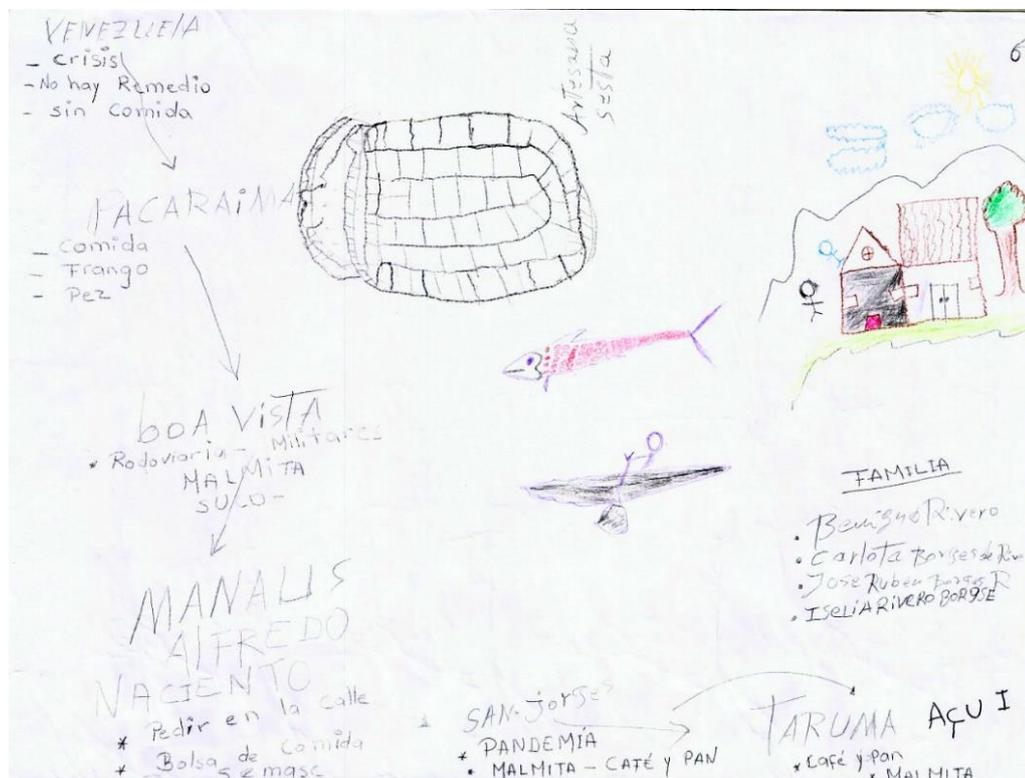
Fonte: Trabalho de campo (março/2021).

Elaboração: Pablo Rogério Rosas Costa (2021).

A família de Yimi Mendoza representou no mapa mental acima (Figura 29) a migração realizada da Venezuela até a cidade Manaus e os lugares de passagem. Na trajetória da família o “ônibus” foi o meio de transporte utilizado do ponto de partida até a cidade de Santa Elena de Uairém, que durou “24 horas”, a palavra “fome” aparece em destaque, com certeza a passaram durante esse percurso, podemos deduzir que a falta de alimento foi o principal motivador dessa mobilização. As informações do mapa revelam que a família “caminhou a pé do Terminal Rodoviário de Santa Elena até Pacaraima”, cerca de 15km que é a distância de uma cidade para outra. “Em Pacaraima conseguiram ficar no abrigo de refugiados cerca de sete meses”, “No abrigo a família ganhou material de higiene pessoal e se alimentaram de arroz, farinha, frango, carne e receberam muito apoio fraternal”. “Em Boa Vista a família passou nove meses no abrigo da Pintolândia” no “abrigo tinha disponível cama, rede, ganharam material de higiene e a alimentação era preparada no abrigo”. A família agradece ao país que acolheu, “Agradeço ao Brasil e a todas as instituições”. No mapa foram desenhados uma paisagem rural que pode ser o lugar de origem da família, destacando-se alguns elementos do lugar, uma casa com bastante arvores com frutos, próximo da casa um rio, uma canoa com sujeito pescando peixe. Nessa representação estão as memórias afetivas do lugar, revelando a saudade do lugar de

origem. A percepção que os integrantes da família frequentaram escola, escreve bem as palavras e tem uma boa ortografia, escreve bem as palavras.

Figura 29: Mapa mental das trajetórias e lugares de passagem da família de Benigno Rivera



Fonte: Trabalho de campo (março/2021).

Quadro 14: Tradução do mapa mental da família Rivera

Espanhol	Português
<i>Venezuela crisis no hay remedio sin comida</i>	Venezuela crise não há remédio não há comida
<i>Pacaraima comida frango pez</i>	Pacaraima comida Frango peixe
<i>Boa Vista Rodoviaria- militares malmita Suco</i>	Boa Vista Rodoviária – militares marmita, suco
<i>Manaus Alfredo Naciento pedir en la calle Bolsa de comida Semasc San</i>	Manaus Abrigo Alfredo Nascimento pedir na rua cesta básica Semasc São
<i>Jorge pandemia malmita-café-pan</i>	Jorge pandemia marmita – café e pão
<i>Taruma Açú1 café y pan e malmita</i>	Tarumã Açú1 café e pão e marmita

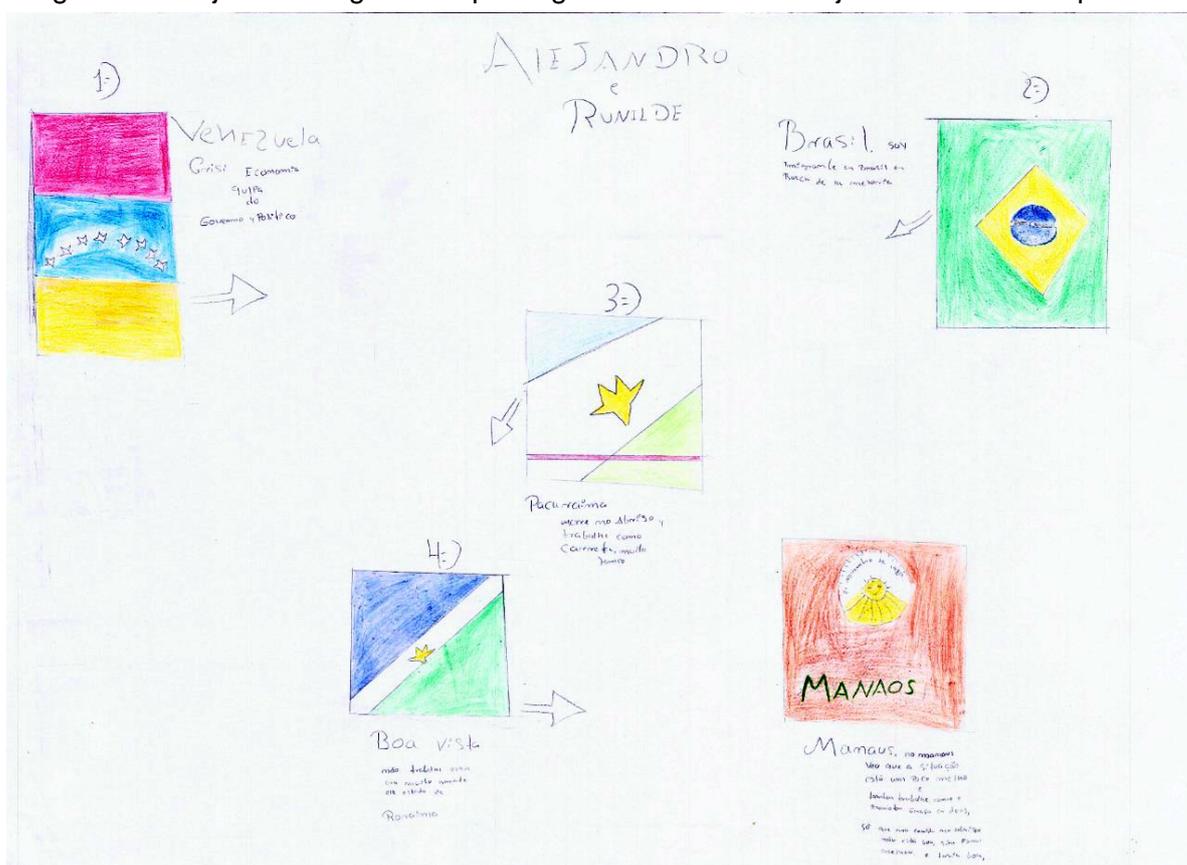
Fonte: Trabalho de campo (março/2021).

Elaboração: Pablo Rogério Rosas Costa (2021).

No mapa mental acima (Figura 30) a família de Benigno Rivera representa no mapa os caminhos percorridos da Venezuela até a cidade de Manaus, na trajetória

inicial é mencionada a palavra “crise na Venezuela”, que “não há remédio”, e “não tem comida”. Percebemos que a falta de alimento foi a principal motivação para a migração dessa família. Na chegada ao Brasil na cidade de “Pacaraima” no estado de Roraima, se alimentaram de “frango e peixe”. Continuando a rota em “Boa Vista” capital do estado de Roraima, o primeiro lugar que mencionam é a “Rodoviária, ao chegar talvez tenham se deparado com a presença de “militares” no Terminal Rodoviário, nesse lugar a refeição foi de “marmitta e suco”. Na chegada na cidade de “Manaus” segundo as informações do mapa, passaram pelo abrigo “Alfredo Nascimento”, nesse abrigo “eles saíam para pedir na rua”, “ganhavam cesta básica de alimentos” doados pela “Semasc”, durante a pandemia de Covid-19 foram transferidos para o “abrigo provisório do bairro de São Jorge”, localizado no ginásio “Ninimbergh Faria”, nesse abrigo a comida era servida em “marmittas”, além de “café com pão”. O abrigo provisório foi decisão da prefeitura para evitar a aglomeração de pessoas e evitar a contaminação do “coronavírus”, conforme nossa pesquisa. Na parte central do mapa chama atenção o desenho de um cesto artesanal, mostrando o artesanato e que integrantes da família possivelmente são artesãos. Percebemos que o mapa é ilustrado com aspectos naturais, mostrando uma paisagem ribeirinha, destacando-se alguns elementos, tais como: uma casa com sujeitos, um rio em frente à casa, uma pessoa pescando peixes na canoa, árvores ao redor da casa. A representação da família demonstra sua memória afetiva, demonstra a relação de pertencimento com seus territórios tradicionais.

Figura 30: Trajetória e lugares de passagem da família de Alejandro Ramirez Lopez



Fonte: Trabalho de campo (março/2021).

Quadro 15: Tradução do mapa da família de José Luís Rivero Borges

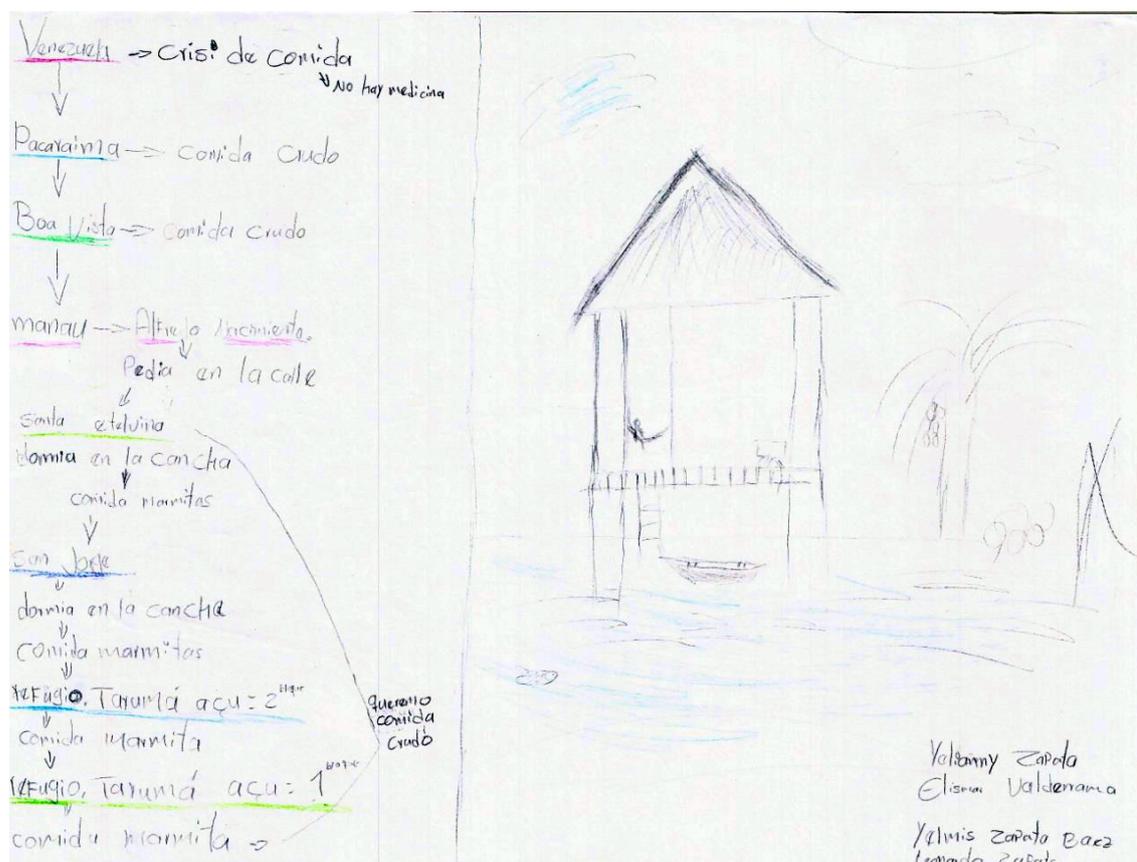
Espanhol	Português
<i>Venezuela crisi: culpa do Governmo y Político</i>	Venezuela crise: culpa do Governo e Política
<i>Brasil: soy imigrante en Brasil en busca de la mesoria</i>	Brasil: sou um imigrante no Brasil em busca de melhoria
<i>Pacaraima morei no abrigo trabalhei como carretera muito tempo</i>	Em Pacaraima morei no abrigo, trabalhei como carregador muito tempo
<i>Boa Vista nao trabalhe poque era muito grande ele o estado de Roraima</i>	Boa Vista não trabalhei porque era muito grande o estado de Roraima
<i>Manaus, no Manaus veo que a situação está um poco melho e também trabalhe como promoton Graça sa Deus, sol que na comida no abrigo, não está boa, sim foram melho e turia boa.</i>	Manaus, não Manaus vejo que a situação está um pouco melhor e também trabalho como promotora Graça a Deus, so que no abrigo comida não é boa, só foram melho crua boa.

Fonte: Trabalho de campo (março/2021).

Elaboração: Pablo Rogério Rosas Costa (2021).

A família de Alejandro Lopez representou no mapa mental acima (Figura 31) seus caminhos percorridos da Venezuela até a cidade de Manaus, através das bandeiras dos lugares de passagem. A primeira bandeira da “Venezuela” com suas cores, ao lado a família descreve o motivo da saída: “Venezuela em crise: culpa da Política de Governo”, a família faz uma crítica associa a culpa da crise na Venezuela ao governo. A próxima etapa a chegada ao Brasil, é reproduzida a bandeira do Brasil com suas cores ao lado ele escreve, “Brasil: sou um imigrante no Brasil em busca de melhoria de vida”. Seguindo a trajetória a família chega em Pacaraima/RR que fica na fronteira, a bandeira da cidade de Pacaraima é representada com suas cores, sobre a cidade menciona: “Em Pacaraima morei no abrigo, trabalhei como carregador (pode ser carregador de caixa em frente a supermercados e feiras) muito tempo.” Em seguida descreve a passagem pela cidade de Boa Vista capital de Roraima, representando as cores da bandeira do estado e a fala do imigrante indígena sobre o lugar: “Boa Vista não trabalhei porque era muito grande o estado de Roraima.” O mapa mostra a última etapa da trajetória da família quando chegam em Manaus: “Manaus, não Manaus vejo que a situação está um pouco melhor e também trabalho (auxiliando no abrigo) Graça a Deus, só que no abrigo comida não é boa, só foi melhor quando chegava os alimentos para preparar a comida. O mapa mental do Alejandro e Runilde inicia pelo trajeto que eles fizeram saindo da Venezuela, na descrição se entende que o principal motivo da saída deles do país foi a crise econômica, eles colocam a culpa no governo, na política bolivariana do atual Presidente Nicolas Maduro, da para perceber que nessa primeira parte têm uma crítica ao governo, pelo que ele descreve, na verdade ele poderia não ter relacionado os problemas ao governo, ele poderia ter colocado “crise econômica”, mas ele culpa o governo em relação a crise no país. Saindo da Venezuela em direção ao Brasil. Ele continua com a frase “Sou imigrante no Brasil em busca de melhoria”, ao chegar no Brasil a primeira cidade que eles se estabelecem é Pacaraima, eles continuam descrevendo com a frase “morei no abrigo e trabalhei como carregador (na rua, no mercado, na feira) por muito tempo, aqui podemos entender que esses trabalhos põem ser devido a falta de oportunidade. De Pacaraima seguiram para Boa Vista capital do estado de Roraima, em Boa Vista ele afirma que não trabalhou porquê.

Figura 31: Mapa mental da trajetória e Lugares de passagem da família de Yeliamy Zapata



Fonte: Trabalho de campo (março/2021).

Quadro 16: Tradução do mapa da família de Yeliamy Zapata

Espanhol	Português
<i>Venezuela crisis de comida e no hay medicina</i>	<i>Crise alimentar na Venezuela e não há remédio</i>
<i>Pacaraima: comida crua</i>	<i>Pacaraima: comida crua</i>
<i>Boa Vista comida e crudo,</i>	<i>Boa Vista e crua,</i>
<i>Manaus Alfredo nacimiento pedia en la calle, Santa Etelvina dormia en la concha e comida marmitas</i>	<i>Manaus Alfredo Nascimento pedia na rua, Santa Etelvina dormiu no ginásio e comidas em marmitas</i>
<i>queremo comida crudo</i>	<i>queremos comida crua</i>

Fonte: Trabalho de campo (março/2021).

Elaboração: Pablo Rogério Rosas Costa (2021).

No mapa mental acima (Figura 32) a família representa os lugares por onde passou até chegar na cidade de Manaus, iniciam a trajetória mencionando, na “Venezuela não tem comida, não tem assistência médica”. A próxima etapa descreve que na cidade de “Pacaraima: comida crua”, dentro do contexto da nossa pesquisa, “receberam alimentos e preparavam sua própria comida”. A próxima etapa dessa

trajetória é a cidade de Boa Vista, novamente aparecem as palavras “comida e cruído”, ou seja, nosso entendimento que eles “preparavam sua própria refeição”. Em Manaus são descritos os lugares de passagem e de circulação da família, “no Abrigo Alfredo Nascimento pedia na rua”, no abrigo provisório de Santa Etelvina dormia no ginásio e comia de marmitta”, “no abrigo provisório em São Jorge dormia no ginásio e se a refeição servida em marmittas. “No abrigo do Tarumã-Açu 1 e Tarumã-Açu 2 registram que a refeição é distribuída em “marmittas” e finaliza com um apelo: “Queremos alimento para fazer a refeição”. No mapa mental percebemos a representação de uma paisagem ribeirinha com alguns elementos com aspectos naturais: uma casa de palafita com um sujeito na rede, um rio em frente à casa, uma canoa como meio de locomoção, próximo à casa algumas árvores frutíferas. A família representa a lembrança do lugar muito forte que permeia o cognitivo, demonstrando com detalhes o lugar vivido, e uma forte relação de pertencimento do lugar.

A leitura da percepção e representações do mundo vivido pelos sujeitos contribui na compreensão do lugar e como esse processo é vivenciado e percebido de diferentes maneiras por cada um dos sujeitos. Nas nossas percepções sobre os mapas estão expressas as experiências vividas carregadas de sentimentos do fluxo migratório dessa população indígena. Durante as etapas de deslocamento o grupo menciona os graves problemas sociais da região e do país de origem, o sofrimento e o medo nos lugares de passagem, a busca por lugares que ofereça proteção e melhores condições de vida. Os mapas mentais deixam transparecer a satisfação de alguns sujeitos em terem chegado à um lugar de passagem que tenha “alimento” ou que ofereça condições para atender às necessidades básicas do ser humano, como: alimentação, moradia e saúde.

Alguns sujeitos representaram seus territórios tradicionais com detalhes mostrando o apego a esses lugares, entendemos que devido a dinâmica cultural e a mobilidade do grupo, o retorno a esses lugares é uma questão de tempo. Outros que não mostraram na representação gráfica essa relação com os lugares tradicionais, a observação que fazemos é que já foram deslocados algum tempo para os centros urbanos.

Trata-se de um grupo heterogêneo desde a origem da sua localidade, espaço urbano ou espaço rural, a manifestação de alguns sujeitos se estabelecerem na cidade e outros dá continuidade à mobilidade cultural. Houve necessidade de um

tradutor migrante venezuelano, verificamos através das representações gráficas que os Warao falam língua indígena e níveis variados da escrita em espanhol inseridos em vários processos de aprendizado português.

3.2. A história oral contada pelos mais velhos do abrigo Tarumã-Açu

A história oral deve ser entendida como um método, capaz de produzir interpretações sobre processos históricos referidos a um passado recente, que só é dado a conhecer por intermédio de pessoas que participaram ou testemunharam algum tipo de conhecimento. Quando uma pessoa relata suas lembranças, transmite emoções e vivências que podem e devem ser partilhadas, transformando-se em experiências. No momento que uma entrevista é realizada as lembranças, com ajuda da imaginação, ou da saudade, dá um sentido de vivência do sujeito que narra a sua história.

O trabalho de campo no abrigo sofreu adaptações, datas reprogramadas e metodologias repensadas devido ao período pandêmico que se iniciou em março de 2020, retornamos ao abrigo somente no mês de novembro, após autorização da prefeitura de Manaus. Para essa etapa da pesquisa foram realizadas visitas para conhecer o povo Warao e construir uma relação de confiança, iniciamos a conversa sem anotar nada, aos poucos íamos fazendo perguntas e registrando em fotos, utilizando o gravador e anotando o que fosse possível.

Figura 32: Entrevistas com grupo Warao no Abrigo Tarumã-Açu 1



Foto: Pablo Rogério Rosas Costa (2021).

Mesmo existindo a dificuldade de se comunicar, devido a língua Warao e o idioma espanhol que alguns dominam, tivemos sempre o apoio de colaboradores de ONG's e dos agentes da etnia Warao que ajudam e atuam dentro do abrigo, esses colaboradores faziam a tradução quando necessária, do português para o espanhol e para a língua Warao. Apesar de algumas dificuldades de se fazer compreender, eles sempre estavam dispostos a colaborar. No momento da pré-entrevista quando apresentamos o objetivo da pesquisa, se mostraram receptivos em participar de todo o processo.

As conversas informais foram de muita importância para o desenvolvimento da pesquisa, uma vez que, no momento da entrevista, eles acabavam retomando assuntos falados anteriormente, enriquecendo ainda mais os depoimentos, posto que as experiências que os entrevistados viveram no seu território de origem, durante a trajetória até o Brasil e agora vivem no abrigo, são carregadas de visões individuais, que discordam ou concordam, mesmo pertencendo aos mesmos lugares de passagem.

Durante a entrevista desenvolveu-se a observação participante, tendo como instrumentos a ficha de observação, o caderno de notas, os roteiros para a entrevista, além de colher história de vida, através de gravador e máquina fotográfica do aparelho celular, representações do próprio indígena por meio de sua fala, escrita ou desenho. Considerando esse, um outro momento do campo.

Figura 33: Relatos da história oral com os sujeitos mais velhos do abrigo



Foto: Pablo Rogério Rosas Costa (2021).

Participaram da atividade cinco casais na faixa etária de 51 a 75 anos, totalizando dez pessoas, foram priorizadas as pessoas mais velhas do grupo que estão no abrigo. O grupo comentou também sobre a falta de perspectiva de ganhos na coleta em Boa Vista, este foi um dos fatores que mobilizou a vinda deles para Manaus. Afirmaram também que a maioria está desde de 2019, e que vieram do abrigo Alfredo Nascimento.

Dentre os enfoques dados na nossa entrevista, remeteu-se aos seguintes temas abaixo:

- (1) Qual a comunidade de origem ou onde viviam na Venezuela;
- (2) A relação de parentesco com os abrigados;
- (3) Migração ou processo do deslocamento para o Brasil;
- (4) Trajetória e experiências dos lugares de passagem;
- (5) Razões para o deslocamento até Manaus;
- (6) Há quanto tempo está em Manaus;
- (7) Pretende ficar em Manaus ou se deslocar para outro lugar.

Com essas perguntas foi possível ter um pouco da dimensão do universo do entrevistado, do grupo e suas experiências no que seria em parte sua história oral. Todos os entrevistados foram importantes, pois as suas vivências e memórias, identificados através dos relatos indicam o trajeto dos indígenas Warao, ou seja, a saída do seu território original, o que poderá ocasionar um processo de desterritorialização e reterritorialização, bem como a continuidade ou a ruptura das relações culturais, através das relações de parentesco vivenciada pelas famílias nos abrigos e lugares de passagem.

Sobre o tempo de viagem do território originário até a fronteira com o Brasil, eles afirmam que são em média quarenta e oito horas até chegar em Santa Elena de Uairém, e que ao entrar no território brasileiro ficaram nos abrigos temporários de Pacaraima e Boa Vista até a sua chegada em Manaus.

Conseguimos obter várias respostas através da narrativa dos sujeitos, entre elas a de que a maioria dos Warao que chegaram até Manaus saíram da cidade de “Tucupita”, capital do estado de Delta Amacuro, e que dentro do abrigo existe um

grande parentesco entre eles, pois eles se deslocam da Venezuela para o Brasil em sua maior parte em grupos familiares. A partir da oralidade dos sujeitos percebemos, que esse processo de migração dos Warao para o Brasil foi motivado pela falta de alimentos e da assistência à saúde.

O grupo comentou também sobre a falta de perspectiva de ganhos na coleta em Boa Vista, este foi um dos fatores que mobilizou a vinda deles para Manaus. Afirmaram também que a maioria está desde de 2019, e que vieram do abrigo Alfredo Nascimento. Sobre a trajetória deles, muitos pretendem ficar em Manaus, mas uma boa parte sempre quer prosseguir para outras cidades do Brasil e ainda almejam o retorno para seus territórios originários na Venezuela.

3.3. Os Warao, sob o olhar do outro: quando o lugar é um não lugar, alimentação uma resistência cultural nos abrigos

Historicamente os Warao são dedicados à pesca e à coleta de produtos para complementar a alimentação, a palmeira de buriti ou morichi, na língua Warao, vegetal abundante nos canais do delta, é recurso fundamental para sua economia e cultura, fornecendo matéria-prima para casas, embarcações e alimento. A agricultura foi introduzida tardiamente por missionários oriundos da Guiana, no fim da década de 1920, particularmente com o cultivo do *ocumo chimo*, um tubérculo rico em amido (HEINEN e RUDDLE, 1974).

Além do buriti, os Warao utilizam também algumas outras palmeiras, como, por exemplo, o *bussú* (*Manicaria saccifera*), conhecida na Venezuela como “temiche”, nome de origem Aruak. Não é à toa, portanto, que Wilbert (1976, p. 249 – tradução própria), afirma que “dentro do cinturão tropical e subtropical que circunda a terra, as palmeiras são consideradas os melhores amigos dos homens”. Ao contrário do buriti, o *bussú* não tem floração anual, nem período frutífero, contendo fécula o ano todo, por isso, é considerado um alimento de emergência para os Warao.

Durante a estação seca, a água do mar saliniza o Orinoco, deixando-os sem água potável, quando o vinho do buriti e o suco do *bussú* são usados para matar a sede. Como destaca Wilbert (1976, p. 267), “tudo o que um Warao necessita para satisfazer sua sede na floresta, ao longo da costa, ou em campo, é cortar um cacho da fruta de temiche e tomar seu conteúdo. Em época de escassez de água potável, os indígenas levam consigo uma carga de cachos dos frutos em sua canoa”.

Insetos e outros produtos secundários ligados ao buriti também compõem a dieta do grupo, como, por exemplo, as larvas do interior do tronco e o peixe Jejú ou Morobá (*Erythrinus erythrinus*) comum nos poços que se formam nos buritizais. O mel de abelha, por sua vez, não está diretamente associado ao buriti, mas às flores da árvore popularmente conhecida como “sangrito” (*Drypetes variabilis*), presente no buritizal. Os Warao, segundo Heinen et al (1996), apreciam muito o mel e chegam a distinguir mais de uma dúzia de abelhas. Atualmente, o mel também está escasso e, para os indígenas, a causa é justamente a extração indiscriminada do “sangrito”.

Com a introdução do cultivo de *ocumo chino*, os Warao foram abandonando os buritizais e toda a dinâmica em torno deles, tornando-se, segundo García Castro (2006), agricultores incipientes. O cultivo de ocumo, inclusive, era incentivado pelos missionários, pois assim fixariam os indígenas dentro das missões. Os crioulos, que antes contavam com mão de obra vinda de fora para o cultivo de arroz, passaram a contar com um contingente de trabalhadores locais, por isso também fomentavam as plantações do tubérculo. Os próprios Warao, segundo Heinen et al (1996, p. 27), “[...] viram que podiam dedicar mais tempo à pesca nos grandes rios sem precisar voltar para os buritizais, e apreciaram a nova situação”.

Contudo, como destacam esses autores, embora os Warao tenham se adaptado facilmente ao novo ambiente, a longo prazo, a mobilidade em direção a outros assentamentos gerou mudanças profundas em seu modo de vida, induzindo-os ao trabalho assalariado e à substituição da alimentação tradicional – “[...] a dieta do Warao urbano está limitada ao açúcar, farinha, macarrão e, de vez em quando, alguma proteína consumida nos frangos, uma dieta muito inferior à variada dieta tradicional” (WILBERT; AYALA LAFÉE-WILBERT, 2009, p. 431 – tradução própria) . Dentre as consequências, destaca-se o aumento expressivo dos casos de desnutrição infantil e de tuberculose. Depois da diáspora em direção ao Brasil encontramos agora grupos de Warao, nos abrigos, tendo que viver numa dicotomia, de um lado tendo como principal motivação da saída de seus territórios originais da Venezuela a falta de alimento e por outro lado não conseguindo se adaptar as diferenças culturais da sua dieta e no preparo do alimento.

A primeira vez que visitamos um abrigo Warao em Manaus foi no mês de julho de 2019, lá naquele lugar no abrigo Alfredo Nascimento, nos deparamos com uma certa tranquilidade na questão alimentar, pois naquele momento nos foi informado

pelos coordenadores do abrigo, que cada família recebia uma cesta básica de alimentos e preparava sua própria refeição.

Figura 34: Mulher Warao preparando alimento no abrigo Alfredo Nascimento



Foto: Pablo Rogério Rosas Costa (2019).

Quando visitamos o abrigo Alfredo Nascimento pela primeira vez em julho de 2019, observamos que os abrigados preparavam sua comida, o coordenador afirmou que o abrigo recebia da prefeitura vários gêneros alimentícios composto de arroz, macarrão, feijão, carne, frango e peixe. Primeiramente a coordenação distribuía esses alimentos para os caciques, o cacique de cada bloco fazia a distribuição para cada família abrigada em cada apartamento, e assim cada família preparava a sua alimentação.

Depois que o abrigo Alfredo Nascimento foi desmobilizado devido a pandemia de Covid-19, os Warao foram remanejados para vários abrigos provisórios e meses depois foram transferidos para os abrigos permanentes, no caso Tarumã-Açu 1 e Tarumã-Açu 2, nesses abrigos as refeições já chegavam prontas, café da manhã, almoço e a janta distribuía em marmitas. Essa questão alimentar começou a ser um

problema, segundo nos relatou o coordenador, os Warao queriam que as refeições fossem preparadas conforme seu costume e não da forma que a alimentação chegava pronta em marmitas.

Figura 35: Chegada de marmitas no abrigo Tarumã-Açu



Foto: Pablo Rogério Rosas Costa (2019).

Na entrevista o Senhor Alfredo Brelaz, descreve sobre a alimentação no abrigo a partir do momento em que passou a ser servida em forma de marmitas.

Reclamam muito do nosso tempero e nossa forma de fazer nossas comidas, então começou a reclamação da alimentação, porque vinha por exemplo feijão naquentinha, eles não comem feijão. A comida que vinha era comida seca, eles gostam de comida com caldo, molhada, chegava lá macarrão, arroz, salada, o peixe, o frango, aí eles reclamavam ou por que era comida seca ou por que era carne, porque as crianças não são acostumadas a comer proteína vermelha que dói a barriga, queriam o pollo, aí começaram a falar: “não a gente tem que fazer nossa comida aqui dentro”, já queriam fazer fogo na quadra (SENHOR BRELAZ, COORDENADOR DO ABRIGO ALFREDO NASCIMENTO, 2020).

O Senhor Brelaz lembra ainda das dificuldades do povo Warao conseguir se alimentar, devido as diferenças culturais no preparo desse alimento conforme é relatado.

A gente tinha muitas dificuldades na alimentação deles é muito diferente da nossa, eles queriam que providenciássemos o alimento baseado na cultura deles, como eles comiam lá na Venezuela. Eles queriam usar o fogareiro dentro do abrigo, fazer fogo como eles faziam lá dentro da mata para preparar a comida e a gente não permitia isso, Deus me livre poderia pegar fogo, então assim eles batiam de frente com a gente por conta disso, porque eles queriam fazer fogareiro as vezes quando a gente se descuidava eu ia lá pra minha sala, quando voltava, alguém falava: “olha já estão fazendo fogo em cima do piso” dentro do apartamento, aí tinha que ir lá tentar convence-los a não fazerem, então assim a cultura deles é muito diferente da nossa em relação a alimentação (SENHOR BRELAZ, COORDENADOR DO ABRIGO ALFREDO NASCIMENTO, 2020).

Outras diferenças na alimentação que nos foi relatado pelo coordenador, é o frango que é chamado de pollo, embora faça parte da dieta do grupo, o modo de preparar o alimento é culturalmente diferente. Eles queriam comer frango todo dia, quando chegava um peixe, que eles não conheciam, eles não comiam, assim também quando chegava carne, eram bastante resistentes com carnes e peixe, porque eles queriam o pollo.

Nosso entrevistado o coordenador nos relatou que inicialmente em cada bloco do abrigo Alfredo Nascimento, existiu uma cozinha comunitária, com o tempo os Warao foram adquirindo alguns eletrodomésticos, geladeira, fogão, e que depois deixaram de depender um pouco mais da cozinha comunitária, já não iam até o freezer da cozinha comunitária, começaram a preparar sua própria alimentação, a maior parte das famílias já tinha seus fogões, assim, eles começaram a fazer a própria comida da maneira deles.

Quando não havia mais o frango para oferta-los, era providenciado outra proteína, mas os Warao não queriam, compravam outros alimentos com o dinheiro da coleta nas ruas. Adquiriam alimentos com o dinheiro do Bolsa Família, pois segundo o coordenador quando chegam aqui no Brasil, os Warao conseguem se cadastrar no Bolsa Família, compram alimentos quando recebem o Bolsa Família. Eles compravam para fazer da maneira deles, o frango que chamam de *pollo* e a *arepa* que eles gostam muito é uma espécie de pãozinho feito de trigo, que também faz parte da dieta deles.

3.4. O ritual do curandeirismo no abrigo Alfredo Nascimento

O povo Warao possui o costume do curandeirismo e possível observar que, os Warao já estabeleciam uma certa confiança com a administração do abrigo, pois percebemos que faziam algumas revelações de seus rituais para a coordenação. Observamos também que vinham pessoas de outros abrigos, passar pelo curandeiro que estava abrigado em um dos abrigos provisórios. Devido os abrigos estarem em quarentena, por conta da pandemia de Covid-19, para alguém entrar tinha que ser autorizado, pois o portão permanecia sempre fechado com cadeado, alguns sujeitos residentes pediam da coordenação para outros Warao, que não pertenciam ao abrigo, entrar para se consultar com o curandeiro.

O coordenador nos afirmou que na maioria das vezes não era permitido entrar no abrigo, porque não sabia se a pessoa estava com a Covid-19, mas que algumas

vezes permitiam. No momento do ritual, observava-se que o curandeiro fazia um “muro” de proteção improvisada com lençóis ou lonas, para que não ficasse à vista e conseguisse ter privacidade com o doente, assim acontecia o atendimento do ritual no abrigo provisório.

Conversando com o coordenador sobre o ritual do curandeirismo, ele afirma que é difícil de ser registrado no abrigo, eles são muito reservados. O ritual não é feito aos olhos de todo mundo, eles sempre avisam que o ritual iria acontecer dentro do abrigo. Na época no abrigo Alfredo Nascimento, eles se trancavam no apartamento para fazer o ritual, não fazem aos olhos de todas as pessoas.

Quando estávamos no Ginásio Bergão no abrigo provisório que era um salão grande, tinha o curandeiro que fazia o curandeirismo, mas ele pegava essas lonas e cercava o beliche pra ficar somente ele e a pessoa, quando passava um menino perto eles gritavam: sai daqui, sai daqui, mandavam o menino embora entendeu, então ele fazia no canto dele cercado colocava as vezes lençol pra esconder e fazia o ritual, eu sabia que estava acontecendo por causa do cheiro, do remédio forte que ele usava e sentia ao passar próximo, eu sabia que tinha alguém atrás da lona e dos lençóis, dava pra ouvir um barulho estranho que o curandeiro fazia com a boca, depois chegou um tempo que eles falavam quando aconteceria o ritual (SENHOR BRELAZ, COORDENADOR DO ABRIGO ALFREDO NASCIMENTO, 2020).

A percepção que podemos ter é que a prática do curandeirismo não foi abandonada no processo de migração. Constata-se a existência do ritual curandeirismo dentro dos abrigos, o coordenador afirma ainda, que chega a ser algo muito comum a prática do curandeirismo.

“Começamos a descobrir quem eram os curandeiros, um Warao chamado Norberto é curandeiro, ele foi levado uma vez para fazer um ritual de curandeirismo dentro do hospital Platão Araújo, conversamos com o médico para autorizar, pois uma mulher Warao que estava fazendo uma confusão porque queria que o curandeiro fizesse o ritual dentro do hospital.” Conforme o coordenador, o médico teria dito, “olha eu posso deixar o curandeiro vir aqui, mas não pode fazer fumaça, não pode trazer folhas”. Senhor Brelaz esclareceu que “foi quando ligaram do hospital se dava para levar o curandeiro até o hospital, aí descobri que o indígena Norberto era um curandeiro.”

O coordenador afirma ainda que não tinha muita intimidade com o Senhor Norberto, mas para leva-lo até o hospital, teve que perguntar se ele era curandeiro, foi quando ele afirmou que sim, e que conhecia aquela criança que estava doente no hospital, e que ela estava com dois demônios uma no peito e outra na barriga,

perguntei se poderia fazer o ritual no hospital e convencer a mulher a ficar dentro do hospital com a criança, mas que não poderia fazer fumaça, nem levar folha e mato para dentro do hospital, o curandeiro concordou que iria até o hospital.

Aí eu fui com ele, entramos no hospital onde a criança estava, o curandeiro fez uma separação com cortinas e lençóis que separam os leitos da enfermaria para deixar com privacidade, fez a oração dele, fiquei perto vendo, perguntei se poderia ficar lá, falou que podia, aí ele soprava na mão ia colocando onde achava que estava o demônio, ele falava que tava muito inflamado, ele dizia que via, que curandeiro tem uma visão parecido com de raio-x, que olha e vê por dentro, aí ele dizia, ta inflamado bem ali quando é um demônio, o demônio ta ali no peito da criança (SENHOR BRELAZ, COORDENADOR DO ABRIGO ALFREDO NASCIMENTO, 2020).

O coordenador havia perguntado ao curandeiro se o demônio é a ferida, ele havia explicado que o demônio é o espírito mesmo, “eles são muito ligados nesse negócio de espírito”, afirmou ainda que tinha um demônio no peito da criança e outro na barriga, segundo o médico que atendeu a criança o problema era no peito e na barriga mesmo e a criança estava com a barriga inflamada, ou seja, enorme. Outra vez o curandeiro foi até o hospital, mas o médico não permitiu.

O médico nos disse que só eu poderia entrar, foi quando Norberto soube que não poderia entrar, pediu para eu fazer um favor para ele, aí eu disse o que é para eu fazer, foi quando o curandeiro juntou no estacionamento três pedras de seixos e assoprou, depois esfregou e colocou na minha mão e disse, “você leva três pedrinhas para mãe colocar em cima da barriga da criança, colocou na minha mão para entrega para ela, ele ligou para mãe olha to mandando pelo Alfredo três pedrinhas você coloca em cima da barriga da criança, entrei no hospital entreguei as pedrinhas pra mulher, ela colocou em cima da barriga da criança, isso foi o que eu vi pessoalmente nesse tempo todo (SENHOR BRELAZ, COORDENADOR DO ABRIGO ALFREDO NASCIMENTO, 2020).

As informações que obtivemos sobre a assistência médica nas unidades de saúde de Manaus para tratamento dos Warao, indicam que eles foram atendidos principalmente no Hospital Platão Araújo e no Serviço de Pronto de Atendimento Danilo Côrrea, o coordenador Alfredo Brelaz afirma que nessas duas unidades de saúde têm os registros dos Warao dando entrada para tratamento de várias enfermidades que eles são acometidos, principalmente as crianças e idosos, o coordenador afirma ainda que sempre levava os doentes nessas unidades de saúde e que eles têm bastante informações sobre os tipos de enfermidades que mais acometem os Warao.

Para estudar a etnia Warao é imprescindível relatar sobre a existência do curandeirismo, as práticas tradicionais preservam os traços culturais do grupo fazendo parte na reterritorialização do grupo.

Continuando nossa entrevista, O senhor Brelaz reforça que é difícil registrar e participar deles e os rituais acontecem para afastar os maus espíritos e tratar as enfermidades do grupo, conforme nos relatou o coordenador do abrigo.

Sobre a questão das enfermidades dos Warao, quando alguém adoecia ou já chegava doente no abrigo, entrávamos em ação para providenciar o tratamento médico pra aquela pessoa, mas o curandeiro é alguém muito respeitado dentro da cultura Warao, o curandeiro é o médico deles, o que ele fala tá falado, então muitos curandeiros não permitiam que eles fossem medicados pela nossa medicina e por nossos médicos, o curandeiro falava que ia tratar e dá o jeito, fazia o ritual, nós não proibíamos o ritual deles de oração que eles faziam, o problemas se dava porque os curandeiros não deixavam ser tratados (SENHOR BRELAZ, COORDENADOR DO ABRIGO ALFREDO NASCIMENTO, 2020).

O coordenador afirma que as famílias dos abrigados, aceitavam tratamento médico no abrigo após o curandeiro concordar, se o curandeiro liberasse o enfermo e para receber tratamento médico, a família comunicava a coordenação que aceitava ter o tratamento, mas quando o curandeiro não permitia o tratamento com o médico, a família não liberava e o doente permanecia dentro do abrigo. Muitos enfermos pioravam seu estado de saúde.

As vezes com a prática do curandeirismo não havia melhoras do doente, o coordenador relata que houve casos gravíssimos por conta da falta de tratamento, constantemente nós íamos até ao apartamento pedíamos para levar o doente ao médico, mas devido a crença dos Warao não era permitido levar ao médico. A coordenação do abrigo não critica a prática do curandeirismo ou xamãismo, apenas estaria narrando o que acontecia com as pessoas que se negavam ao tratamento, alguns casos se agravaram por não aceitar a assistência médica.

“Muitos deles já chegavam aqui no abrigo com tuberculose, que é uma das doenças mais comuns entre eles, é uma doença perigosa tem que seguir um tratamento se não mata”. Segundo narrou o coordenador Alfredo Nascimento o abrigo chegou a ter um óbito de uma moça de dezessete anos, o curandeiro não deixou que ela recebesse tratamento médico e disse que ia cura-la, mas não conseguiu e a moça morreu. Além da tuberculose os Warao têm bastante problemas intestinais e diarreia principalmente entre as crianças.

O coordenador do abrigo comentou também sobre a questão da higiene deles, ao afirmar que é muito precária:

Eles não têm a mesma noção de higiene que temos, o hábito de se sentar no chão e fazer as refeições também no chão, o alimento que às vezes cai no chão eles pegam e levam à boca, crianças brincam na chuva próximo de esgoto localizado dentro do abrigo e na lama, e os pais não se importavam. Com isso as crianças adoeciam com problemas intestinais, além de problemas de pele do tipo coceiras e micose no corpo, muitas até já chegavam com essas micoses e dermatites (SENHOR BRELAZ, COORDENADOR DO ABRIGO ALFREDO NASCIMENTO, 2020).

A coordenação do abrigo, informou que marcava consulta com médico dermatologista para as crianças, na Unidade Básica de Saúde que ficava próxima ao abrigo, tinha médicos somente para atendê-los, mas pouquíssimos pais levavam suas crianças e a maioria não procurava a Unidade de Saúde para tratamento:

Para entender essa resistência deles em relação a medicina, devemos compreender entre outros motivos que eles não têm a cultura de procurar a medicina urbana, procuram de imediato o curandeiro, depois pensou-se de levar os médicos para atender dentro do abrigo, mas aí começava outro problema, as mulheres de manhã cedo saíam com as crianças, levavam as menores para fazer a mendicância (SENHOR BRELAZ, COORDENADOR DO ABRIGO ALFREDO NASCIMENTO, 2020).

A resistência dos pais em não aceitar a assistência médica para tratamento das crianças, pode ser explicado através da questão cultural, para eles o tratamento médico não é cultural, a vacina não é cultural, o comprimido não é cultural. Quando alguém adoece, o curandeiro faz a oração, usa folhas, faz fumaça, essa é a tradição e o costume deles. Não existe o hábito da prevenção e do tratamento de saúde, a equipe médica não conseguia cuidar das crianças que nesse contexto são as mais vulneráveis.

O Senhor Brelaz relata, que na insistência para que as crianças Warao tivessem assistência médica, tentaram se adaptar ao horário da volta das mulheres ao abrigo, segundo ele:

Mudamos o horário da visita da equipe médica no abrigo. Como as mulheres começavam a voltar para o abrigo com as crianças a partir das 3 horas da tarde, começamos a mudar as ações para atendimento médico após esse horário, essa mudança foi importante para conseguir encontrar e tratar as crianças Warao. Com essa estratégia conseguimos atender mais crianças, mas tinha que está incentivando os pais para levar os filhos, dessa forma foi possível atendimento as crianças, a equipe médica imunizava, pesava, e fazia todos os procedimentos que fazem nas Unidades de Saúde (SENHOR BRELAZ, COORDENADOR DO ABRIGO ALFREDO NASCIMENTO, 2020).

O coordenador, salientou na entrevista que, essa questão da saúde é um problema, por conta da prática cultural do curandeirismo, “conversávamos com os caciques e com os curandeiros, afirmamos que:

Nós não queremos proibir a crença de vocês, tudo bem, pode fazer o curandeirismo de vocês, mas uma coisa a gente pede que paralelo ao trabalho de vocês, vocês permitam o médico também, mas nem todos concordavam com o tratamento médico, alguns até que já estavam começando a concordar, mas foi um problema muito grande essa questão da saúde (SENHOR BRELAZ, COORDENADOR DO ABRIGO ALFREDO NASCIMENTO, 2020).

3.5. Alcoolismo e a relação com o ritual fúnebre no abrigo Alfredo Nascimento

Continuamos fazendo um diagnóstico conforme a percepção de quem vivenciou os problemas do grupo Warao nos abrigos. Transcrevemos aqui os trechos da entrevista com o coordenador sobre a problemática do alcoolismo e drogas ilícitas dentro do abrigo, contudo devemos lembrar de todas as angústias desses sujeitos desde a sua saída dos seus territórios originais até a chegada no Brasil, conforme descrito abaixo:

A questão do álcool dentro do abrigo e das drogas ilícitas, é um problema muito grande porque o álcool na cultura deles é muito comum em todas as datas comemorativas eles comemoram bebendo, o problema é que eles faziam muita algazarra, muita confusão, brigas as vezes generalizadas, o alcoolismo e o uso de drogas dentro do abrigo geravam outros problemas, como a violência doméstica contra as mulheres, quase todos os dias os maridos batiam nas esposas (SENHOR BRELAZ, COORDENADOR DO ABRIGO ALFREDO NASCIMENTO, 2020).

O coordenador ressalta que a ingestão de bebida alcoólica no abrigo acontecia sempre nas datas comemorativas da Venezuela e também se dava após a morte de alguém, segundo os Warao seria para eles relembrem os mortos. Isso acontecia após o sepultamento, quando perguntados porque ingeriam bebida alcoólica após a morte de um deles, sempre respondiam que é para lembrar o morto, podemos entender que nesse caso é uma espécie de ritual, como se a bebida os auxiliasse para despertar o imaginário em vida do sujeito. Por outro lado, a coordenação não via com bons olhos chegando a nos relatar vários problemas com a bebida alcoólica nos abrigos.

O coordenador relata que se eles bebessem e não provocassem confusão no abrigo, o problema é quando bebiam, já sabíamos que teríamos muita dor de cabeça,

e isso era muito constante, a bebida era muito constante, se havia uma data comemorativa na Venezuela eles comemoravam bebendo. Depois eles começaram a perceber que aqui também havia outras datas comemorativas do Brasil e assim passaram a comemorar também, o álcool no abrigo passa a ser um problema devido as brigas e agressões.

Na passagem da vida para a morte os Warao realizavam funeral no abrigo, a prefeitura disponibilizava o caixão, a coordenação do abrigo organizava o velório numa sala na entrada do abrigo para ser realizado o velório. Segundo nosso coordenador foram contabilizados mais ou menos um total de oito óbitos de Warao durante o funcionamento do abrigo.

Tivemos um total de oito óbitos no abrigo, a maioria deles chegavam muito doentes, muito debilitados, a gente tentava ajudar, mas não conseguia reverter o quadro clínico da pessoa, eles saíam da Venezuela doente, adoeciam mais ainda devido a longa trajetória deles, eles já vinham para morrer (SENHOR BRELAZ, COORDENADOR DO ABRIGO ALFREDO NASCIMENTO, 2020).

O coordenador afirma que durante o velório no abrigo Alfredo Nascimento, somente as mulheres ficam próximo do corpo,” é impressionante o barulho que elas fazem em forma de lamento, nas orações e sempre chorando muito, os homens não choram e ficam mais distantes do corpo que está sendo velado, o ritual do funeral de um Warao é bastante impressionante. Na saída do corpo para o cemitério Parque Tarumã localizado na zona oeste de Manaus, havia sempre muita confusão entre os abrigados, muitos deles faziam questão de ir até o cemitério para se despedir do morto, o problema é que não havia transporte de ônibus suficiente para levar todos.

Ao chegar no cemitério acontecia o ritual de sepultamento do corpo, conforme descreve o coordenador do abrigo.

No cemitério eles praticavam um ritual muito estranho, enquanto o corpo estava ali ao lado na cova eles ficavam fazendo a oração deles, as mulheres de idade, vestidas com aqueles vestidos grandes e coloridos da cultura deles mesmo, elas começavam a fazer um ritual em volta do grupo das pessoas onde estavam aglomeradas, elas se agachavam levantavam a saia e faziam xixi, depois elas sacudiam os braços, eu perguntei por que isso, segundo o cacique tem pessoas na cultura deles que conseguem ver espíritos, para os Warao existe o espírito bom e o espírito ruim ou mal, as mulheres fazem xixi no chão e ficam sacudindo os braços pra afugentar os espíritos maus que estão por perto (SENHOR BRELAZ, COORDENADOR DO ABRIGO ALFREDO NASCIMENTO, 2020).

O coordenador relata que muitos sujeitos abrigados afirmam ter visões, eles falam da seguinte forma: “tem muitos aqui com esse negócio de tá vendo coisas e lá no abrigo constantemente”, falavam também: “Olha nos vimos um espírito aqui dentro do abrigo, tinha rabo”, e que no cemitério existem muitos desses espíritos. Como foi comentando anteriormente, eles faziam muita questão também de ir ao cemitério, era um evento, todos queriam ir ao cemitério, era uma confusão e chegava a ser um problema que a coordenação enfrentava todas às vezes que sepultava alguém, por motivo da falta de transporte para todos.

Por outro lado, o coordenador relatou que é cultural se despedir do morto, na verdade, o grupo Warao instalado no abrigo se constitui em uma grande família, pois a maioria são parentes, dessa forma todos querem se despedir do seu parente morto. A coordenação providenciava o sepultamento, a prefeitura assumia as despesas do caixão, o traslado do caixão do hospital para o abrigo e do abrigo para o cemitério. Foi questionado se eles eram enterrados como indigentes, foi respondido que não, nenhum Warao foi enterrado como indigente, todos tem a documentação, são sepultados documentados.

Quando morria algum Warao a coordenação solicitava da SEMASC dois ônibus para levar a família para o cemitério e conversava com o grupo, que não teria condições de levar todos. Na hora de entrar nesse ônibus era uma muvuca, tanta gente querendo entrar no ônibus, os que não conseguiam entrar ficavam com raiva querendo depredar o ônibus, era uma confusão, quando morria alguém eu ficava mais preocupado nessa questão da ida deles ao cemitério, porque eu sabia que poderia ter confusão para os que não conseguiam ir no ônibus (SENHOR BRELAZ, COORDENADOR DO ABRIGO ALFREDO NASCIMENTO, 2020).

Quando eles voltavam do cemitério já vinham para beber, o coordenador ressalta, que para os Warao a bebida é para “lembrar o morto”. Ao voltar do cemitério, segundo o Senhor Brelaz, eles desciam do ônibus direto para os bares próximo ao abrigo para comprar bebida, queriam até entrar no abrigo para beber o que é proibido segundo as normas internas. Eles ficavam bebendo na calçada em frente do abrigo, ficavam uns dois dias bêbados e um dia de ressaca dormindo. “Depois de uns três dias eles levantavam, nesse momento conversávamos com eles e os que cometiam alguma falta grave tais como brigar, era advertido ou desligado do abrigo.”

Culturalmente os Warao têm o hábito de tomar cachaça, bebidas alcoólicas depois do sepultamento, assim quando eles retornavam do cemitério, “já procuravam um comércio próximo para comprar bebida alcoólica.”

Quando indagado sobre a bebida o cacique respondeu que era, “pra ter lembrança do morto, pra lembrar do morto, pra não esquecer do morto, pra lembrar de momentos que nós tivemos junto com ele”. O coordenador salientou que o problema é que se bebessem e ficassem tranquilos sem provocar confusão, mas sob efeito da bebida faziam confusão, brigavam entre eles, pegavam faca para furar o outro, pedaço de pau pra brigar, se machucavam gravemente, às vezes tinha que levar para o hospital, sujavam o abrigo, ficavam caídos pelos corredores, era uma confusão no abrigo.

Descrevendo com mais detalhes o ritual funerário dos Warao, segundo a visão do coordenador do abrigo, ele nos conta que é bem diferente de um funeral que estamos acostumados a presenciar, na verdade é algo “muito estranho.” Quando acontecia um óbito eles faziam o funeral no abrigo como já havia dito anteriormente. No funeral somente as mulheres choram, os homens não choram, elas choram em volta do morto fazendo uma oração numa língua estranha, que possivelmente seja a língua materna Warao, fazem a oração num volume baixo aí subitamente gritam bastante, depois baixa a voz e continua a oração com a voz mais baixa, depois volta a aumentar o tom da voz, é assim durante o funeral.

A oração que eles fazem, não se parece quando estamos orando e falando, é simplesmente gritando, como se estivessem em agonia, desesperados, gritando. Os vizinhos chegavam a reclamar para a coordenação, nesse caso não se podia fazer nada, é compreensível faz parte da cultura deles (SENHOR BRELAZ, COORDENADOR DO ABRIGO ALFREDO NASCIMENTO, 2020).

O coordenador observou, quando morria uma criança muito jovem com poucos meses, os Warao não choravam muito, mas quando morria uma pessoa de mais idade eles choravam bastante, chegavam a fazer uma grande confusão e muito barulho devido as orações, dessa forma a vizinhança ficava sabendo que estava havendo um velório no abrigo.

O coordenado observou que o desespero e o lamento eram maiores quando morria uma pessoa adulta, eu perguntei certa de vez de alguém por que no velório da criança eles não fazem tanto barulho quanto no velório de um adulto, os Warao responderam é porque não são tão apegadas as crianças logo que nascem, eles vão se apegando a pessoa conforme o tempo vai passando e vão gostando mais da pessoa.

Podemos compreender ao demonstrar que os Warao lamentam mais a morte de um adulto e os mais velhos ao invés da criança, pode ser dada pela importância que esse sujeito significa através da sabedoria e dos seus conhecimentos importantes para o grupo. e a perda imaterial para o grupo e familiares que têm com os mais velhos.

3.6. A coleta: uma tradição cultural do povo Warao

No período em que esteve trabalhando na coordenação do abrigo Alfredo Nascimento, o senhor Brelaz relatou sobre a coleta que é o termo conhecido pelos Warao. A coleta ou ato de pedir nas ruas é realizada principalmente por mulheres em pontos de grande movimentação nas cidades que são os semáforos e ruas movimentadas. Os Warao afirmam, segundo o coordenador quando as mulheres estão com as crianças fazendo a coleta, as pessoas que estão passando na rua ou no semáforo, ficam mais comovidas e contribuem com a coleta.

Figura 36: Mulher Warao no centro de Manaus



Foto: Pablo Rogério Rosas Costa (2021).

Souza (2019) sustenta que, o uso das crianças na atividade de coleta é um ponto de tensão entre o Estado e os indígenas. Para os Warao, a presença das crianças junto às mulheres nas ruas não constitui uma forma de exploração ou abuso, mas uma forma de contribuir com o sustento da comunidade. Já o Estado, nas figuras do Ministério Público Federal, Polícia Federal, Conselho Tutelar e Poder Judiciário da

esfera estadual, tem atuado para que essa atividade não aconteça, ou que pelo menos não seja realizada com a presença das crianças. Isso gerou nos Warao um temor de que as crianças fossem retiradas do seio familiar, o que trouxe desconfiança até dos serviços de saúde, levando as famílias, literalmente a fugir das unidades de saúde, por medo de perder a guarda dos filhos.

Além da coleta de dinheiro que é realizada principalmente por mulheres, existe também a coleta de cesta básica e de roupas, que são realizadas por alguns Warao para serem enviados para a Venezuela. Esses sujeitos não estão interessados em ficar no Brasil, eles têm interesse somente em coletar o que puder e voltar para Venezuela, por outro lado existe um grupo com outro perfil, que vieram para ficar e com o desejo de estabelecer residência no Brasil.

Na coleta, eles vão coletando na verdade tudo o que puder, assim quando a gente pensar na coleta não é somente o trocadinho no sinal, quando falam em coleta, pode ser de roupas, camisa, calça e calçados, que os Warao vão coletando, por isso chama-se coletar, ou seja tudo que interessa a eles é coletado, não é somente moedas ou dinheiro. Ao utilizar a expressão “coletar” podemos fazer uma comparação dos Warao com os indígenas brasileiros, que plantam, cultivam e colhem, há uma relação de trabalho.

O coordenador relata que os Warao entram no Brasil e começam a coletar dinheiro, roupa, cestas básicas de alimentos, “eles se deslocam por estrada até Manaus, sabendo que Manaus é uma cidade maior que Boa Vista e aqui poderiam coletar muito mais. Alguns sujeitos coletavam tudo o que podiam e levavam para o apartamento dentro do Abrigo”. A coordenação na época havia relatado que no apartamento tipo quitinete de apenas três cômodos, localizados dentro do Abrigo Alfredo Nascimento, chegava a morar uma família com até de dez pessoas, e ali havia pilhas de sacos dessa coleta, eles se aglomeravam no meio daquelas pilhas de sacos, lá dentro tinha desde cestas básica de alimentos até roupas, que eles conseguiam através de doações e de coletas, e que muitos desses alimentos chegavam até a Venezuela.

Figura 37: Indíos Warao retornando com a coleta para a Venezuela



Fonte: G1 (2018).

A coordenação do abrigo nos relatou, que doava cestas básicas “hoje para eles, quando fosse amanhã eles falavam que não tinham mais, ou reclamavam que tinha sido pouco, que a coordenação deu muito pouco”. Em seguida ficavam sabendo que as cestas básicas de alimentos que eram doadas para eles, já estavam a caminho da Venezuela. Respondendo ainda nosso questionamento, de como funcionava essa rede para ser enviado tudo tão rápido para a Venezuela, a resposta foi que existe um ônibus no valor de R\$ 300,00 que era cobrado por pessoa, esse ônibus com um bagageiro grande levava essa coleta.

O coordenador do abrigo nos relatou também que eles mandavam essa mercadoria por alguém que ficava responsável de levar até seu destino na Venezuela, e que lá chamavam de *burro*, não sabe como é lá dentro da Venezuela, mas que havia os carregadores dessa coleta, que são venezuelanos mesmo e que cobravam caro, os Warao falavam que conseguiam coletar, por exemplo aquelas pilhas de sacos de roupas e alimentos, “depois eles começam a ir atrás do dinheiro para pagar o *burro* e o transporte, o valor da passagem em torno de R\$ 300,00 e ainda tinha que pagar o *burro*, o valor pago para o *burro* não sei especificar.” A coleta é para os parentes e também para vender, não era somente para doar para os parentes, mas sim para vender também, então nessa coleta quando já havia bastante coisas coletadas dentro do apartamento, era hora de enviar para a Venezuela.

Eles mandavam um ou dois sujeitos com as mercadorias de volta para Venezuela e os outros continuavam com a coleta aqui em Manaus:

A coleta aqui não parava, eles eram muito inteligentes, um ou dois levavam essas mercadorias, enquanto o restante ficava coletando de novo, chegou um tempo que começou a ficar difícil aqui em Manaus, as pessoas não queriam mais doar como doavam no início, começaram a se deslocar para outras cidades como Santarém, Belém, Teresina (SENHOR BRELAZ, COORDENADOR DO ABRIGO ALFREDO NASCIMENTO, 2020).

O coordenador do Abrigo em Manaus, relata que participou de um grupo de coordenadores de abrigos Warao nos estados da região norte e nordeste, no encontro virtual havia troca de informações sobre quantos sujeitos havia chegado procedente dos abrigos da cidade de Manaus. Eles começaram essa mobilização antes da pandemia, ou seja, antes das restrições, os Warao já estavam se deslocando para outros estados e outras cidades. As cidades que houve mais fluxos de Warao a partir de Manaus foram Porto Velho no estado de Rondônia, no estado do Pará as cidades de Santarém e Belém. Houve um maior fluxo para Belém por conta de os Warao descobrirem que Belém é uma cidade grande para coletar.

Os Warao se deslocam para coletar, após essa coleta eles vão trazendo tudo o que conseguem, eles fazem o mesmo trajeto de ida ao de volta, até retornar novamente para o seu lugar de origem na Venezuela, para isso existe um grupo específico de sujeitos, que não tem interesse em ficar no Brasil, estão aqui somente para coletar. Outra parte do grupo Warao que se encontrava no Abrigo querem conseguir uma casa, um terreno, querem ficar por aqui mesmo.

A observação que fazemos é que existem dois grupos diferenciados do povo Warao no abrigo em relação a migração, um grupo que coleta para voltar ao seu território original, esses estão sempre retornando para a Venezuela fazendo uma mobilidade que é cultural, mas existe uma parte do grupo que entraram no Brasil, mas com a intenção de se estabelecer no território brasileiro.

Quando aumentou o fluxo da saída dos Warao de Manaus, eles migravam para outros estados e capitais brasileiras para realizara coleta. Começou a pandemia do coronavírus em março de 2020. A partir daí tudo parou, vieram as restrições das viagens de barcos, que é o transporte mais utilizado na Amazônia e seria o meio de transporte utilizados pelos Warao.

Os barcos pararam de viajar pra Belém, os Warao foram obrigados a ficar aqui em Manaus confinados nos abrigos provisórios, a fronteira entre o Brasil e a Venezuela foi fechada, os ônibus entre os dois países pararam de circular, os abrigos ficaram alguns meses sem receber nenhum Warao, até que depois de alguns meses houve a flexibilização por conta das restrições da pandemia, os abrigados começaram a sair, alguns Warao começaram a chegar em Manaus procedente da Venezuela, permissionários que trabalham na Rodoviária de Manaus, relataram que em um determinado dia chegaram em torno de quarenta Warao no Terminal Rodoviário de Manaus.

Devido às restrições impostas pela pandemia do coronavírus, os Warao pararam de fazer a coleta, ficaram restritos ao abrigo, durante esse tempo diminui a circulação do grupo em Manaus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dissertação teve como tema uma análise da migração do povo Warao até a cidade de Manaus (Amazonas) nos lugares de passagem na cidade, a partir da experiência no espaço urbano, ruas e abrigos de acolhimento. Após um processo de deslocamento dessa população do seu território original, no Estado de delta Amacuro, República Bolivariana da Venezuela.

A fronteira da cidade venezuelana de Santa Elena de Uairén é o local de entrada nessa caminhada, temporariamente alguns se fixaram no lado brasileiro no abrigo em Pacaraima/RR, seguindo a rota da BR 174 alguns chegaram e permaneceram em Boa Vista e outros seguiram a trajetória para Manaus. Inicialmente tentaram se manter em hospedarias pagando diárias até R\$ 30,00, mas as dificuldades foram crescendo e se fixaram embaixo do viaduto e próximo da rodoviária, desse modo chamaram atenção das autoridades e depois foram removidos para abrigos e casas alugadas pela Secretaria da Mulher e dos Direitos Humanos/SEMASDH/Prefeitura Municipal de Manaus.

Quando começamos o trabalho de campo, no mês de julho de 2019, os Warao já estavam ocupando o abrigo Alfredo Nascimento, através da pesquisa passamos a entender que a migração dos Warao se constitui em grupos organizados, a maioria com vínculos familiares em média de quarenta pessoas. Outro elemento conclusivo demonstrado no trabalho e dados quantitativos coletados em relatórios e nos abrigos que é a predominância de menores Warao, nos documentos analisados chegava a 50% da população, por outro lado o número de idosos é muito pequeno, o que nos leva a deduzir que as pessoas nessa faixa etária, não acompanharam o fluxo migratório.

Também ficou evidente a ocorrência de doenças agravadas pelas condições de vida em que estão submetidas, principalmente apontada nas crianças Warao. Isso é mostrado no alto índice de mortalidade infantil. Os órgãos públicos e as entidades não governamentais que administram as políticas públicas de acolhimento aos migrantes Warao não estavam preparados para lidar com a dinâmica cultural do grupo, isso se agravou com a pandemia da Covid-19, em que essa população teve que ser remanejada para abrigos improvisados em ginásio esportivo em vários pontos de Manaus.

Outra questão que ressaltamos foi a política pública de atuação das Secretarias que administram o abrigo, a tentativa de isolar, tutelar e sedentarizar essa população indígena. No caso dos Warao é difícil manter esse controle por questões de ordem cultural e isso representa um problema.

Na nossa visita e trabalho de campo observamos que na maioria dos abrigos, não é permitido cozinhar, uma das principais solicitações das famílias é poder preparar seu próprio alimento, muitos recusam a alimentação servida em marmitas, por questões culturais há uma resistência a dieta alimentar servida nos abrigos. Poderia ser instalado nos abrigos cozinhas comunitárias para que as famílias Warao pudessem manipular seus alimentos.

Em relação as diversas práticas culturais e tradicionais nos abrigos, dentre elas o rito funeral é preciso que haja respeito às diferenças socioculturais, a prática do curandeirismo é necessária a construção de um diálogo intercultural, com a possibilidade a negociação de significados na busca mais importante que é a cura.

Que os governos federal, estadual e municipal possam adotar providências nos espaços de acolhimento, no sentido de orientar seus agentes nos atendimentos e abordagens aos indígenas Warao, para que facilitem o diálogo, tendo em vista as formas culturais e modos de vida e organização próprios do povo Warao.

A mobilidade Warao deve ser entendida também como ação política, como uma forma de resistência e uma manifestação da autonomia e do protagonismo dessa população diante das “crises” políticas e econômicas que assola o Estado nacional Venezuelano. Desse modo, não é surpreendente ouvir de um sujeito Warao falar “Warao é feito para caminhar, não é feito para ficar trancado, ou ficar só num lugar”.

Os mapas mentais e a história oral de vida tomados como procedimentos nos conduziu às manifestações do vivido, em um tempo passado e presente na consciência geográfica dos sujeitos, ambos permitiram conhecermos os elementos mais significativos na trajetória dessa população indígena. Quanto aos mapas mentais, Nogueira (1994) deixa claro que os mapas mentais são representações das experiências vividas no lugar. E foi a partir das experiências vividas nos lugares da migração, e nos abrigos em Manaus, que buscamos compreender as representações do vivido descritas por esse grupo e por cada migrante.

Através da representação dos mapas mentais percebemos que a maioria tem dificuldade com a escrita das palavras em espanhol, mostrando que se trata de um grupo étnico diverso, falam língua indígena, níveis variados de espanhol e estão inseridos também em processos variados de aprendizado em português, isso pode ser explicado a origem e a localidade que viviam, o modo de vida que levavam, em centros urbanos ou comunidades indígenas. As memórias afetivas do lugar de origem, foram reveladas representando seu modo de vida, outra parte não fez menção a esses lugares tradicionais. Essa diversidade se reflete em uma parte do grupo ter em mente o retorno ao seu território original e outro grupo pensa em se estabelecer em Manaus.

A migração dos indígenas, é o momento para pensar em políticas para populações indígenas em contextos urbanos. Deve ser promovido o diálogo com organizações indígenas nacionais, regionais e locais e com atores que representam o campo indigenista brasileiro, a Funai e órgãos indigenistas ligados ao Ministério da Justiça e Segurança Pública, e o MPF. Todos esses atores tem conhecimento da multiplicidade de experiências de povos indígenas no Brasil e podem contribuir nesse processo a ser construído com os indígenas no fluxo migratório. Esse diálogo deve ter como base os direitos dos povos indígenas, os direitos das migrações e os direitos humanos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGIER, Michel. **Refugiados diante da nova ordem mundial**. Tempo Social, v. 18, p. 197-215, 2006.
- Almeida, Clara Santos; Fortes, Ilda. **Media, imigração e minorias étnicas**. 2005-2006. Vol. 28. Observatório da Imigração, ACIDI, IP, 2008.
- AYALA LAFÉE-WILBERT, C. WILBERT, W. **La mujer Warao**: de recoleitora deltana a recoleitora urbana. Fundación La Salle de Ciencias Naturales, Instituto Caribe de Antropología y Sociología. Caracas, 2008.
- BAENINGER, R. PERES, R. Migração de crise: a migração haitiana para o Brasil. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**, v.34, n.1, p. 119-143, jan./abr. 2017.
- BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, P. STREIFFENART, J. **Teorias da Etnicidade**: seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: Fundação da UNESP, 1998. p. 141-227.
- BRASIL. Procuradoria Geral da República. Secretaria de Apoio Pericial. **PARECER TÉCNICO Nº10/2017 - SP/MANAUS/SEAP**. Manaus: Ministério Público Federal, 2017.
- BRASIL. Procuradoria Geral da República. Secretaria de Perícia, Pesquisa e Análise. **PARECER Nº 1127/2020 – DPA/CNP/SPPEA**. Manaus: Ministério Público Federal, 2017.
- BRASIL. **PARECER TÉCNICO/ SEAP/ 6ª CCR/ PFDC Nº 208/2017**. Brasília: Ministério Público Federal/Procuradoria Geral da República, 2017.
- CASTIGLIONI, Aurélia. Migração: abordagens teóricas. In: ARAGÓN, L. E(org.). Migração internacional na Pan-Amazônia. Belém/PA:NAEA/UFGPA,2009.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Editora Paz e Terra, 2018.
- DURAZZO, L. M. **Os Warao**: do Delta do Orinoco ao Rio Grande do Norte. Povos Indígenas do Rio Grande do Norte. 2020. Disponível em <http://www.cchla.ufrn.br/povosindigenasdorn> Acesso em: 27. maio. 2022.
- FERREIRA, Andrey Cordeiro. **Tutela e resistência indígena: etnografia e história das relações de poder entre os Terena e o Estado brasileiro**. São Paulo:Edusp, 2013.

GOFFMAN, E. **Manicômios, Prisões e Conventos**. Tradução de Dante Moreira Leite. 7ª edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

GARCÍA CASTRO, Á. Mendicidad indígena: los Warao urbanos. **Boletín Antropológico**, v. 48, p. 79-90, 2000.

_____. Migración de indígenas Warao para formar barrios marginales en la periferia de ciudades de Guayana, Venezuela. In: REPRESA PERÉZ, F. (org.) **De Quito a Burgos: migraciones y ciudadanía**. Burgos: Gran Vía, 2006.

_____. HEINEN, D. Planificando el desastre ecológico: impacto del cierre del caño Manamo para las comunidades indígenas y criollas del Delta Occidental (Delta del Orinoco, Venezuela). **Antropológica**, v. 91, p. 31-56, 1999.

_____. Los Warao en Brasil son refugiados, no inmigrantes. Cuestiones etnológicas y etnohistóricas. **Périplos: Revista De Estudos Sobre Migrações**, v. 2, n. 2, p. 32-55, 2018.

HAESBAERT, R. LIMONAD, E. O território em tempos de globalização. **Geo Uerj**, v. 3, n. 5, p. 7-20, p. 1999.

_____. Território e multiterritorialidade: um debate. **GEOgraphia**, v. 9, n. 17, p. 19-45, 2007.

_____. **Territórios alternativos**. São Paulo: Contexto: 2017.

HEIDEMANN, H. D. Os migrantes e a crise da sociedade do trabalho: humilhação secundária, resistência e emancipação. In: MIGRANTES, Serviço Pastoral Dos et al. **Migrações: Discriminação e alternativas**. Petrópolis - Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

HEINEN, D. GASSÓN, R. GARCÍA-CASTRO, A. Desarrollo institución Warao: identidad étnica y diversidad histórica. Cuestiones clave en la etnografía y la ecología histórica del Delta Orinoco y el territorio Warao-Lokono-Paragoto. **Revista Lider**, v. 21, p. 113-142, 2012.

HEINEN, Dieter: GARCÍA-CASTRO, Alvaro. Arquitectura indígena venezolana y heterogeneidad Warao. **Una aclaración necesaria Boletín Antropológico**, vol.31, núm. 85, enero-junio,2013, pp.7-34. Universidad de los Andes. Mérida, Venezuela.

JAROCHINSKI SILVA, J. C. Migração forçada de venezuelanos na fronteira norte do Brasil. In: 41º Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu, 2017. **Anais [...]** Caxambu – MG: ANPOCS, 2017. p. 1-22.

KOZEL, S. Mapas mentais – uma forma de linguagem; perspectivas metodológicas. In: KOZEL, S; SILVA, J. C.; GIL FILHO, S. F. (Orgs.). **Da Percepção e Cognição à Representação: Reconstruções Teóricas da Geografia Cultural e Humanista**. São Paulo: Terceira margem; Curitiba: NEER, 2007.

LIMA, C. L. S. **Etnicidade indígena no contexto urbano**: uma etnografia sobre Kalabaça, Kariri, Potiguara, Tabajara e Tupinambá de Cratêus. Tese (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal do Pernambuco, 2010.

LOBO, C. CUNHA, J. M. P. da. Migração e mobilidade pendular nas áreas de influência de metrópoles brasileiras. **Mercator**, v. 18, p. 1-15, p. 2019.

SEREJO LOPES, D. C. A Convenção n. 169 da Organização Internacional do Trabalho - OIT sobre Povos Indígenas e Tribais: a experiência das comunidades quilombolas de Alcântara – MA. **ZONA DE IMPACTO**, v. 2, p. 5-108, 2017

MOREIRA, E. TORELLY, M. **Soluções duradouras para indígenas migrantes e refugiados no contexto do fluxo venezuelano**. Brasília: Organização Internacional para as Migrações (OIM), 2020.

_____. Os Warao no Brasil em Cenas: “O estrangeiro ...”. **Périplos: Revista De Estudos Sobre Migrações**, v. 2, n. 2, p. 56–69, 2019.

MOREIRA, E. CAMARGO, J. Pesquisa qualitativa. In: SIMÕES, G (Org.). **Perfil sociodemográfico e laboral da imigração venezuelana no Brasil**. Curitiba: CRV, 2017. p. 49-91.

MOUTINHO, P. **Parecer técnico Nº 10/2017 – SP/MANAUS/SEAP**. Ministério Público Federal (MPF), 2017.

_____. **Relatório técnico SEAP/PGR – 000794/2017**. Ministério Público Federal (MPF), 2017.

_____. **Parecer técnico Nº 2193/2019 – DPA/CNP/SPPEA**. Ministério Público Federal (MPF), 2019.

_____. **Parecer técnico Nº 1127/2020 – DPA/CNP/SPPEA.** Ministério Público Federal (MPF), 2020.

NOGUEIRA, A. R. B. **Mapa mental:** recurso didático no ensino de Geografia no primeiro grau. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994

RAMOS, L. BOTELHO, E. TARRAGÓ, E. **Sobre a situação dos indígenas da etnia Warao, da região do delta do Orinoco, nas cidades de Boa Vista e Pacaraima.** Parecer Técnico Nº 208/2017/SEAP/6^aCCR/PFDC. Brasília: Ministério Público Federal/Procuradoria Geral da República. 2017.

RIBEIRO, M. Imigração venezuelana: os Waraos e o direito à moradia, à educação, ao trabalho e à cidade de Manaus (2016-2019). *Manduarisawa*, v. 5, n. 1, p. 28-40, 2021.

RODRÍGUEZ, A. M. La demarcación de territorios indígenas en Venezuela: algunas condiciones de funcionamiento y el rol de los antropólogos. *Revista Antropológica*, p. 13-39, 2006.

ROSA, M. QUINTERO, P. Entre a Venezuela e o Brasil: algumas reflexões sobre as migrações Warao. In: 32^a Reunião Brasileira de Antropologia, 2020, Rio de Janeiro. **Anais [...].** Rio de Janeiro: ABA; UERJ, 2020. p. 1-13.

_____. **A mobilidade Warao no Brasil e os modos de gestão de uma população em trânsito:** reflexões a partir de experiências de Manaus-AM e de Belém-PA. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2020.

SANTOS, M. BECKER, B (Org). **Território, territórios:** ensaios sobre o ordenamento territorial. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

SANTOS, L. Vasconcelos. Deslocamentos transfronteiriços de indígenas Warao: Impactos do desenvolvimentismo moderno à vida indígena. In: 32^a Reunião Brasileira de Antropologia, 2020, Rio de Janeiro. **Anais [...].** Rio de Janeiro: ABA; UERJ, 2020. p. 1-17.

SANTOS, S. M. A. ORTOLAN, M. H. SILVA, S. A. “Índios imigrantes” ou “imigrantes índios”? Os Warao no Brasil e a necessidade de políticas migratórias indigenistas. In:

31ª Reunião Brasileira de Antropologia, 2018, Brasília. **Anais [...]**. Brasília: RBA, 2018. p. 1-24.

SANTOS, J. R. T. **Diáspora dos índios Warao da Venezuela**. Dissertação [Mestrado em Antropologia Social] - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2019.

SAQUET, M. A; BRISKIEVICZ, M. Territorialidade e identidade: um patrimônio no desenvolvimento territorial. **Caderno Prudentino de Geografia**, v. 1, n. 31, p. 3-16, 2009.

_____. GALLO, A. Fronteira, território e formação do sul do Brasil. **Terra Livre**, v. 2, n. 35, p. 89-102, 2010.

SECRETARIA MUNICIPAL DA MULHER, ASSISTENCIA SOCIAL E DIREITOS HUMANOS. **Relatório da equipe técnica multidisciplinar abrigos Alfredo Nascimento e Tarumã**. Manaus/setembro/outubro 2018.

_____. Memo. Nº 064/2020.

_____. Memo. Nº 066/2020.

SILVA, S.; TORELLY, M. **Diagnóstico e avaliação da migração indígena da Venezuela para Manaus, Amazonas**. Brasília: Organização Internacional para as Migrações (OIM); Agência das Nações Unidas para as Migrações, 2018.

SOARES, W. RODRIGUES, R. N. Redes sociais e conexões prováveis entre migrações: internas e emigração internacional de brasileiros. **São Paulo em Perspectiva**, v. 19, p. 64-76, 2005.

SONEGHETTI, P. M. C. **Parecer técnico acerca da situação dos indígenas da etnia Warao na cidade de Manaus, provenientes do Delta do Orinoco, na Venezuela**. Procuradoria Geral da República/AM, 2017.

SOUZA, J. H. Janokos brasileiros: uma análise da imigração dos Warao para o Brasil. **Boletim Científico ESMPU**, v. 17, n. 52, p. 71-99, jul./dez. 2018.

SOUZA, M. R. **Políticas migratórias do Brasil: os limites do programa de interiorização para indígenas Warao da Venezuela**. Monografia (Graduação em Administração Pública e Políticas Públicas) - Instituto Latino-Americano de Economia,

Sociedade e Política, Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2019.

TRUZZI, O. Redes em processos migratórios. **Tempo Social**: revista de sociologia da USP, v. 20, n. 1, p. 199-218, 2008.

TUAN, Y. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. SciELO-EDUEL, 2012.

VASCONCELOS, I. S. Receber, enviar e compartilhar comida: aspectos da migração venezuelana em Boa Vista, Brasil. **REMHU, Rev. Interdiscip. Mobil. Hum.**, Brasília, v. 26, n. 53, ago. 2018, p. 135-151.

VENTURA, L. **Migração e direitos coletivos**: a presença dos Warao no Brasil. In: Relatório - Violência contra os Povos Indígenas no Brasil. Conselho Indigenista Missionário - CIMI, 2018.

WILBERT, J. Vestidos y adornos de los indios Warao. In: WILBERT, J. **Antropológica**. Caracas: Fundación La Salle de Ciencias Naturales; Instituto Caribe de Antropología y Sociología, 1963. p. 6-26.

WILBERT, W.; AYALA LAFÉE-WILBERT, C. También somos gente: cambio cultural paradigmático warao. **Anthropos**, v. 104, n. 2, p. 423-444, 2009.

ANEXO

ANEXO A – OFÍCIO PPGEOG / N°-064/ 2020



Poder Executivo
Ministério da Educação
Universidade Federal do Amazonas
IFCHS/DEGEO/Programa de Pós-Graduação em Geografia
Mestrado e Doutorado Conceito 4 - CAPES



Manaus, 19 de Outubro de 2020

OFÍCIO PPGEOG / N° 064/ 2020

Senhora Secretária,

Ao cumprimentá-la cordialmente, apresento a Vossa Senhoria o discente **Pablo Rogério Rosas Costa**, do Programa de Pós-Graduação em Geografia, o qual está realizando uma pesquisa de mestrado sob o tema **“Reterritorialidade do Povo Warao em Manaus: Significados Territoriais e Existenciais”**, cuja orientação está sob a responsabilidade da professora Doutora **Amélia Regina Batista Nogueira**, Membro Permanente do Programa.

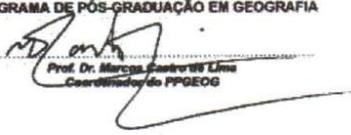
O citado mestrando necessita, para embasar sua Dissertação de Mestrado, **promover visitas ao Abrigo Tarumã-Açu, o qual abriga os indígenas venezuelanos da etnia Warao; entrevistar o Coordenador do Abrigo e um líder da etnia Warao.**

Ressalta-se que a execução destas atividades estarão contempladas dentro das normas da Organização Mundial de Saúde (OMS), entre as quais o uso de máscara e o distanciamento social.

Esperamos contar com sua colaboração e apoio para que o mestrando possa obter os dados necessários para embasamento de sua dissertação final, os quais são fundamentais para a finalização de sua dissertação de mestrado.

Atenciosamente

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA


Prof. Dr. Marcos Castro Lima
Coordenador do PPGEOG

EMASC / GABINETE
DATA

19/10/2020

As 14 h 05

Hanna

Gabinete: 98842-2266

Ilma. Sra.

Dra. SUZY ANNE ÓZIMO SABINO DE ARAÚJO

MD. Secretária Municipal da Mulher, Assistência Social e Cidadania – SEMASC / PMM

NESTA

ANEXO B – OFÍCIO PPGEOG /Nº-066/ 2020



Poder Executivo
Ministério da Educação
Universidade Federal do Amazonas
 IFCHS/DEGEO/Programa de Pós-Graduação em Geografia
 Mestrado e Doutorado Conceito 4 - CAPES



Manaus, 12 de Novembro de 2020

OFÍCIO PPGEOG / Nº 066/ 2020

Senhora Secretária,

Ao cumprimentá-la cordialmente, apresento a Vossa Senhoria o discente **Pablo Rogério Rosas Costa**, do Programa de Pós-Graduação em Geografia, o qual está realizando uma pesquisa de mestrado sob o tema "**Reterritorialidade do Povo Warao em Manaus: Significados Territoriais e Existenciais**", cuja orientação está sob a responsabilidade da professora Doutora **Amélia Regina Batista Nogueira**, Membro Permanente do Programa.

O citado mestrando necessita para coleta de informações dos Warao no Abrigo Tarumã-Açu dos seguintes procedimentos: **Entrevistas e questionários semiestruturados com indígenas da etnia Warao (serão entrevistados 10 homens e 10 mulheres, ou seja, um universo de 20 sujeitos maiores de 18 anos, com a intenção de compreender através da oralidade (como viviam? por que vieram? Como se organizam?); Observações realizadas pelo pesquisador sobre o sujeito, objeto de análise; Entrevistas e questionários semiestruturados com coordenadores do Abrigo de Acolhimento Tarumã-Açu, para entender como se dá o acolhimento dos indígenas Warao; Para registrar a observação, a entrevista e o questionário impresso serão utilizados caneta e bloco de anotações. O gravador de voz e registro de imagens serão realizados através do aparelho celular.**

Ressalta-se que a execução destas atividades estarão contempladas dentro das normas da Organização Mundial de Saúde (OMS), entre as quais o uso de máscara e o distanciamento social.

Esperamos contar com sua colaboração e apoio para que o mestrando possa obter os dados necessários para embasamento de sua dissertação final, os quais são fundamentais para a finalização de sua dissertação de mestrado.

Segue anexada a este ofício cópia da versão preliminar da dissertação apresentada no Exame de Qualificação do discente.

Atenciosamente

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA


 Prof. Dr. Marcos Casanova Lima
 Coordenador do PPGEOG

SEMASC / GABINETE

DATA

12 / 11 / 2020

As 14 h 00

Hamra

Assinatura

Ilma. Sra.

Dra. SUZY ANNE ÓZIMO SABINO DE ARAÚJO

MD. Secretária Municipal da Mulher, Assistência Social e Cidadania –

SEMASC / PMM

NESTA

IFCHS/PPGEOG/MESTRADO EM GEOGRAFIA/UFAM – Av. Gal. Rodrigo Otávio Jordão Ramos, 3000, Setor Norte,
 Campus Universitário – 69077-000 – Manaus/AM – E-mail: ppgeog@ufam.edu.br